

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**CONECTORES ADVERSATIVOS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
SOBRE FUTEBOL: ANÁLISE FUNCIONALISTA EM PERSPECTIVA
HISTÓRICA**

ISABEL PAULINE LIMA DE BRITO

JOÃO PESSOA
2016

ISABEL PAULINE LIMA DE BRITO

**CONECTORES ADVERSATIVOS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
SOBRE FUTEBOL: ANÁLISE FUNCIONALISTA EM PERSPECTIVA
HISTÓRICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para obtenção do título de Mestre. Área
de concentração: Teoria e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva

JOÃO PESSOA
2016

B862c Brito, Isabel Pauline Lima de.
Conectores adversativos em textos jornalísticos sobre
futebol: análise funcionalista em perspectiva histórica / Isabel
Pauline Lima de Brito.- João Pessoa, 2016.
113f. : il.
Orientador: Camilo Rosa da Silva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Teoria e análise linguística. 3. Gramática.
4. Conectores adversativos. 5. Notícias. 6. Futebol - textos
jornalísticos.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

**CONECTORES ADVERSATIVOS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
SOBRE FUTEBOL: ANÁLISE FUNCIONALISTA EM PERSPECTIVA
HISTÓRICA**

Isabel Pauline Lima de Brito
Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva

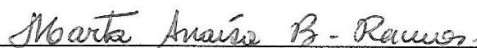
Dissertação submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data: 15 / 03 / 2016

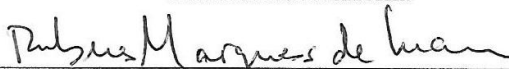
BANCA EXAMINADORA



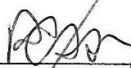
Prof. Dr. Camilo Rosa Silva
PROLING – UFPB
Orientador



Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Examinadora Externa



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
PROLING - UFPB
Examinador Interno



Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis
UFMG - UFPB
Suplente

JOÃO PESSOA
2016

Dedico este trabalho
Aos meus pais, por todo esforço em me entenderem
enquanto estive tão ausente e
quando precisei de apoio.
Foi através desse apoio que me senti segura
e consegui seguir em frente
para finalizar esse sonho de vida.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento mais esperado de todo esse projeto, o de agradecer a todos que apoiaram e ajudaram, direta ou indiretamente, para a concretização desse meu sonho.

Em primeiro lugar em minha vida está a força que Deus me presenteou para poder trilhar o caminho do conhecimento e da educação. Nele encontrei a maior fé em finalizar esse projeto que sempre foi meu sonho, afinal, acredito que não basta ser educadora, a pesquisa é o que move o mundo com descobertas que mudam percursos, constroem teorias e salvam vidas.

Mas sozinha eu não conseguiria chegar a tanto, por isso, agradeço imensamente:

Ao professor Dr. Camilo Rosa Silva, por ser um ótimo orientador, que me ensinou sobre o verdadeiro significado de ser pesquisadora, me deixando decidir sobre tudo que girou em torno desse trabalho. Aprendi muito e vou levar essa liberdade que você me proporcionou para minha profissão, para que mais estudantes nesse país tenham responsabilidade e liberdade para descobrirem o conhecimento.

À Professora Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos, pela rica troca de experiência vivenciada nas reuniões de grupo de pesquisa e, depois, pelas sugestões, críticas e dicas feitas no processo de qualificação. Este trabalho tem muito de suas contribuições.

Ao professor Dr. Rubens Marques de Lucena, tanto pelos ensinamentos na disciplina de Sociolinguística, quanto pela avaliação e contribuição no período da qualificação para com esse meu trabalho. Tem muito de seus ensinamentos aqui também.

A todos os esforçados e dedicados professores do programa de pós-graduação em linguística – PROLING – através dos quais fui construindo toda a base teórica desse meu caminhar dentro da UFPB. Não é fácil chegar a um programa tão sério e puxado, com uma bagagem tão vazia e sentir que vou saindo com muito conhecimento e muito aprendizado.

Aos meus colegas de disciplinas do programa que deixaram as angústias dos primeiros momentos mais leves.

Aos meus colegas de trabalho do IFPE, pelo apoio, palavras de carinho, suporte e por acreditarem na minha força. Um agradecimento especial a Jussara e Denise por me ajudarem com partes da dissertação, corrigindo comigo e me passando sempre muita positividade; a Fátima e a Cláudia que me entendem como ninguém e que também me acolhem com muito carinho, atenção e apoio.

A minha grande amiga Aryana Pereira, pela paciência com que me tratou nesse período, por ser minha amiga mais próxima e que muitas vezes me tirou de casa para passear, assistir a

filmes, ouvir uma música. A você tenho um agradecimento especial pelo grande apoio de sempre, foi um porto seguro para mim!

A minhas amigas de Caruaru, ex-companheiras de escolas e de muitas aventuras, vocês também fazem parte desse meu momento e da construção de tudo. Em especial a minha grande amiga, eterna Ediane (galega), que de onde estiver com certeza continua a me abençoar. Que falta que sinto das conversas e das risadas que tanto me acompanharam em períodos bem difíceis aqui em Recife. Lembro que pouco antes de nos deixar ela precisou de minha ajuda e eu, estando em João Pessoa, ainda nas disciplinas, não pude atendê-la. Ainda hoje esse 'não' dói em mim. Dedico esse projeto também a você, Ediane.

A meus pais que me deram o melhor presente de todos: o amor aos estudos e a vivência dentro da educação. Meu pai, Luis Brito, é meu suporte, meu exemplo para tudo que escolhi fazer na minha vida e minha mãe, Maria Olívia, é a maior educadora que existe no mundo, foi através de seus ensinamentos que me tornei educada, informada, responsável e outros tantos traços que aprendi e herdei dessa união.

Ao meu único e melhor irmão do mundo, Luis Omar, pelo apoio e pelo amor com que sempre me tratou e me acolheu. A minha cunhada Eva, meu sobrinho Gabriel e minha sobrinha Maria Luisa, por juntos formarem a melhor família que alguém poderia ter e pela paciência com que sempre trataram a minha ausência em tantos aniversários, formaturas e comemorações que sempre me fez presente somente de coração.

A todos os meus familiares e amigos, que, de forma direta ou indireta, contribuíram com palavras de apoio e carinho para que eu pudesse concluir mais esse projeto.

Agradeço principalmente a mim, pela persistência, pela insistência e pela dedicação em tudo que sempre fiz.

RESUMO

Este trabalho consiste na análise de conectores adversativos presentes em notícias jornalísticas sobre futebol no estado de Pernambuco. Para sua realização, constituímos um *corpus* com dados das primeiras décadas do século XX e das primeiras décadas do século XXI. Ao todo, analisamos sessenta notícias, sendo trinta de cada amostra, tendo sido identificados cento e quinze itens adversativos. O estudo do comportamento funcional dos itens parte da aplicação de suportes teóricos funcionalistas: princípio da marcação, princípio da iconicidade e teoria dos protótipos. Seguimos essa perspectiva teórica baseando-nos em estudos de Givón (1990; 1995), Hopper e Traugott (1993; 2003), Neves (2000), Castilho e Elias (2012), Furtado da Cunha *et al.* (2013). A análise utiliza como contraponto a consulta a gramáticos tradicionais, como Almeida (1962), Melo (1978), Cunha (1986), Cegalla (1989), Bechara (2009), dentre outros. Dentre os resultados alcançados, constatamos que o *mas* se apresenta como o item mais recorrente nos dois recortes da pesquisa, o que comprova seu valor de prototípico nessa função, embora registremos sua inserção em contextos de uso inovadores. Além disso, percebemos que a gramática tradicional não atualiza a lista de conjunções adversativas, uma vez que não adota perspectivas de observação dos itens em situação de uso, desconsiderando, assim, os processos de mudança que se concretizam com o passar do tempo.

Palavras-chave: gramática; conectores adversativos; notícias; futebol.

ABSTRACT

This work is the analysis of adversative connectors which are present in the newspaper articles about soccer, in Pernambuco. To execute this, it has been used a *corpus* with data from the early XX century and the early XXI century. In all, sixty articles were analyzed, thirty for each time sample, in a total of a hundred and fifteen adversative items found. The study of function behavior of the items is observed by the application of functionalist theoretical support: markedness principle, iconicity principle and prototypes theory. We follow this theoretical perspective based on the studies of Givón (1990 and 1995), Hopper and Traugott (1993 and 2003), Neves (2000), Castilho and Elias (2012), Furtado da Cunha *et al* (2013). The analysis uses, in contrast, the consultation with traditional grammarians, as Almeida (1962), Melo (1978), Cunha (1986), Cegalla (1989), Bechara (2009), and others. Among the results, it has been verified that the item ‘*mas*’ has been presented as the prototypical of adversity, remaining as the most frequent in the two time samples of the research. This shows the prototypical value of the item in this function, although there has been insertion of it in contexts of innovative uses. Furthermore, it is observed that the traditional grammar hasn’t updated the list of adversative conjunctions once they haven’t adopted perspectives of observing the item in use situation. They have disregarded the language change process.

Keywords: grammar, adversative connectors, news (articles), soccer.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

QUADROS

- Quadro 1:** Concepções de gramaticalização, p.27
Quadro 2: Unidirecionalidade vs. mecanismos de gramaticalização, p.29
Quadro 3: Os princípios de Hopper, p.31
Quadro 4: Presença e ausência da lista de itens adversativos de acordo com cada recorte, p.53
Quadro 5: Processo evolutivo de gramaticalização do *mas*, p.74
Quadro 6: Marcação pela distribuição de frequência das conjunções no recorte do século XX, p.90
Quadro 7: Complexidade estrutural/marcação das conjunções no *corpus* do século XX, p.90
Quadro 8: Complexidade cognitiva/marcação das conjunções no *corpus* do século XX, p.91
Quadro 9: Marcação pela distribuição de frequência das conjunções no *corpus* do século XXI, p.92
Quadro 10: Complexidade estrutural/marcação das conjunções no *corpus* do século XXI, p.93
Quadro 11: Complexidade cognitiva/marcação das conjunções no *corpus* do século XXI, p.94
Quadro 12: Marcação do contexto estrutural do item mais produtivo dos dois recortes, o *mas*, p.97
Quadro 13: Prototipicidade dos itens de oposição no recorte do século XX, p.102
Quadro 14: Prototipicidade dos itens de oposição no recorte do século XXI, p.103

TABELAS

- Tabela 1:** Itens adversativos no *corpus* total, p.52
Tabela 2: Itens adversativos no *corpus* do século XX, p.59
Tabela 3: O item *mas* de acordo com sua colocação nas frases: século XX, p.62
Tabela 4: O *porém* ligando orações ou termos da oração, p.64
Tabela 5: Posição estrutural ocupada pelo *porém*, p.65
Tabela 6: Itens adversativos na amostra do século XXI, p.70
Tabela 7: O item *mas* de acordo com sua colocação nas frases: século XXI, p.71
Tabela 8: O *mas*, de acordo com sua colocação nas frases, nos dois recortes, p.72
Tabela 9: O item *no entanto* e sua posição nas orações do século XXI, p.76
Tabela 10: O *porém* antes ou depois do sujeito de acordo com o recorte do século XXI, p.78
Tabela 11: Os itens adversativos de acordo com suas posições estruturais no recorte do século XX, p.96
Tabela 12: Os itens adversativos de acordo com suas posições estruturais no recorte do século XXI, p.96

FIGURAS

- Figura 1:** Types of Iconicity, p.18
Figura 2: Prototipicidade dos conectores adversativos no recorte do século XX, p.102
Figura 3: Prototipicidade dos conectores adversativos no recorte do século XXI, p.103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 11
1. O FUNCIONALISMO, SEUS PRINCÍPIOS, SUA GRAMÁTICA E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	16
1.1 O FUNCIONALISMO	16
1.2 OS PRINCÍPIOS DA ICONICIDADE, DA MARCAÇÃO E A TEORIA DA PROTOTIPICIDADE	17
1.2.1 O princípio da iconicidade	17
1.2.2 O princípio da marcação	20
1.2.3 A teoria da prototipicidade no Funciona	22
1.3 A GRAMÁTICA FUNCIONALISTA	24
1.4 GRAMATICALIZAÇÃO.....	26
2. OS CONECTORES ADVERSATIVOS: DA TRADIÇÃO AO FUNCIONALISMO..	33
2.1 UM BREVE ESTUDO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA NO BRASIL	33
2.2 A CONJUNÇÃO ADVERSATIVA: DO MAIS AO MENOS “TRADICIONAL”	37
2.3 VISÃO FUNCIONALISTA ACERCA DA CONJUNÇÃO ADVERSATIVA	44
2.4 A ANÁLISE DAS ADVERSATIVAS: O ESTADO DA ARTE	46
3. OS DADOS: ANÁLISE E REFLEXÃO	52
3.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS ITENS	53
3.1.1 <i>Mas</i>	53
3.1.2 <i>Porém</i>	54
3.1.3 <i>No entanto</i>	54
3.1.4 <i>Contudo</i>	55
3.1.5 <i>Entretanto</i>	55
3.1.6 <i>E</i>	56
3.1.7 <i>Todavia</i>	56
3.1.8 <i>Em contrapartida</i>	56
3.1.9 <i>Por sua vez</i>	57
3.2 AMOSTRA DO SÉCULO XX	58
3.3 OS ITENS ANALISADOS NO RECORTE DO SÉCULO XX	59
3.3.1 O item <i>mas</i>	60
3.3.2 O item <i>porém</i>	63
3.3.3 O item <i>entretanto</i>	66

3.3.4 O item <i>contudo</i>	67
3.3.5 O item <i>no entanto</i>	68
3.3.6 O item <i>todavia</i>	68
3.4 AMOSTRA DO SÉCULO XXI	69
3.5 OS ITENS ADVERSATIVOS NO RECORTE DO SÉCULO XXI	69
3.5.1 O item <i>mas</i>	70
3.5.2 O item <i>no entanto</i>	75
3.5.3 O item <i>porém</i>	77
3.5.4 O item <i>contudo</i>	79
3.5.5 O item <i>e</i>	80
3.5.6 O item <i>entretanto</i>	81
3.5.7 O item <i>em contrapartida</i>	81
3.5.8 O item <i>por sua vez</i>	82
4. ANÁLISE FUNCIONALISTA DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS	84
4.1 A ICONICIDADE	85
4.2 A MARCAÇÃO	89
4.2.1 A marcação no <i>corpus</i> do século XX	90
4.2.2 A marcação no <i>corpus</i> do século XXI	92
4.2.3 A marcação e o contexto de acordo com a posição dos termos na estrutura textual	95
4.2.3.1 <i>Marcação quanto ao contexto estrutural: comparativo dos recortes do século XX e do século XXI</i>	95
4.3 A TEORIA DOS PROTÓTIPOS	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

No presente trabalho analisamos o funcionamento de conectores¹ adversativos, a partir de uma amostra de usos presentes em notícias sobre futebol coletadas em jornais impressos.

A escolha desta temática deve-se ao fato de esse esporte, costumeiramente, ser alvo de polêmicas, as quais traduzem toda uma gama de opiniões contrárias entre si, que motivariam a incidência de orações adversativas. O tópico *futebol* consiste num tema inerente à cultura brasileira, ensejando a manifestação de ideias opostas, emanadas da divisão de torcidas que, apaixonadamente, sustentam opiniões em favor de seus objetivos: vitórias e títulos em disputa. Assim, ao constatamos em textos dessa esfera a metáfora FUTEBOL É GUERRA, percebemos a possibilidade de incidência abundante de orações adversativas em notícias produzidas pelo jornalismo esportivo.

Para a análise proposta optamos por dois recortes sincrônicos: um referente às primeiras décadas do século XX e, o outro, às primeiras décadas do século XXI. O estudo caracteriza-se, em essência, como comparativo.

No estado de Pernambuco, *locus* de nossa pesquisa, o futebol surgiu no início do século XX, mais precisamente, no ano de 1903. Mesmo sendo mais escasso o número de notícias nessa época, mantivemos a crença de que a frequência dos termos adversativos seria suficiente para desenvolvermos um estudo comparativo entre as duas amostras temporais mencionadas.

Conforme já afirmamos, os textos selecionados para estudo compreendem as *notícias*, gênero que, para Benassi (2009, p.1793), trata-se de “um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos. É a matéria-prima do Jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa mídia”. Na modalidade escrita, o gênero notícia busca informar, utilizando registros que vão do formal ao informal, a depender do público alvo do veículo. A escolha desse gênero se justifica, então, por se tratar de uma fonte rica em dados como os que aqui nos interessam: os conectores adversativos. O fato de procurar um equilíbrio em relação aos usos considerados padrão, aspecto caracterizador do jornalismo impresso, instiga ainda mais o diálogo proposto aqui entre a gramática tradicional e a abordagem funcionalista.

¹ Neste trabalho, os termos *conector*, *conectivo* e *conjunção* são usados com o mesmo sentido, embora seja predominante na literatura linguística atual uma preferência por *conector*, o qual apresentaria distinções funcionais em relação à *conjunção* tradicional. Entretanto, entendemos que, na presente análise, essa distinção não se faz relevante.

Itens opositivos podem aparecer em qualquer gênero textual e em qualquer domínio discursivo, embora se saiba que o campo mais fértil para o uso desses itens é o texto de teor argumentativo. A notícia, como sabemos, caracteriza-se por ser um texto informativo, de estrutura predominantemente narrativa, que deve fazer uso de uma linguagem objetiva e direta; entretanto, ela é frequentemente contaminada pelo ponto de vista dos jornalistas; e, quando eles lidam com a paixão que o esporte desperta, essa influência dificilmente consegue ser dissimulada. Assim, examinando notícias que tratam sobre a ocorrência de um jogo, encontramos, quase sempre, exemplares de itens adversativos que objetivam relacionar textualmente a contiguidade de dados do mundo ou de pontos de vista contrapostos.

Motivados pelo interesse em descobrir se haveria mudança no comportamento funcional das conjunções, considerando os dois recortes de tempo, procuramos encontrar respostas para questões como: a) Como se comportam funcionalmente as conjunções nesses dois recortes de tempo? b) quais os itens adversativos mais frequentes nas notícias jornalísticas impressas no início do século XX e também do século XXI? c) nessas notícias, os conectores adversativos que se apresentam são os mesmos listados nas principais gramáticas de cada época? d) as regras presentes nas gramáticas normativas são as que regem o uso verificado na construção de tais notícias?

Considerando todas as questões postas, através da análise do comportamento da adversidade, perseguimos traçar um panorama descritivo-funcional dos conectores adversativos utilizados nas notícias sobre futebol da imprensa pernambucana. Esse objetivo geral se desmembra em outros mais específicos, a saber: a) identificar estratégias de construção da adversidade e buscar explicação para a utilização de elementos não tradicionalmente classificados como conectores adversativos; b) verificar, a partir da listagem dos elementos adversativos frequentes em cada época, se as conjunções prototípicas no início do século XX continuam as mesmas no recorte do século XXI; c) refletir acerca do tratamento que a gramática tradicional dispensa aos conectores adversativos atuantes nos dois recortes temporais da pesquisa; d) confrontar o comportamento dos itens flagrados no empenho da referida função, considerando os dois recortes temporais; e e) verificar se as gramáticas atualizaram a lista das conjunções adversativas de acordo com o uso, contemplando os itens atualmente gramaticalizados nessa função.

Para atingir os objetivos ora formulados, lançamos mão do aparato teórico da linguística funcionalista, tendo como contraponto a visão prescritivista da gramática tradicional. Evidentemente, a postura não é de condenação a um modelo e enaltecimento a outro; apenas, buscamos subsídios para uma descrição e compreensão mais diversa do

funcionamento da língua em contextos de escrita, em duas épocas distanciadas no transcorrer do tempo histórico. Para este estudo, recorreremos aos princípios funcionalistas da marcação e da iconicidade, como também, à chamada teoria dos protótipos. O acesso à teoria funcionalista, basicamente centrado nos estudos de Givón (1990 e 1995), Neves (2000), Castilho e Elias (2012), Bagno (2013), Cezario e Furtado da Cunha *et al.* (2013) e Castilho (2014), somando-se à consulta a gramáticos de postura tradicional, tais como Almeida (1962), Melo (1978), Rocha Lima (1979), Cunha (1986), Cegalla (1989), Luft (2002) e Bechara (2009), nos conduzirá nesta proposta de análise do comportamento dos conectores adversativos.

A posição teórica assumida nos instiga a alimentar a hipótese de que alguns itens adversativos apresentam indícios de gramaticalização, no início do século XX, no contexto de uso investigado, considerando a época de implantação desse esporte no estado de Pernambuco. Nossa percepção é influenciada por pontos de vista como o de Martelotta (2011, p.27), para quem “[...] a mudança está associada ao funcionamento das línguas, ou, em outras palavras, é um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”.

Em relação aos procedimentos realizados para a execução da pesquisa, uma vez definidos o objeto, o tema e os recortes temporais nos quais coletaríamos os dados, o passo seguinte foi investir na composição do *corpus*. Nesse sentido, realizamos a leitura de documentos históricos, mais precisamente, jornais da cidade do Recife, com digitalização de notícias cujo assunto fosse o futebol na região, tratando desde o seu surgimento, na sociedade pernambucana, que contempla as primeiras décadas do século XX, até a fase mais recente, que compreende as primeiras décadas do século XXI.

Os jornais do primeiro recorte foram escolhidos seguindo as referências apresentadas no livro de Givanildo Alves (1978): História do Futebol em Pernambuco. São eles: Jornal do Recife, Diário da Manhã e Jornal Pequeno, entre os anos de 1905 e 1927. Os jornais do segundo recorte foram selecionados de acordo com os jornais sediados em Pernambuco e com maior circulação na cidade do Recife; são eles: Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco, entre os anos de 2001 e 2015. Os jornais foram pesquisados no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano e no acervo digital da CEPE (Companhia Editora de Pernambuco).

Após a definição das fontes a serem pesquisadas, realizamos o processo de digitalização dos jornais para composição da base de dados de nosso estudo. Posteriormente à digitalização, passamos à fase de edição das imagens, usando o programa Office Picture

Manager, da Microsoft; em seguida, fizemos a catalogação do material por datas e títulos de jornais. Concluída essa etapa, investimos na coleta de dados propriamente dita, isto é, na identificação, em cada uma das épocas referidas, das conjunções adversativas para depreender a frequência dos tipos observados.

A amostra de dados que compõe o século XX compreende 30 (trinta) notícias, das quais 21 (vinte e uma) apresentaram conectores adversativos. Também a amostra do século XXI compreende 30 (trinta) notícias, todas apresentando conectores adversativos. Logo, tomamos como objeto de análise 51 textos, nos quais identificamos 115 ocorrências – 33 do primeiro recorte e 82 do segundo. Para a tomada de decisão acerca do volume de textos que comporiam a consulta, guiamo-nos pela percepção de que o número já detectado de itens linguísticos seria materialmente razoável para a realização de uma análise consistente, tendo em vista o limite de tempo para execução da pesquisa e o escopo que se institui para trabalhos dessa natureza.

Objetivando dar visibilidade aos resultados da pesquisa, organizamos esta dissertação, conforme segue: o Capítulo I, O funcionalismo, seus princípios, sua gramática e o processo de gramaticalização, apresenta a teoria do Funcionalismo Linguístico, especialmente, evidenciando o processo de Gramaticalização. Nesse capítulo, de cunho teórico, buscamos os principais autores de base Funcionalista, mais precisamente do chamado funcionalismo norte-americano, tais como Givón (1990; 1995), Hopper e Traugott (1993), entre outros, para alçarmos conceitos e princípios defendidos por essa perspectiva teórica, entre eles a teoria da Prototipicidade, os princípios da Iconicidade e da Marcação.

O Capítulo II, Os conectores adversativos: da tradição ao funcionalismo, inicia com um resumo da história da gramática no Brasil, seguindo com a listagem do que tem sido considerado conector adversativo, tanto de acordo com os autores de gramáticas tradicionais, como da visão de gramáticas de base funcionalista. Concluindo o capítulo, apresentamos estudos mais recentes sobre as adversativas. Assim, realçamos um panorama dos estudos sobre a adversidade e seus conectores, contemplando diferentes abordagens.

O Capítulo III, Os dados: análise e reflexão, compõe o estudo dos dois recortes do *corpus*: o das primeiras décadas do século XX e o das primeiras décadas do século XXI. Assim, lista todos os itens, detalhando origem, significado e trajetória de mudança até chegarem a funcionar como conjunções adversativas. Ainda, traça uma comparação do que ocorre com os itens nas duas amostras da pesquisa. Há uma análise quantitativa, usando a frequência dos itens nos recortes do *corpus*, aliada à análise de outros fatores funcionais, perseguindo os objetivos propostos para a pesquisa.

No Capítulo IV, Análise funcionalista das conjunções adversativa, explicamos os dados à luz da teoria funcionalista, mostrando como se manifestam os princípios da Iconicidade, da Marcação, como também, a concepção de Prototipicidade. Nesse contexto, buscamos evidenciar as motivações que influenciam ou determinam as escolhas dos falantes por um ou outro conector, situando a trajetória de gramaticalização experimentada pelos referidos itens.

Desse modo, analisando as notícias sobre futebol no início do século XX, e comparando com notícias do século XXI, pretendemos contribuir para uma melhor descrição do funcionamento real da língua, especialmente no que diz respeito ao processo de gramaticalização dos conectores adversativos.

1. O FUNCIONALISMO, SEUS PRINCÍPIOS, SUA GRAMÁTICA E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

No presente capítulo, abordamos a teoria do Funcionalismo Linguístico, contemplando a caracterização da Gramática Funcional e do processo de Gramaticalização. Trata-se de um capítulo de cunho teórico que dialoga com alguns dos principais autores de base funcionalista, com ênfase no chamado Funcionalismo Norte-Americano, com destaques para Givón (1990; 1995) e Hopper & Traugott (1993; 2003). Também são contemplados os estudos de autores brasileiros como Neves (2004, 2006), Martelotta (2011), entre outros. Pautados na leitura desses estudiosos, realçamos conceitos e princípios defendidos por tal perspectiva teórica, como a teoria da Prototipicidade e os Princípios da Iconicidade e da Marcação.

1.1 O FUNCIONALISMO

O Funcionalismo se apresenta como uma teoria com foco na função, mas sem desprezar a forma. A língua é tratada em seu processo de interação, levando em consideração não só o que é interno a ela como também o que está externo. Como descreve Neves (2004, p.13), “[...] o Funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão. [...] unindo o estrutural (sistêmico) e o funcional”.

Esta pesquisa se baseia, predominantemente, no Funcionalismo Norte-Americano, comungando da visão assinalada por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.14), que assim o definem:

A Linguística Funcional norte-americana adquire projeção a partir da década de 1970, passando a identificar as pesquisas cuja característica principal é analisar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. A proposta é que o estudo do discurso e da gramática seja simultâneo, para que se possa entender como a língua se configura.

O Funcionalismo tenta vislumbrar discurso e gramática, estrutura e função, levando em conta tanto aspectos essencialmente linguísticos quanto os extralinguísticos atuantes no processo de interação, para assim entender/explicar a língua em situação de uso.

Martelotta e Alonso (2012, p. 96) definem a Linguística Funcional como

[...] uma linguística baseada em ideias como a que compreende a linguagem como uma atividade sociocultural, cuja estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas e, por essa razão, caracteriza-se por uma dinamicidade constante, resultante da criatividade dos usuários da língua em adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação.

Também Furtado da Cunha (2012, p. 174) trata o funcionalismo como uma abordagem que concebe a linguagem como instrumento de interação social, com interesse na investigação linguística para além da estrutura gramatical. A autora destaca que essa perspectiva teórica busca no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Neves (1997, p. 15) assim resume o Funcionalismo: “Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso”. A autora evidencia que o funcionalismo se pauta na união entre estrutura e função, assim a gramática se constitui na observação do uso da língua.

Um dos temas mais explorados pelos funcionalistas é o fenômeno da mudança linguística. Ao definirem a trajetória de mudança, os autores buscam explicá-la via teoria da gramaticalização, contemplando a questão das escolhas do usuário da língua na interação, fatores importantes para o entendimento, em especial, dos princípios que, a seguir, destacamos neste trabalho.

1.2 OS PRINCÍPIOS DA ICONICIDADE, DA MARCAÇÃO E A TEORIA DA PROTOTIPICIDADE

Ao levarmos em consideração o Funcionalismo norte-americano, entendemos e estudamos a língua em seu processo de interação, contemplando as situações de uso. Assim, aspectos internos e externos da língua não podem ser desprezados. Por isso, alguns tópicos merecem atenção nesse estudo, entre eles: a iconicidade, a marcação e a prototipicidade.

1.2.1 O princípio da iconicidade

O princípio da iconicidade, aparentemente, vai de encontro ao que o Estruturalismo de Saussure propõe em relação ao signo linguístico. Costa (2012, p. 119-120) evidencia a percepção arbitrária do signo linguístico de Saussure, quando aponta que não existe uma relação necessária, natural, entre a sua imagem acústica (significante) e o sentido a que ela

nos remete (seu significado). O signo linguístico não seria, então, motivado, mas, sim, algo convencional, o resultado de um acordo implícito realizado entre os membros de uma determinada comunidade.

Fischer e Nänny (1999, p. xv) sugerem a não-arbitrariedade da língua, ao afirmarem: “There seems to be an innate iconic streak in us that makes us somehow feel or believe that there is a direct link between a word or name (the 'signifier') and the object or concept (the 'signified') it stands for”².

Ainda, os autores (op. cit.) destacam que a iconicidade se apresenta de dois tipos: a imagética (figurativa) e a diagramática. A que pode ser analisada nos estudos linguísticos é a iconicidade diagramática. Vejamos a figura (1) com o esquema diferenciador dos tipos de iconicidade de acordo com Fischer e Nänny (1999, p. xxii).

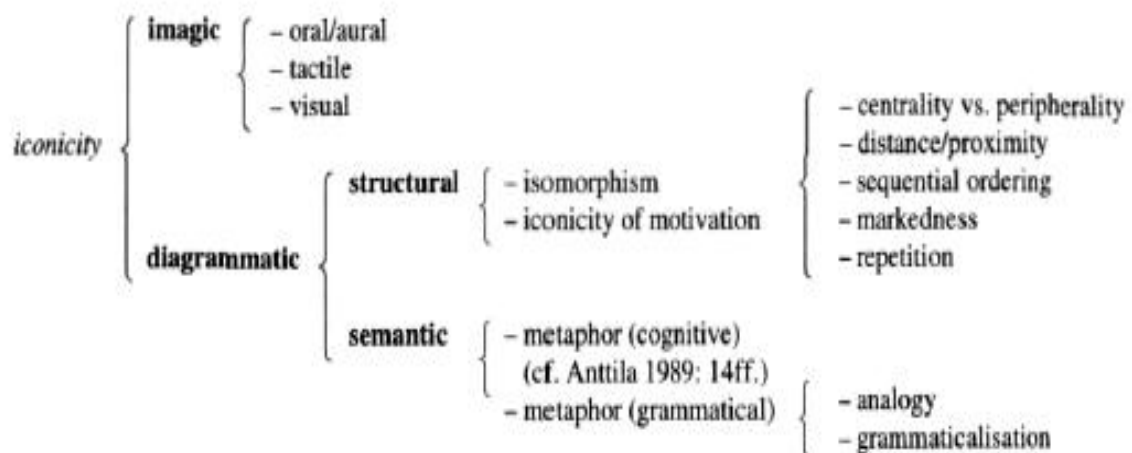


Figura 1: Types of iconicity³ em Fischer e Nänny (1999, p. xxii).

Podemos visualizar, na figura 1, que a iconicidade imagética se apresenta nos formatos: oral, tátil e visual. Esse tipo de iconicidade não está relacionado, pelo menos, não de forma direta, ao estudo linguístico. Já o tipo diagramático está diretamente envolvido com as questões linguísticas, dividindo-se em dois subtipos: o estrutural e o semântico. Desse modo, quando falamos de iconicidade, estamos nos referindo à iconicidade diagramática.

² Parece haver um traço icônico em nós que nos faz, de algum modo, sentir ou acreditar que há uma ligação direta entre uma palavra ou nome ('o significante') e o objeto ou conceito ('o significado') em que se apoia. (Tradução nossa)

³ Tipos de Iconicidade.

Então, dentre os princípios funcionalistas é o princípio da iconicidade o responsável por explicar a existência da motivação linguística. Cezario (2012, p.20) assim caracteriza esse processo, de acordo com Givón (1990):

A frequência de uso de determinadas estruturas pode levar a construções gramaticais. Segundo esse princípio, há algum tipo de motivação entre forma e função que pode ser mais bem compreendida a partir de três subprincípios:

- a) Subprincípio da quantidade – quanto maior, ou mais imprevisível, ou mais importante for a informação a ser transmitida, maior será a quantidade de forma utilizada; e o contrário também se verifica;
- b) Subprincípio da proximidade – os conceitos que estão mais integrados no plano cognitivo também se manifestam com maior integração morfosintática; e o contrário também se verifica;
- c) Subprincípio da ordenação linear – a informação mais importante ou mais tópica tende a ser colocada em primeiro lugar.

O subprincípio da quantidade leva em consideração a densidade da mensagem que o usuário tem para expressar. Quanto mais conteúdo, mais estrutura será produzida; o mesmo se aplica para o contrário, ou seja, quanto menos conteúdo, menos forma será usada. No subprincípio da proximidade, o conteúdo que é sintática ou semanticamente mais próximo tende a aparecer em sequência na frase ou no texto. No caso de um advérbio modificando um adjetivo, por exemplo, os termos estarão dispostos de forma próxima e sequencial, como na frase “uma casa muito bonita”, em que o advérbio ‘muito’ intensifica o adjetivo ‘bonita’, modificador de ‘casa’. Já no subprincípio da ordenação linear há um destaque do que o usuário da língua vai usando em primeiro lugar nas suas construções e o nível de maior ou menor dificuldade na interação vai depender dessa ordem escolhida. Cada situação leva a uma motivação; a iconicidade é justamente essa motivação que influencia essa escolha do usuário da língua no que diz respeito à forma a ser usada em prol da função.

Como bem resume Neves (2006, p. 23):

Na admissão da relação entre cognição e gramática também se assenta a iconicidade, isto é, a consideração de uma motivação icônica para a forma linguística, a consideração de que a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceptual.

A forma tomada pela língua está à disposição de sua natureza conceptual. Estrutura e sentido caminham na direção da escolha que o usuário faz para atingir seu objetivo no processo de interação.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.22), baseados em Givón (1984), afirmam que “em linhas gerais, *iconicidade* é definida como a correlação motivada entre forma e função, ou seja, entre o código linguístico e seu *designatum*.”

Levando em consideração a definição de iconicidade e de seus subprincípios destacamos que o sentido está diretamente relacionado à estrutura linguística apresentada no uso da língua. Os usuários da língua selecionam certas estruturas para a interação com o outro. Tal seleção é sempre intencional, motivada, portanto, icônica.

Votre (1996, p. 15) trata assim a iconicidade:

[...] esse princípio nos diz que há uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem intencionalmente em termos linguísticos, embora nem sempre possamos precisar a intenção ou o propósito específico de cada ato verbal. Isso implica que, na língua, nada se dá por acaso. Razões de economia, eficiência e eficácia levam, naturalmente, os humanos a gramaticalizarem, regularizarem, sistematizarem suas ações verbais, operando com o menor número de signos e de princípios e regras de organização desses símbolos em mensagens.

Pelo exposto, podemos defender que o estudo da forma não pode desvincular-se do estudo da função, visto que há entre ambas uma relação de iconicidade nos termos acima descritos.

Após apresentarmos o princípio da iconicidade na perspectiva do funcionalismo, partimos para o princípio da marcação, princípio esse que se impõe como intimamente relacionado à iconicidade, conforme esclarecemos a seguir.

1.2.2 O princípio da marcação

O princípio da marcação tem uma relação direta com o da iconicidade. Silva (2005, p.62), baseado em Givón (1995), apresenta este princípio como uma herança da linguística estrutural. Ele caracteriza-se, basicamente, por identificar uma relação de presença/ausência de determinadas propriedades inerentes aos itens ou construções linguísticas. Haveria um contraste gramatical binário que se manifestaria em três frentes:

- *Complexidade estrutural*: consiste no fato de que a estrutura marcada tende a ser mais complexa – ou maior – que a equivalente não marcada;
- *Distribuição de frequência*: pressupõe que a categoria marcada tende a ser menos frequente que a não marcada;
- *Complexidade cognitiva*: a categoria marcada tende a ser mais complexa cognitivamente, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e de utilizar mais tempo de processamento que a não marcada.

O princípio da marcação só pode ser analisado mediante uma comparação entre dois ou mais membros de uma categoria. Dentro dessa comparação, o item marcado, seguindo as especificidades de complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva, tenderia a ser aquele menos frequente. Já o item não-marcado seria o mais frequente em consequência de ser menos complexo estrutural e cognitivamente.

Nas palavras do próprio Givón (1995, p.25): “As a theoretical construct, markedness presupposes the notion of formal complexity, whereby the marked is structurally more complex and the unmarked more simple”⁴.

Givón (2012, p.49) ratifica tal princípio ao afirmar que a língua é um instrumento de comunicação e que restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas existem para servir a funções comunicativas específicas: “[...] O propósito comunicativo de diferentes regras gramaticais não é o mesmo, as consequências da decisão de segui-las ou de ‘quebrá-las’ também não são as mesmas”. Assim, para Givón, pode-se ordenar as regras da gramática pelo grau de sua importância comunicativa.

Também segundo Givón (1995), citado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.25), “uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não marcada em outro; vista assim, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.”

No estudo da mudança linguística, alguns termos, itens ou construções gramaticais se repetem tanto que se tornam corriqueiros e opacos. A busca, em certas situações da interação comunicativa, de formas menos usuais que renovem a expressividade das informações enunciadas pelos usuários da língua é que torna possível a competição entre formas. Esse fenômeno pode ser explicitado no estudo do princípio da marcação. Como afirma Furtado da Cunha (2012, p.171):

⁴ “Como uma construção teórica, a marcação pressupõe a noção da complexidade formal, por meio do qual o marcado é estruturalmente mais complexo e o não-marcado é mais simples”. (Tradução nossa)

[...] Uma forma linguística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade. Assim, quando querem ser expressivos, os falantes usam formas marcadas.

Nesse sentido, as formas marcadas são inovadoras porque são menos previsíveis nos contextos em que aparecem.

A observação da manifestação deste princípio pode ser bastante produtiva para explicar a preferência dos usuários por uma forma em detrimento de outra, ou seja, identificar as motivações que estão por trás da popularidade de certos itens e a baixa frequência de outros. Exatamente por isso ele é conhecido como Princípio meta-icônico da marcação.

Na próxima seção, tratamos da teoria dos protótipos e de como a prototipicidade se faz presente na teoria do funcionalismo.

1.2.3 A teoria da prototipicidade no Funcionalismo

A teoria dos protótipos envolve duas vertentes ou linhas: a de Platão/Aristóteles e a de Wittgenstein ou, conforme afirma Brito (1999, p. 71): “a teoria platônica das ‘categorias distintas’ e o argumento wittgensteiniano das ‘séries indistintas’”. A primeira empresta sustentação à versão tradicional do estudo da língua, enquanto a segunda apresenta repercussão nos princípios da vertente funcionalista, baseada no uso da língua.

Ainda segundo Brito (op. cit., p. 72), a perspectiva platônica é rígida e coloca todos os membros de cada uma das categorias distribuídos num único ponto categorial, desconsiderando a possibilidade de uma zona de transição entre as diferentes categorias. Tal fato é assim explicado por Givón (1986, apud Brito, 1999, p. 71): a integração em categorias/grupos é definida pela posse ou não posse de propriedades criteriosais (propriedades necessárias e suficientes).

Brito (op. cit., p. 73) defende que, na teoria da categorização natural, de Wittgenstein, também assumida por Givón (1986), as classes gramaticais têm limites imprecisos, podendo comportar itens em diferentes graus de integração e admitindo relações entre membros de categorias distintas.

Foi somente na década de 1970 que a Teoria dos Protótipos, propriamente dita, se firmou, quando Eleanor Rosch (1973, 1975), unindo a teoria clássica e algo da teoria wittgensteiniana, apresentou o protótipo como uma espécie de núcleo dentro de um grupo. Segundo Rosch, nós concebemos uma categoria pelo elemento mais prototípico a ela

pertencente e, a partir desse ponto, o que se distancia mais vai ficando à margem, mas continua fazendo parte da mesma categoria. Cançado (2012) afirma que tal modelo concebe os conceitos como estruturados de forma gradual, havendo um membro típico ou central das categorias e outros menos típicos ou mais periféricos.

Também levamos em maior consideração para nosso trabalho a proposta de Givón (1986 apud OLIVEIRA 2009, p.37), em que são considerados prototípicos os itens que apresentam o maior número de traços ou propriedades categoriais. Esses itens podem apresentar, assim, diferentes graus de prototipicidade de acordo com o maior ou menor número de traços que compartilham com o membro prototípico de uma determinada categoria.

Como bem aponta Casseb-Galvão (2011, p.319):

O protótipo é o membro mais representativo de uma categoria e, a partir da noção de semelhança, serve de parâmetro para distinguir os demais membros dessa categoria. Um dos pressupostos para a distinção de processos de gramaticalização é o reconhecimento de que não há limites tão rígidos entre as categorias.

Então, no estudo funcional da língua, em que a gramática se constrói *on line* e está em constante processo de mudança, o item prototípico seria aquele que representaria o núcleo da categoria. Neste contexto, os itens mais afastados daquele considerado prototípico também podem pertencer a mesma categoria posto que partilham (algumas) características comuns ao grupo. Assim, nada seria tão rígido no processo de gramaticalização: há os prototípicos, os itens mais próximos a estes e os itens mais afastados, considerados periféricos. Esse modo de ver o comportamento dos elementos gramaticais possibilita aceitar que um mesmo item ou construção possa pertencer a mais de uma categoria, uma vez que podem compartilhar traços pertinentes a categorias diversas.

Outra conclusão para essa perspectiva de análise linguística é que pode haver uma forma exercendo várias funções; como também, uma função sendo exercida por formas diversas.

Para adentrarmos um pouco mais no universo funcionalista, na sequência, discorreremos sobre a visão de gramática que predomina nessa vertente teórica.

1.3 A GRAMÁTICA FUNCIONALISTA

A concepção mais radical de gramática, para os funcionalistas, provém de Hopper (1987), ao tratar da “gramática emergente”, em que suas partes são negociadas na fala, portanto, não é produto acabado ou estático, estando em constante processo, ou seja, em permanente gramaticalização. O termo “emergente” designa o caráter da transitoriedade, da mudança constante na qual a língua se mantém quando em processo de interação. O discurso é a base e a gramática é o produto da atividade verbal. A gramática emergente postulada por Hopper é apenas uma das muitas versões que surgem acerca de uma gramática funcionalista.

Para Neves (2006, p. 26), a gramática funcional pratica a interpretação de textos, classificados como unidades de uso (discursivo-interativas), sem descartar a interpretação dos elementos que fazem parte da estrutura da língua, com ênfase nos componentes funcionais. Para a autora (2009, p. 69):

A Gramática Funcional é, necessariamente, uma gramática do uso linguístico, no sentido de que ela não assume como tarefa descrever a língua enquanto sistema autônomo, não desvinculando, portanto, as peças do sistema das funções que são preenchidas. Considera, pois, a relação entre estrutura e função como algo instável, que reflete o caráter dinâmico da linguagem.

Percebemos, a partir dessa concepção, que a gramática funcional não reconhece autonomia da língua em relação ao contexto. A língua deve ser analisada em sua dinamicidade, pois estrutura e função se encontram em uma relação de instabilidade que um constante movimento de interação reflete.

Neves (1997, p. 48), recorrendo a Halliday (1985), assim resume as características das gramáticas funcionais:

- 1) Interpretam a língua como uma rede de relações, entrando as estruturas como a realização das relações;
- 2) Tendem a:
 - Enfatizar variações entre línguas diferentes;
 - Tomar a semântica como base (gramática natural);
 - Organizá-la, desse modo, em torno do texto ou discurso.

Dessa maneira, as gramáticas ditas funcionais consideram a língua como processo de interação, em uma rede de relações. As estruturas seriam a própria realização desse processo, materializando as relações em si. Dentro dessa rede de relações, percebem-se as variações existentes nas diferentes línguas. Nesse contexto, a semântica passa a ser a base de análise.

Para Castilho (2014, p. 138), os funcionalistas tratam a gramática como uma entidade *a posteriori*, organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos linguísticos, que emergem do discurso. A gramática seria, então, segundo o autor, um conjunto de parcelas recorrentes e sedimentadas, no sentido de gramaticizadas. Não existiria gramática, e sim gramaticalização, como processo sincrônico e diacrônico ao mesmo tempo. A gramática, nessa perspectiva, seria o resultado de negociações, renovações ou abandono das regularidades ou modelos da língua. O autor resume, afirmando que, para os funcionalistas, “a gramática emerge do discurso” (op. cit., p. 139).

De acordo com Neves (1997, p. 16): “A gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico”. Nessa linha de raciocínio, as expressões linguísticas devem ser consideradas inseridas no processo de interação verbal. Estrutura e função convivem, de forma a fazerem parte de todo o processo dinâmico da língua. O uso é que vai assumir o papel primordial no modelo linguístico funcional.

Givón (1995, p. 435) assim sintetiza essa gramática funcional quando trata da evolução pela qual a Gramática deve passar: “[...] the evolution of Grammar must have involved a complex interaction between socio-cultural, communicative, and neurocognitive factors”⁵.

Toda essa visão da gramática para os funcionalistas se ratifica nas palavras de Martelotta, Votre e Cezario (1996), quando afirmam que a gramática passou a representar o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso. Tais pressões constituem uma das causas de a gramática apresentar um aspecto mais regular, pois ela é também uma consequência do modo como os humanos interpretam o mundo e organizam mentalmente as informações decorrentes dessa interpretação. Os citados autores finalizam o conceito de gramática para os funcionalistas com a seguinte afirmação: “Gramática e discurso não são conceitos separados, mas, ao contrário, constituem uma simbiose: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática” (p. 26).

Assim, ainda segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996, p.16), a gramaticalização seria uma manifestação do aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança. A questão da mudança da língua, bem como a mudança na

⁵ “[...] a evolução da Gramática deve envolver uma interação complexa entre fatores socioculturais, comunicativos e neurocognitivos”. (Tradução nossa).

gramática, são fatores que constituem o processo de gramaticalização. Freitag (2010, p. 143) defende que a mudança linguística é um fato. Para a autora, uma vez que a língua muda, a gramática também muda, sendo, por isso, pertinente pensar em uma gramática que nunca está acabada, permanecendo em constante processo de mudança, uma vez que a língua está em uso. É o que analisamos com o processo de gramaticalização, sobre o qual tratamos na sequência.

1.4 GRAMATICALIZAÇÃO

Por entender e estudar a língua em seu processo de interação, o Funcionalismo aborda e analisa as mudanças que ocorrem na linguagem de acordo com o uso. Nesse contexto de dinamismo e mudança, um dos processos mais estudados pelo chamado Funcionalismo Norte-Americano é a gramaticalização.

Martelotta (2011, p. 92) parafraseia o conceito formulado por Hopper e Traugott (1993), afirmando que a gramaticalização deve ser compreendida “como um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Com tal afirmação, o autor ratifica a unidirecionalidade defendida como processo em que um item pode passar de uma categoria lexical a uma categoria gramatical, ou mesmo de uma categoria já gramatical para uma mais gramatical ainda, sendo essa a trajetória obedecida.

Ferrari (2009), ao explicar o percurso de mudança que ocorre na gramaticalização, afirma que, do ponto de vista sintático, tal mudança em sentido unidirecional se dá de categorias cardeais (nomes e verbos), passa por categorias intermediárias (adjetivos e advérbios) e chega às categorias menores (preposições, conjunções, verbos auxiliares, etc.).

Lehmann, em entrevista a Wiedmer (2013), trata do tema gramaticalização afirmando:

Grammaticalization is a continuous development affecting a linguistic sign as an object with a diachronic identity. Replacement of such an object by another one can never be grammaticalization. Instead, such cases illustrate the restarting of the never-ending spiral of grammaticalization.⁶

⁶ “A gramaticalização é um desenvolvimento contínuo que afeta um signo linguístico como um objeto com uma identidade diacrônica. A substituição de tal objeto por outro nunca pode ser gramaticalização. Em vez disso, tais casos ilustram o reinício do processo espiral interminável da gramaticalização”. (Tradução nossa)

Sendo assim, Lehmann ratifica o processo de mudança pelo qual toda língua passa. A gramaticalização, ocorrendo nesse dinamismo incessante, nunca se dá por acabada, vive em constante recomeço, em permanente evolução.

Em se tratando das dimensões diacrônica e sincrônica do estudo da língua, Heine (1993, p. 53) apresenta evidências de que a gramaticalização atinge ambas as dimensões: “A grammaticalization chain has both a diachronic and a synchronic dimension; diachronic is that it is the result of language change, and synchronic is that it consists of a range of synchronically defined uses”⁷. Desse modo, o autor reconhece que a gramaticalização abrange recortes distintos de temporalidade, atingindo dimensões tanto diacrônicas quanto sincrônicas.

Freitag (2010, p. 145) destaca algumas concepções sobre gramaticalização de importantes autores da área funcionalista, conforme visualizamos no quadro 1, a seguir:

Autores	Definição
Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 2)	A gramaticalização ocorre quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.
Hopper e Traugott (1993, p. xv)	A gramaticalização é considerada um processo em que itens e construções lexicais, em determinado contexto linguístico, desempenham funções gramaticais. Uma vez gramaticalizados, tais itens e construções continuam a desenvolver novas funções gramaticais.
Traugott e Heine (1991, p.4)	A gramaticalização é um tipo de mudança linguística, sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças. De acordo com determinadas mudanças, a mesma pode ser caracterizada como mudança na gramática.
Bybee e Hopper (2000, p. 13)	A gramaticalização é o mecanismo através do qual as estruturas surgem a partir da língua em uso.

Quadro 1: Concepções de gramaticalização. (Baseado em Freitag, 2010, p. 145)

⁷ “Uma série de gramaticalização tem ambas as dimensões diacrônica e sincrônica; a diacrônica que é o resultado da mudança linguística, e a sincrônica que consiste de uma gama de utilizações sincronicamente definidas”. (Tradução nossa)

Ao analisarmos o Quadro 1, percebemos que a gramaticalização tem sido tomada, por vários autores, como um processo de mudança linguística. Tal mudança acompanha o movimento constante que a língua em uso impulsiona nas funções gramaticais. Freitag (op. cit.) enumera tais concepções e destaca que a mudança linguística citada aponta para uma trajetória na qual se desenha um contínuo unidirecional.

Tal trajetória é destacada quando Vitral e Ramos (2006, p. 15) fazem um resumo dos processos de gramaticalização de acordo com Lehmann (1982), Hopper (1991) e Bybee et al. (1994), evidenciando as seguintes premissas:

- a. As “mudanças” seguem as etapas determinadas do ciclo da gramaticalização;
- b. O ciclo é unidirecional e universal;
- c. As “mudanças” decorrem de redução fonética e redução semântica dos itens;
- d. As “mudanças” são graduais;
- e. Os processos de gramaticalização implicam uma revisão da distinção sincronia/diacronia.

Essa síntese, apresentada pelos autores acima citados, representa uma parte da análise de gramaticalização. Nela, ressaltam-se aspectos relacionados à oralidade uma vez que envolve o nível fonético da língua.

No fenômeno de mudança em que se constitui a gramaticalização, não são apenas as categorias lexicais que podem estar na origem do processo. Como bem resumem Gonçalves et al. (2007, p. 20),

[...] na acepção mais clássica de gramaticalização, palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixo.

Sendo assim, podemos entender, a princípio, que a gramaticalização é um fenômeno de mudança linguística que vai do domínio do léxico para o gramatical ou do que é já considerado gramatical que passa a desempenhar funções mais gramaticais ainda. O pioneiro nesse estudo foi Meillet⁸ (1912, p.131), que trata da criação de novas formas gramaticais através da passagem de uma palavra autônoma para um elemento dependente.

Em relação aos estudos que contemplam a mudança em níveis mais gramaticais que o lexical, podemos citar Heine et al. (1991). Também nessa perspectiva, Hopper & Traugott

⁸ Antoine Meillet, linguista francês, considerado o pioneiro no estudo de gramaticalização ao fazer referência ao termo em seu artigo intitulado “*L'évolution des formes grammaticales*” de 1912.

(1993 apud Gonçalves et al., 2007, p. 22) apresentam, para o processo de gramaticalização, um *cline* de mudança representado pelo esquema (1).

(1) [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

É importante mencionarmos a recorrente defesa do unidirecionalidade aludida por diversos autores. A ideia inicial de direção única em que se desenha uma trajetória do mais concreto para o mais abstrato, do lexical para o gramatical, passa a ser refinada com visões mais ampliadas do processo, conforme ressaltam Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2012, p. 166):

[...] hoje se sabe que essa unidireção não se refere às classes de palavras ou a instrumentos de observação criados por gramáticos ou linguistas, mas ao experienciamento humano de ações e eventos, à rotinização e habitualização de fatos que, de tão produtivos e frequentes, passam a integrar novas camadas significativas de usos.

Ainda, Gonçalves et al. (2007) apresentam um resumo da mudança linguística unidirecional, em cada nível de análise, bem como os respectivos mecanismos para a evolução atuante na gramaticalização. É o que revela no Quadro 2:

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	Mais material fonológico > menos material fonológico	Redução fonológica
Morfologia	Lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	Menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	Concreto > abstrato	Dessemantização, processos metafóricos
Pragmática	Estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

Quadro 2: Unidirecionalidade vs. Mecanismos de gramaticalização (GONÇALVES et al. (2007, p.37)

O Quadro 2 faz um resumo da mudança e seu processo de acordo com o nível em que se encontra. Lembramos que esses níveis podem se intercalar ou ocorrer simultaneamente, já que a mudança não precisa se restringir somente no nível fonológico ou morfológico.

Em nosso estudo da mudança nos conectivos adversativos, percebemos que os níveis da morfologia, da sintaxe e da semântica são atingidos no processo de mudança porque itens de origem morfológica em advérbio, como o *mas*, passam de gramatical para mais gramatical (forma livre > forma presa), como item de menor coesão para de maior coesão (advérbio > conjunção) e do mais concreto para o menos concreto (advérbio modificador/intensificador de verbo > ligação de adversidade entre orações).

Outra contribuição importante no estudo da gramaticalização é a proposição conhecida como **Princípios de Hopper** (1991), que reproduzimos de acordo com o resumo de Fragoso (2003, p. 3-4), no quadro 3:

Princípios de Hopper (1991)	Características
Estratificação	Ao ocorrer o processo de gramaticalização, novas formas surgem, no sistema linguístico, passando a coexistir com as formas antigas. As formas antigas não deixam de existir de imediato, passando a interagir com as formas que surgem.
Divergência	Há coexistência de formas dentro do sistema. Há a presença simultânea de formas novas e formas originais. As formas antigas são autônomas e suscetíveis à mudanças.
Especialização	Um item pode se tornar obrigatório pela falta de escolha. Com o processo de gramaticalização, a variedade de escolhas pode diminuir. As formas selecionadas podem assumir uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere a seu significado. Assim, a forma selecionada passa a ser mais frequente passando a representar a forma única do domínio funcional a que pertence.
Persistência	Após passar pelo processo de gramaticalização, o termo continua a apresentar vestígios de seu significado original. Particularidades de sua história como termo original podem se refletir em sua distribuição gramatical nova. Há, assim, uma persistência de características que o termo gramaticalizado carrega de seu termo original.
Descategorização	Com o processo de gramaticalização avançado, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas. Categorias sintáticas plenas como nome e verbo assumem características próprias de categorias secundárias, como adjetivo, preposição, conjunção, etc.

Quadro 3: Os princípios de Hopper (1991) segundo Fragoso (2003, p.3-4)

Os princípios de Hopper sugerem um caráter de gradação da gramaticalização, na medida em que um item em processo de mudança pode apresentar alguns ou todos os princípios, mas sua totalidade não é condição necessária para a ocorrência do processo.

Então, confirma-se uma característica forte no processo de gramaticalização que é, conforme já mencionamos, a mudança unidirecional. A língua, no processo de interação, vive em constante mudança, em permanente movimento, o que leva a uma produtividade de novas formas e de novas frequências. Ratificando essa defesa da unidirecionalidade, recorreremos, por fim, a Martelotta e Alonso (2012, p.96-97), quando afirmam que:

Essa trajetória de mudança marca uma passagem de unidades linguísticas atuantes em domínios mais concretos e objetivos e mais fáceis de serem conceptualizados para domínios mais abstratos e subjetivos, associados a estratégias comunicativas que refletem o direcionamento argumentativo que o falante quer dar a seu enunciado, a indicação do posicionamento do falante em relação ao que fala, bem como sua preocupação com a recepção do enunciado pelo ouvinte.

O processo de mudança é, assim, unidirecional, já que os termos de base lexical tendem a se firmarem com funções mais gramaticais, ou até mesmo termos já gramaticais tendem a se fixarem como mais gramaticais ainda. Mas essa percepção de trajetória linear se expande para além da relação entre função fonte e função alvo, atingindo elementos mais subjetivos envolvidos nos processos interacionais.

Concluído este aporte teórico sobre o Funcionalismo, partimos, no próximo capítulo, para a revisão de literatura relacionada aos conectores adversativos, objetos de estudo desta pesquisa.

2. OS CONECTORES ADVERSATIVOS: DA TRADIÇÃO AO FUNCIONALISMO

Neste Capítulo, resenhamos o processo histórico das gramáticas tradicionais do português no Brasil; posteriormente, realizamos uma revisão teórica sobre o tratamento que essas gramáticas destinam aos conectores adversativos. Na sequência, expomos o que os estudiosos da área do Funcionalismo têm discutido sobre a evolução dos referidos conectores em situações de uso.

2.1 UM BREVE ESTUDO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA NO BRASIL

Uma vez que neste trabalho optamos por dois recortes sincrônicos da língua: um nas primeiras décadas do século XX e outro nas primeiras décadas do século XXI, faremos um resumo das transformações por que passaram os compêndios gramaticais nesses períodos, no Brasil, para firmar nossa análise em relação às regras e aos conceitos percebidos no levantamento das gramáticas referenciadas.

A princípio, contemplando panoramicamente o tratamento que as abordagens diversas têm destinado aos estudos gramaticais, observamos que, seguindo uma linha de tempo, os autores privilegiam um ou outro aspecto da língua, sua estrutura, seu funcionamento, sua relação com os contextos; assim, conforme o ponto de observação, há diferentes percepções sobre o objeto. Entretanto, não seria precipitado afirmar que essa diversidade é mais aparente do que propriamente intrínseca à realidade linguística. Desse modo, à medida que o foco desloca-se de um ponto de observação a outro, as gramáticas vão mudando de nomes, embora a essência do comportamento linguístico permaneça ou inatingível pela superficialidade da análise ou incompreendida pela natureza predominantemente prescritiva dos compêndios e seus desdobramentos.

Evidentemente, não temos a pretensão de elegermos esse ou aquele modelo como melhor ou mais eficiente para analisar/resolver os problemas que a descrição da língua impõe a quem se decide por investigações nessa área. Trata-se, mais propriamente, de revisarmos sua literatura, inclusive, com o intuito de melhor identificarmos o volume de conhecimentos já sistematizados sobre a língua.

Uma visão que perpassa por diversos autores, mas que pode ser sintetizada em estudos de Cavaliere (2014) e Azeredo (1990), permite-nos expor um panorama da história da Gramática no Brasil. Entre os séculos XVII e XVIII, a gramática racionalista ou filosófica se instalava no país e, segundo Cavaliere (2014, p.51), consistia numa gramática baseada numa

concepção de língua como fruto da capacidade humana de construir o raciocínio lógico. A língua era entendida como fruto da razão, repleta de elementos universais. Azeredo (1990, p.18) sugere que tal gramática se elabora segundo a concepção de língua como espelho da organização do raciocínio.

A gramática científica surge no século XIX, também de acordo com Cavaliere (2014, p.31), descrevendo a língua com foco sobre o fato concreto, desviando-se da especulação meramente conceitual. Segundo o autor (op.cit., p.32), os textos publicados nesse período da gramática científica brasileira apresentavam um conceito plural de gramática, essencialmente descritivo-prescritiva:

Gramática geral: tratava das leis universais da língua;
Gramática descritiva: cuidava da exposição sistemática de uma dada língua particular;
Gramática histórica: visava ao restabelecimento do percurso diacrônico da língua;
Gramática prática: de caráter ordinariamente prescritivo, voltava-se exclusivamente para o ensino de língua materna.

Adentrando o século XX, a gramática brasileira enfrenta perceptível processo de mudança. Segundo o citado autor (op.cit., p. 11), tal processo leva ao abandono das teses racionalistas herdadas da gramática filosófica em favor da perspectiva historicista da gramática científica. Seria o movimento intitulado histórico-comparativo, que uniu a pesquisa ao ensino da língua.

Já na segunda metade do século XX, surgem a escola estruturalista e a Gramática Gerativa. Cavaliere (2014, p.17) afirma que “essa nova ordem cria uma concepção dual de gramática que viria decretar o divórcio entre os propósitos descritivo e normativo que estavam na concepção tradicional de gramática”.

Castilho (2014, p.64) faz referência aos dois grandes paradigmas formulados no século XX, comentando que o Estruturalismo entende a língua como estrutura formada por diferentes hierarquias, centralizada na fonologia, enquanto o Gerativismo pressupõe a língua como atividade mental, em que se buscam princípios universais, tendo como componente principal a sintaxe.

Ainda no século XX, surge a Sociolinguística, contemplando o estudo do componente social. A concepção de gramática, mais uma vez, enfrenta mudanças: a estrutura deixa de ser analisada isoladamente e passa a adotar os fatores sociais para explicar as escolhas linguísticas dos falantes.

No Brasil, a vertente Funcionalista toma maior fôlego no início do século XXI com as Gramáticas Funcionais, dentre as quais, a Gramática de Usos, que busca investigar o sistema linguístico em sua totalidade, através da identificação de processos e mecanismos de funcionamento desse sistema. Os *corpora* que servem de base a tais gramáticas passam a ser formados não somente de textos literários, mas também de textos jornalísticos e da oralidade, contemplando a diversidade de gêneros. Castilho (2014, p.65) destaca que essa vertente desiste da postulação apriorística da Gramática, buscando identificar os processos linguísticos e interacionais que se escondem por trás das estruturas gramaticais.

Em todas as fases da evolução da gramática no Brasil, há influência, ou até mesmo permanência, de algumas características de outras fases precedentes. Assim, sintetizamos a evolução dos estudos nessa área, realçando os ajustes e as transformações que se foram acumulando com o passar do tempo. Atingindo o século XXI, podemos perceber, ao visitarmos bibliotecas, livrarias e grupos de estudos, que há uma mesclagem de tipos, estilos e títulos gramaticais funcionando como o resultado de tudo o que foi produzido até hoje, seja em termos de descrição e análise, seja em termos de prescrição.

Nesse percurso, as discussões sobre o tipo de obra que tem sido chamada de Gramática Tradicional (doravante GT) apresentam concepções como essa formulada por Azeredo (1990, p.16):

A expressão gramática tradicional recobre um conjunto de esforços que, tendo início nas reflexões filosóficas dos gregos antigos, destinam-se a (a) explicar a natureza da linguagem, (b) descrever a estrutura e funcionamento das línguas, e (c) regulamentar seu uso consoante padrões quer lógicos quer literários de expressão.

Nessa definição, encontramos referências ao caráter descritivo e, principalmente, prescritivo, que perfazem o conteúdo básico desse tipo de gramática. Assim, quando nos referirmos, neste trabalho, à GT, estaremos contemplando uma concepção de gramática convergente com essa defendida por Azeredo.

Sobre os conceitos de descritivo e de prescritivo, esclarece Bechara (2014):

- (a) *Gramática descritiva*, disciplina científica, que tem por objetivo registrar e descrever um sistema linguístico em todos os seus aspectos (e em todas as suas variedades), sem pretender recomendar um modelo exemplar;
- (b) *Gramática normativa* ou *prescritiva*, que, por seu turno, tem por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções “corretas” e rejeitando as “incorretas”, ou não recomendadas pela tradição culta. (pp. 19-20)

Não seria precipitado afirmarmos que, após todas as fases e nomenclaturas porque a gramática passou, dois modelos mais gerais permanecem: o da gramática formal e o da gramática funcional. Neves (2002, p. 22) distingue esses dois modelos, ao afirmar que a ciência linguística foi aplicada sobre o objeto mental língua, que é capaz de se atualizar numa língua particular (modelo de gramática formal), ou de dar conta do comportamento verbal do falante da língua que se externaliza (modelo de gramática funcional).

A autora (2002) faz uma observação sobre a importância da investigação e da pesquisa linguística quando trata sobre o tema da Gramática, atentando para as mudanças de postura que se fazem necessárias diante das próprias transformações por que passou a sociedade. Vejamos:

Parece que a Gramática, como obra que oferece modelos para pautar determinados comportamentos verbais em línguas particulares, já não tem mais lugar e sentido: não existe mais uma determinada literatura, de um determinado período, que constitua modelo a ser perseguido; já não há um determinado momento em que se pode dizer que a literatura morreu, ou se esgotou; não existem situações culturais de vazio de criação que suscitem clamor por retorno. A criação se desenrola e, nas novas obras, o mecanismo vivo da língua inventa torneios, mescla registros, rompe padrões tradicionalmente assentados e, por muitos tidos como imutáveis. Se obras escritas passam a exibir padrões que se podem classificar como de língua falada, por exemplo, a ciência linguística já nos ensinou a suspeitar da funcionalidade dessas incursões ou incorporações, e já aprendemos todos a incluir esses comportamentos como objeto de investigação linguística. (2002, p. 23)

Esse posicionamento parece acenar à necessidade que o estudioso ou interessado no assunto tem em compreender o funcionamento da língua, devendo para isso analisar obras, discutir regras e observar os usos da língua, não como algo imutável e estático, mas como algo que vive em constante dinamismo. Assim, é aconselhável, especialmente no exercício da prática pedagógica, buscarmos o que há nas gramáticas tradicionais e confrontarmos com o que há de novo, investigando e descobrindo novas maneiras de ver/usar/estudar a língua.

Embora este trabalho não tenha preocupações com o ensino de gramática, não podemos deixar de pensar que uma pesquisa pautada em perspectivas funcionalistas, que elege o uso como situação mais adequada à análise, pode contribuir, mesmo que indiretamente, para reflexões sobre o trabalho com a língua em sala de aula. Este é o posicionamento adotado, ao longo do presente estudo.

Para situar nosso objeto de pesquisa, isto é, os conectores adversativos, procuramos ambientar essa discussão, partindo de uma revisão mais ampla, que abranjesse o tratamento dado pela tradição ao que se convencionou chamar de conjunção. É o que revela a próxima seção.

2.2 A CONJUNÇÃO ADVERSATIVA: DO MAIS AO MENOS “TRADICIONAL”

Considerada uma das classes de palavras responsáveis pela conexão entre orações, a conjunção recebe tratamento mais ou menos semelhante dos autores perfilados sob o rótulo da GT aos quais tivemos acesso, conforme resenhamos nesta seção. Para melhor organizar a sequência, distribuímos as referências por ordem cronológica, o que revela nossa preocupação em acompanhar as mudanças que poderiam ter ocorrido no tratamento dado à conjunção pelos diversos autores, ao longo do século.

Almeida (1962), em sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa, traz a definição e a classificação de conjunção na parte destinada à morfologia. Em suas palavras, “Conjunção é o conectivo oracional, isto é, é a palavra que liga orações.” (p. 300). Na classificação, o autor (op. cit.) separa as conjunções de acordo com a maneira como atuam: coordenando ou subordinando. Nesse sentido: “Coordenam, quando ligam orações da mesma espécie, da mesma ordem, e chamam-se, então, conjunções coordenativas; subordinam, quando ligam orações diferentes de espécie, e então se chamam conjunções subordinativas”. (ALMEIDA, 1962, p. 300)

Quando classifica as conjunções coordenativas, o autor afirma que as adversativas são as que ligam orações de sentido adverso ou contrário. A lista de conjunções contempla: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *senão*, *aliás*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim*. É importante observar como o autor se posiciona sobre as especificidades das conjunções citadas:

Mas é o tipo das conjunções adversativas; indica, nitidamente, adversidade de ideia [...]. *Porém* é também adversativo, mas não tem a mesma força adversativa que *mas*, e do *mas* ainda se diferencia no seguinte: O *mas* sempre vem no rosto da oração, ao passo que *porém* vem geralmente depois de iniciada a oração [...]. *Todavia* tem a mesma significação de *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *ainda assim* [...]. *Senão* tem os seguintes significados: 1º - de outro modo, de outra forma, no caso contrário; 2º - mas sim; 3º - a não ser, mais do que. [...]. *Aliás*, como advérbio, significa *de mais a mais*, *por outro lado*, *ou por outra*. Funcionando como conjunção, significa de *outro modo*. (ALMEIDA, op. cit., p. 305).

Observamos que quando o autor coloca que *mas* é a forma prototípica das adversativas - *tipo*, na sua terminologia -, a que tem maior conteúdo adversativo, e mostra o *aliás*, primeiramente em sua função de advérbio e depois como conjunção, está tentando evidenciar a mudança de um sentido para outro, dando a entender que a classificação não deve ser estanque, visto que a função vai depender do contexto em que o item é usado. No entanto, essa percepção não é posta expressamente, como se o autor não quisesse se arriscar a fugir de uma tradição que classifica os itens sem considerar o contexto.

Na Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, de Melo (1978), o estudo da conjunção é feito na segunda parte da obra, na qual o autor trata da morfologia. Em sua concepção, “São os conectivos palavras que estabelecem ligações, palavras que concretizam, por assim dizer, as relações sintáticas.” (p. 106). Ainda, para Melo (op. cit.), há dois tipos de relações sintáticas: a coordenação e a subordinação. Os coordenantes estabelecem paralelismo, equivalência de funções ou valores sintáticos e são as chamadas conjunções coordenativas que ligam funções ou valores sintáticos iguais. Em sua distribuição, uma das subclasses é a da adversativa. As conjunções adversativas, em Melo (1978), exprimem contraste ou compensação; são elas: *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto*, *entretanto*, *senão*. Segundo o autor:

Para classificar corretamente as conjunções, seja as coordenativas, seja as subordinativas, é necessário sempre raciocinar. Não há nenhum critério prático, menos ainda se pode buscar recurso na memória mecânica. Uma mesma conjunção pode ser coordenativa ou subordinativa [...]. (p.109)

Essa observação, em meados do século XX, traz implícita a concepção de que a língua não é estática, com regras rígidas, um modelo a ser seguido, pronto e acabado. Apesar de ser considerada tradicional, na gramática de Melo, segundo a análise de Cavaliere (2014, p. 18):

“Cuida-se de uma Linguística sincrônica, atenta ao funcionamento do sistema e já interessada na pesquisa da língua em uso no ato da comunicação.”

Para Rocha Lima (1979), as conjunções são palavras que relacionam entre si: a) dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.), que seriam as *coordenativas*; b) duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação, seriam as *subordinativas* (p. 160). Ainda, para o autor, as *coordenativas adversativas* relacionam pensamentos contrastantes, sendo *mas* a conjunção adversativa por excelência. Para ele: *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* possuem força adversativa, acentuando não um contraste de ideias, mas uma concessão atenuada (p. 161). O autor ainda reforça que o uso do *mas* ocorre somente no início das orações.

Mais uma vez, percebemos que há uma tendência de se levar em conta que o *mas* seria prototípico de adversidade, enquanto outros itens **podem** ter também a função de conjunção adversativa. Ou seja, haveria sempre uma vaga intenção de levar o uso para dentro da GT, mas o que prevalece é a referência a uma estrutura fixa que se mantém intocável no que tange à interferência do contexto de uso.

Em Cunha (1986), a conjunção é apresentada no capítulo de morfo-sintaxe. Para o autor, “os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração chamam-se conjunções.” (p. 533); continuando a definição, afirma: “as conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas.” O autor complementa: “[...] a conjunção coordenativa não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes [...]”. Como conjunções coordenativas adversativas, Cunha assim as classifica: “As adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste. Assim: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.” (p.533). Ainda, quando fala da posição das conjunções coordenativas adversativas, afirma que o *mas* aparece obrigatoriamente no início da oração; já os itens *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia* podem vir no início da oração ou após um de seus termos. Ao referir-se, especificamente, ao *mas*, afirma o autor:

Mas é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos. Além da ideia básica de oposição, contraste, pode exprimir, por exemplo, as: a) de restrição; b) de retificação; c) de atenuação ou compensação; d) de adição; e outras mais. É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. (CUNHA, 1986, p. 537-538)

Na gramática de Cegalla (1989), as conjunções são apresentadas na parte II, morfologia, sendo assim definidas: “Conjunção é uma palavra invariável que liga orações ou palavras da mesma oração” (p. 244). Em sua classificação, as conjunções coordenativas são as que ligam orações sem fazer com que uma dependa da outra; as adversativas exprimem oposição, contraste, ressalva, compensação. Segundo o autor, são as seguintes as conjunções adversativas: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, antes (= pelo contrário), no entanto, não obstante, apesar disso, em todo caso*.

Já Azeredo (1990), se arroja a algumas observações que parecem distingui-lo dos demais autores citados, no que tange à definição e à classificação das conjunções em seu livro *Iniciação à sintaxe do Português*. Para o autor: “As conjunções coordenativas ligam quaisquer construções ou constituintes funcionalmente nivelados na frase; elas não ‘criam’ novas funções, ao contrário dos outros conectivos.” O autor complementa afirmando que: “A coordenação consiste em associar duas ou mais unidades do mesmo nível hierárquico, preservando-lhes a natureza ou função.” (p.52)

Assim, para Azeredo, a coordenação é uma forma de encadeamento, um mecanismo antes discursivo que sintático. Com essa afirmação, há amostras de percepção do funcionamento real da língua que parece ultrapassar a visão veiculada na GT. O autor, na verdade, aponta para uma preocupação com o discurso, com o uso das conjunções, sem se deter somente em regras gramaticais fixas, como se percebe nas gramáticas mais tradicionais da língua portuguesa, principalmente, na primeira metade do século XX.

Assentado nessa percepção, parecendo dialogar com teorias que visualizam a língua como algo menos estanque, Azeredo (1990, p.143-144) descreve a junção conectiva, afirmando que ela se realiza através de palavras e locuções com que o locutor estabelece e evidencia relações semânticas entre sintagmas, orações e parágrafos relacionados no seu próprio discurso ou em discursos de locutores diferentes. Tais operadores são advérbios ou locuções adverbiais, com posição variável, e coordenantes que sempre antecedem orações.

Ainda segundo o próprio Azeredo, muitos desses operadores - *portanto, entretanto, pois, todavia*, etc. - são classificados tradicionalmente como ‘conjunções coordenativas’. É nesse ponto que o autor se posiciona em relação ao tratamento dado às conjunções pela GT:

São variados os conteúdos expressos por essas unidades. Nesta exposição nos limitaremos às que a gramática tradicional chamou ‘conjunções coordenativas’, incluindo algumas ‘locuções’ que, funcionando embora como essas ‘conjunções coordenativas’, não receberam tal classificação.

(a) Expressam oposição: *contudo, entretanto, todavia, não obstante, porém, na verdade, por outro lado, em compensação*.

Todos os exemplos deixam claro que esses operadores não são conjunções, pelo menos no sentido em que esse termo é empregado na gramática tradicional. Essas unidades indicam que o enunciador estabelece uma oposição ou contraste entre duas informações, e NÃO que os segmentos associados por elas estejam coordenados. Com efeito, o instrumento da coordenação pode até ocorrer.

É possível captar nos comentários do autor uma crítica sutil aos recortes que a GT faz no que tange à classificação das conjunções, mais precisamente à aceitação de algumas ‘locuções’, por ele denominadas de ‘operador’, como conjunções coordenativas; parece-nos que o próprio conceito de conjunção é questionado. Entretanto, na obra citada, provavelmente por ser proposta como de caráter introdutório, Azeredo não aprofunda a discussão nem propõe alternativas mais consistentes para a análise.

Em Luft (2002), há a definição de conetivos como “palavras que estabelecem conexão entre palavras, orações e frases.” (p. 185). Dentre os conetivos, o autor cita as conjunções coordenativas, mencionando as adversativas, as quais “denotam contraste, compensação: *mas, porém, etc.*” (p. 189). Ainda, segundo o autor, “as verdadeiras ‘conjunções’ (coordenativas) são as três *e, ou, mas* – aditivas, alternativas e adversativas⁹.” (p. 189)

Luft (2002) também afirma que alguns autores incluem uma classe de conjunções ‘continuativas’ como *no entanto*, misturando verdadeiras conjunções com advérbios, locuções adverbiais, expressões de situação ou incidentes. Para ele: “Na verdade, não existem conjunções ‘continuativas’. São expressões que, por sua situação no início da frase, têm aparência de conetivos. Quando o são de fato, trata-se de adversativas [...]” (p. 190).

Mais uma vez, observamos que alguns autores da GT já percebem que as conjunções apresentam características provenientes de advérbios ou locuções adverbiais, no entanto, não arriscam em afirmar que isso poderia ser um traço de um processo de mudança que a língua, como ativa que é, experimenta em contextos diversos.

Garcia (2007, p. 42), em seu livro *Comunicação em Prosa Moderna*, trata das conjunções dentro de processos sintáticos:

⁹ Essa também é a posição assumida por Perini (2009) e por Bechara (2009) como mostramos nas páginas 44 e 46, seguindo a ordem cronológica proposta nesse trabalho.

Na coordenação (também dita parataxe), que é um paralelismo de funções ou valores sintáticos idênticos, as orações se dizem da mesma natureza (ou categoria) e função, devem ter a mesma estrutura sintático-gramatical (estrutura interna) e se interligam por meio de conectivos chamados *conjunções coordenativas*. É, em essência, um processo de encadeamento de ideias.

Para o autor (2007), são conjunções coordenativas adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto*. Segundo ele, tais conjunções marcam oposição, podendo ter um matiz semântico de restrição ou de ressalva. Ainda, para Garcia (op. cit.): “Por serem etimologicamente advérbios – traço já muito esmaecido em *mas* e *porém*, mas ainda vivo nas restantes -, as adversativas, como também as explicativas e as conclusivas, são menos gramaticalizadas, quer dizer, menos despojadas de teor semântico, do que *e, nem* e *ou*.” (p. 43). Na sequência, o autor complementa que essa função de conjunção adversativa é um fato relativamente recente na língua portuguesa, fato de ocorrência posterior ao século XVIII. “Ainda hoje, os dicionários registram *entretanto, (no) entanto* e *todavia* como advérbios, embora lhes anotem igualmente a função de conjunções.” (p. 43)

Garcia (2007) faz referência a outros fatores de uso das conjunções adversativas, entre eles, a dependência semântica mais do que sintática na coordenação e a falsa coordenação. O autor também trata das estruturas sintáticas opositivas ou concessivas, considerando a oração adversativa como um dos modos de indicação de oposição ou contraste de ideias e amplia sua lista de conjunções adversativas considerando, além dos itens citados, os seguintes: *senão, não obstante*, que também funciona como preposição.

Percebemos que Garcia enxerga o processo de alteração na gramática da língua e até cita o termo *gramaticalizado* para tratar da mudança semântica dos termos usados como conjunções adversativas. No trabalho do autor, há menção às conjunções típicas (*e, nem* e *ou*) e também a questão da passagem de advérbio para conjunção, o que imprime à abordagem da conjunção, em sua clássica obra, um caráter inovador que o distingue dos demais acomodados na linha tradicional.

Em Bechara (2009), as conjunções são divididas em dois tipos: coordenadas e subordinadas, sendo tratadas como unidades que têm a missão de agrupar orações num mesmo enunciado. Para o autor: “As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (p. 268). O autor, então, define a conjunção coordenativa como um conector: “Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também

‘conectar’ duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro do mesmo enunciado”. (p. 268)

Ainda, para Bechara (op. cit.),

As conjunções adversativas enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*. Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade. (p. 270)

O autor faz referência às “unidades adverbiais que não são conjunções adversativas”. Nessa parte de sua Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2009) aponta alguns advérbios que, por certa proximidade de equivalência semântica, estabelecem relações interoracionais ou intertextuais que a tradição gramatical inclui como conjunções coordenativas. Seriam: o *entretanto*, o *contudo* e o *todavia*, no caso das adversativas. Além disso, o autor aponta algumas características que diferenciam os advérbios das conjunções:

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados;

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática;

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem;

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior. (p. 270-271)

Podemos perceber que Bechara (2009) preocupa-se em encontrar coerência para classificar as conjunções consideradas realmente adversativas, de acordo com os próprios critérios estabelecidos pela teoria gramatical para a identificação de um item enquanto conjunção. Isso leva o autor a propor que alguns conectores são na verdade advérbios reposicionados, adquirindo, então, a função de conjunção.

Do exposto até aqui, percebemos que há uma certa convergência de pontos de vista no tratamento que os autores destinam à conjunção como classe e às conjunções adversativas, mais especificamente. No entanto, não podemos deixar de sublinhar as referências à

proximidade que há entre a conjunção adversativa e os advérbios, fator apontado, por exemplo, por Azeredo, por Garcia e por Bechara nas obras já referidas.

Na seção, a seguir, cuidamos de resenhar a visão de alguns autores de tendência funcionalista que, a nosso ver, podem imprimir um contraponto a essa visão predominantemente estática, através da qual os autores ditos tradicionais enxergam a conjunção.

2.3 VISÃO FUNCIONALISTA ACERCA DA CONJUNÇÃO ADVERSATIVA

Neste trabalho, consideramos como *visão funcionalista* a abordagem que contempla dados de língua em uso, buscando explicações para as escolhas que os falantes fazem quando dão preferência a uma forma linguística e não a outra. Identificar as motivações para tais escolhas e explicar o que é que move o funcionamento da língua, fazendo os usuários se comunicarem é, basicamente, o que determina o caráter funcionalista de um estudo. Nesse sentido, realizamos, na sequência, uma síntese do tratamento que autores alinhados a essa maneira de ver a língua/gramática destinam à conjunção.

Neves (2000) dedica um capítulo da sua Gramática de Usos do Português ao termo *junção*, noção a partir da qual situa as conjunções. A abordagem gramatical realizada pela autora é por ela definida a partir dos seguintes princípios:

- 1) a gramática se estende a processos que atingem o nível do texto, avaliando como produção discursiva, ficando incluídas, na raiz, as determinações da interação;
- 2) os fatos de gramática se estabelecem em uma componibilidade que integra sintaxe, semântica e pragmática;
- 3) os fatos gramaticais são avaliados em ligação com as funções da linguagem. (p.70)

Ao referir-se às conjunções coordenadoras, mais especificamente às adversativas, a autora (op.cit., p. 602) afirma que os coordenadores, funcionando como sequenciadores, põem em realce o valor gramatical a serviço da dimensão textual:

Possuindo efeito de progressão textual, um elemento como *mas*, por exemplo, se distingue de elementos de significados semelhantes, como *todavia* e *no entanto*, que constituem, em si mesmos, satélites adverbiais, e que, além disso, têm caráter fórico, fazendo retomada de alguma porção anterior do texto (= apesar disso).

No interior do mesmo capítulo que define a junção, Neves (op. cit.) trata das construções adversativas, especificando e explicando a coordenação com *mas*. Em sua definição, a autora afirma que a conjunção coordenativa *mas* marca uma relação de desigualdade entre os segmentos coordenados, colocando o segundo segmento de algum modo diferente do primeiro. Para ela, os segmentos coordenados por *mas* podem ser: sintagmas, orações e enunciados. Ao apontar o valor semântico do *mas*, a autora (op. cit.) apresenta a relação de desigualdade como sendo utilizada para a organização da informação e para a estruturação da argumentação.

A visão de Neves se diferencia da de Perini (2009) quanto ao conceito de conjunção; para esse autor, a noção de conjunção se aplica apenas às “conjunções subordinativas” da gramática tradicional. Como coordenadores fixos, ele apresenta *e*, *mas* e *ou*. Em sua gramática descritiva, Perini (op. cit.) denomina o *mas* de coordenador e afirma que tal item só coordena dois elementos, nunca mais de dois e só pode aparecer no início de uma oração. Ao apresentar o estudo do *porém*, o autor afirma que esse item, assim como *entretanto*, *no entanto*, *contudo*, *não obstante*, *todavia*, *senão*, *assim*, *por isso*, etc., apresenta características distintas do *e*, do *ou* e do *mas*. Dentre essas diferenças, uma se destaca: o *porém* pode aparecer em várias posições no interior da oração. “A possibilidade de movimentação na oração aproxima *porém* de certos itens usualmente analisados como ‘advérbios’[...]” (p. 146). Assim, Perini chega à seguinte constatação: “Esse fato, juntamente com a observação de que coordenadas podem ocorrer sem coordenador, permite levantar a hipótese de que itens como *porém* não seriam em absoluto coordenadores, mas advérbios da classe de *consequentemente*.” (p. 146)

Levando essa análise de Perini para uma base funcionalista, o *mas* estaria em um processo avançado de gramaticalização, ocupando uma posição mais fixa na estrutura da oração. Enquanto isso, o *porém* ainda estaria em um processo inicial de gramaticalização, posto que suas características de advérbio ainda estariam concorrendo com a forma mais fixa de conjunção.

Castilho e Elias (2012) tratam as coordenadas adversativas como *contrajuntivas* afirmando que o que é dito na segunda sentença contraria as expectativas geradas pela primeira. A conjunção adversativa mais frequente para os autores é o *mas*, que se deriva do advérbio latino *magis*, tendo, mais adiante, mudado para *mais* (usado para somar elementos num conjunto e estabelecer comparações). Do advérbio *mais* surgiria então a conjunção *mas*, usada ainda hoje para indicar a soma de constituintes sentenciais. (p. 354) Segundo os referidos autores, o *mas*, em um segundo momento, começou a ser usado como advérbio,

passando a negar as expectativas criadas pela sentença anterior, vindo a exercer a função de conjunção adversativa que conhecemos hoje (p. 355). Os autores (op. cit.) reconhecem como outras conjunções adversativas: *contudo*, *todavia* e *entretanto*.

Bagno (2013) separa partes de sua gramática para falar de vários temas e vertentes dos estudos linguísticos atuais. Envolve, inclusive, estudos de gramaticalização. Ao tratar das conjunções, o autor principia a explicação pela conjunção *mas*, afirmando: “A única conjunção coordenativa adversativa é *mas*. Os demais itens tradicionalmente listados nessa categoria – *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*, *todavia* – não são conjunções, são advérbios”. (p. 242).

Podemos perceber que a maioria das gramáticas tradicionais da língua portuguesa ainda apresentam uma abordagem preocupada com a prescrição congelada de regras fixas, sem levar em conta as mudanças ocorridas na língua com o passar do tempo e até mesmo as mudanças internas à gramática. O curioso é que alguns autores, como Almeida (1962), Melo (1978), Rocha Lima (1979), Azeredo (1990), dentre outros, observam essas mudanças, mas não as contemplam em suas obras.

Por outro lado, temos alguns autores, como Neves (2000), Castilho e Elias (2012), Bagno (2013), dentre outros, que já se mostram preocupados com o processo de mudança que a língua sofre através do uso. Esses mesmos autores utilizam, em suas gramáticas, a teoria funcionalista e o processo de gramaticalização como abordamos nessa passagem de nosso capítulo.

2.4 A ANÁLISE DAS ADVERSATIVAS: O ESTADO DA ARTE

Identificamos diversos estudos, uns mais recentes, outros nem tanto, nos quais podemos sedimentar nossa base de observação do comportamento das conjunções. Nesta seção, voltamos o olhar para alguns desses trabalhos, numa tentativa de atualizar o estado da arte em que se encontra a pesquisa sobre os itens conjuncionais, ressaltando nossa opção por nomear esses elementos como *conectores*, uma referência que parece mais ambientada no que ocorre comumente nas pesquisas funcionalistas.

Ao tratar de itens conectores, é importante reafirmar que o foco, nesta pesquisa, são os adversativos. Por isso, serão eles os privilegiados por essa revisão de literatura pertinente ao tema.

Em sua tese de doutorado, Silva (2005) faz uma análise e catalogação de conectores de oposição em editoriais de um jornal de João Pessoa ao longo do século XX. Trata-se,

portanto, de uma pesquisa em textos de língua escrita. O trabalho traz um estudo sobre as conjunções, partindo de sua origem do latim e passando pelas gramáticas tradicionais. Silva (op. cit.) confirma o que vem sendo observado sobre o que as gramáticas tradicionais expõem acerca das conjunções adversativas no português:

[...] a classificação dos itens relacionais tem se preservado ao longo do tempo, resistindo a variações e mudanças evidentes que o uso impõe aos itens. Assim ocorre devido à forte resistência dos gramáticos a considerarem, por exemplo, a possibilidade de um advérbio passar a funcionar como conjunção. Essa visão é pautada numa compartimentação estanque das categorias, que finge não perceber os deslocamentos constantes, estimulados pela fluidez da língua em uso. (p. 94)

Rocha (2006, p.12), em sua tese de doutorado, busca a motivação conceitual que levou os itens *mas*, *porem*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* a passarem por processo de gramaticalização. De acordo com a referida autora, uma vez que os elementos funcionavam como advérbios e podem ser vistos atualmente como conjunções, cabe levantar a hipótese de terem vivenciado um processo de gramaticalização. E complementa argumentando que a comparação entre o sentido que os elementos apresentavam em suas origens etimológicas e o sentido que apresentam atualmente revela que sofreram uma mudança semântica importante ao longo do tempo, chegando a se especializarem em contextos cujo sentido global se aproxima de algum tipo de relação contrajuntiva.

Rocha (op. cit.) realiza uma análise de gramáticas tradicionais do português para descrever as conjunções adversativas, chegando à conclusão de que não só o *mas*, como todos os demais itens levantados por ela, sofreram mudança substancial de seu sentido básico ao longo do tempo. Em sua análise, há um enfoque nas questões da metonímia e da metáfora, como motivadores conceituais da gramaticalização, explicando a polissemia dos termos adversativos apresentados na tese.

Martelotta (2008) apresenta uma análise do processo de gramaticalização de conectivos portugueses com base na linguística cognitivo-funcional. O autor destaca a importância de se rejeitar a visão categórica das classes gramaticais, que refletiria a visão tradicional, para que haja a compreensão dos processos de gramaticalização tratados em seu texto. Dentre os exemplos clássicos de gramaticalização, em que o elemento lexical passa a apresentar funções gramaticais, Martelotta (op. cit.) destaca, entre outros, a passagem de advérbio para conectivo. Assim, o autor apresenta o *porém* com uma passagem de sentido conclusivo no português arcaico, a elemento de valor adversativo na atualidade, no processo

dêítico > fórico > conectivo. Ele cita, então, o trabalho de Said Ali (1971, p.187) propondo que o novo uso adversativo desenvolveu-se a partir de contextos em que se podia inferir um valor contrastivo do elemento: frases negativas.

Mesquita e Santana (2008), em um artigo intitulado: “O conector *mas*: uma análise baseada em textos de alunos em diferentes fases de escolarização”, realizam uma análise baseada na Linguística Textual e na Gramática Funcional. O objetivo do estudo apresentado pelas autoras é o de perceber os usos mais e menos associados ao elemento de conexão *mas*. O *corpus* é composto de textos produzidos por estudantes das redes públicas e privadas de Uberlândia – MG, em três gêneros: dissertativo, narrativo e descritivo.

Sobre o uso dos conectivos, na ótica funcionalista, as autoras (2008, p. 5) admitem serem permitidas várias adaptações para determinados elementos numa estrutura linguística e admitidos variados níveis de atuação:

Acreditamos, então, que os conectores são elementos indispensáveis no processo argumentativo, de modo que seu emprego/uso pode ter influência nas direções sintáticas, semânticas, argumentativas e informacionais de um texto. E, nesse sentido, há que se contestar as gramáticas tradicionais quando essas afirmam que as conjunções são elementos de uso puramente ocasional e relacional.

Mesquita e Santana (op. cit.) organizam um levantamento da adversativa *mas*, tanto pela ótica das gramáticas tradicionais, como pelo ponto de vista da linguística moderna. Assim, as autoras chegaram a algumas conclusões que complementam os estudos nessa área. Elas constataram que o *mas* não estabelece apenas o valor de oposição, como assevera grande parte das gramáticas tradicionais; como também, que o item tem função primariamente coesiva. Essa perspectiva leva as autoras a afirmarem:

Nesse sentido, concordamos com as gramáticas funcionais e os estudos linguístico-textuais, quando esses afirmam que o **mas** é um termo que está além da classificação que recebe nos manuais normativo-pedagógicos, podendo ser usado para expressar inúmeros valores semânticos, como comprovam as ocorrências que constam de nosso *corpus* de análise. (p. 21-22)

O trabalho de Oliveira (2009) faz uma análise dos conectores adversativos na fala do natalense, trazendo como complemento uma tentativa de contribuir com implicações para o ensino de língua. A autora apresenta um estudo detalhado sobre a origem das conjunções, desde o latim – o clássico e o latim vulgar - que é quando se inicia a observação de que tais conjunções eram escassas e o português foi herdeiro dessa carência. Afirma Oliveira (2009, p. 57): “[...] para suprir a falta das demais conjunções latinas, os usuários estão sempre

recorrendo a palavras de outras classes gramaticais, sobretudo, dos advérbios e preposições, e, a partir daí, implementam-se os processos de gramaticalização”.

Quando trata das adversativas, Oliveira (2009, p. 58) confirma o que já é lugar comum em conclusões de diversas pesquisas realizadas na área, ao defender que os conceitos da gramática tradicional são referidos de forma imprecisa e superficial. A autora alega que a maioria dos conceitos traz somente definições e exemplos pré-fabricados, fundamentados em clássicos da literatura, sem promover uma reflexão ou referência ao uso da língua corrente.

Ao estudar o funcionamento sintático-semântico-pragmático das construções adversativas do português – *porém*, *no entanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia* e *só que*, Botaro (2010), em sua dissertação de mestrado, utiliza um *corpus* constituído pela Tradição Discursiva “carta”. O período selecionado para análise de seus dados envolve os séculos XIX e XX, com cartas pessoais e midiáticas produzidas no estado de São Paulo. A autora utiliza os pressupostos da Gramaticalização e da perspectiva textual-interativa para percorrer as etapas evolutivas de juntores que integram as construções adversativas.

No referido trabalho, o item prototípico *mas* é usado como parâmetro comparativo para os demais itens analisados, por já ser considerado avançado no processo de Gramaticalização, como afirma a autora (op. cit.) ao descrever seu objetivo principal:

[...] o propósito de percorrer as etapas evolutivas de juntores que integram essas construções, tendo como parâmetro a trajetória do item adversativo prototípico *mas*, que estaria em estágio mais avançado de gramaticalização: advérbio *magis* > juntor textual > articulador textual-interativo. (p. 11)

Ao tratar das conjunções adversativas através da perspectiva normativa, Botaro confirma, mais uma vez, o que vem se discutindo nos estudos que levam em conta a GT em relação às definições e classificações dos itens adversativos:

Embora alguns dos estudos normativistas reconheçam algumas particularidades dessas construções, esses compêndios ainda apresentam falta de consenso com relação à classificação e à definição desses itens tão heterogêneos, que resultam em construções polissêmicas. Além disso, da perspectiva prescritiva pouco se discute sobre as relações semânticas envolvidas no mecanismo de adversidade e, quando algumas das acepções de sentido são apontadas, não há maiores explicações nem tampouco consenso entre as gramáticas quanto a essa classificação. (p. 20)

Em suas considerações finais, a autora (op. cit., p. 108) aponta indícios de um processo avançado de gramaticalização do juntor *mas*, o que também ocorreria com as outras

conjunções. Assim, ela destaca que, em grande parte do percurso, as construções estudadas seguem um processo de mudança em muito semelhante ao do *mas*. Mas, para a autora, é possível apontar duas distinções: as construções se especializaram, em grande parte das ocorrências, na realização da contra-argumentação e nenhuma delas apareceu, como *mas*, em contextos mais interacionais, isto é, não funcionam como Marcadores Discursivos; as construções se limitaram em articular sequências discursivas mais amplas.

Numa perspectiva que recorre à linguística textual e à semântica, Fabri (2010) realiza uma análise sobre as conjunções adversativas *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*. As conclusões, conforme afirma a autora (op. cit.), dão conta de uma multiplicidade de funções inerente ao uso desses elementos:

Verificamos que as conjunções em estudo funcionam como operadores argumentativos que colaboram com a progressão do texto, apontando a sequência para uma outra direção e expandindo a afirmação anterior. Elas não podem ser consideradas como meros elementos relacionais responsáveis pela oposição entre segmentos, como assevera a grande maioria das gramáticas tradicionais. Essas conjunções são responsáveis pelos efeitos de sentidos que o autor se propõe a estabelecer com o seu interlocutor. (p.24)

Mais uma vez, observamos o quanto o estudo das adversativas tem comprovado o processo de gramaticalização que seus conectores vêm passando através do tempo e o quanto as gramáticas tradicionais restringem sua abordagem quando lidam com o tema de forma normativo-prescritiva.

Rosa (2013, p.91), em seu artigo intitulado: *Breves notas sobre as conjunções coordenativas: uma análise a partir de três gramáticas normativas e três livros didáticos do ensino fundamental*, apresenta uma leitura sobre o que há na GT a respeito das adversativas, destacando a necessidade de uma nova perspectiva conceitual para as conjunções, assim como para as orações por elas introduzidas. Segundo o autor, seria preciso ultrapassar os conceitos já consagrados pelas GTs, visando alcançar o verdadeiro valor das conjunções sob um viés compatível com a realidade da comunicação atual.

É fato que as GTs destinam um tratamento às conjunções adversativas revelador do seu caráter estático, desprezando a observação dos contextos sociais, pragmáticos e discursivos nos quais os usos da língua se concretizam na contemporaneidade. Não podemos deixar de reafirmar a preocupação com as passagens em que alguns autores, como anteriormente citado, informam que as conjunções adversativas presentes no uso, não são originalmente conjunções e sim advérbios relocados de acordo com aproximação semântica

ou textual. Mas, nesses compêndios, o que prevalece é a repetição de conceitos e classificações desconectadas dos usos.

Entretanto, percebemos que muito já se tem avançado na pesquisa dos conectores adversativos no tocante à pesquisa orientada pela ciência linguística. Assim, muito há de se caminhar para firmar uma mudança nas bases do estudo e do ensino quando se trata da gramática do português no Brasil.

3. OS DADOS: ANÁLISE E REFLEXÃO

Este capítulo apresenta e analisa os dados do *corpus*. Resolvemos dividi-lo em três seções: i) origem e evolução dos itens; ii) análise da amostra das primeiras décadas do século XX; e iii) análise da amostra das primeiras décadas do século XXI; essa terceira parte, envolve, também, análise comparativa das amostras dos dois séculos. A apresentação do tratamento quantitativo a que submetemos os dados coletados em cada recorte será acompanhada de análise qualitativa calcada numa perspectiva funcionalista.

Os dados foram coletados, conforme já destacamos, em notícias veiculadas em jornais impressos. Os textos, que versam sobre o tema futebol, circularam na cidade de Recife – PE. A tabela 1, a seguir, expõe um panorama dos itens adversativos encontrados no *corpus*:

Item	Quantidade
mas	66
porém	20
no entanto	12
contudo	06
entretanto	05
e	03
todavia	01
em contrapartida	01
por sua vez	01
TOTAL	115

Tabela 1: Itens adversativos no *corpus* total.

Conforme demonstra a tabela acima, contabilizamos um total de 09 (nove) diferentes itens nos dois recortes da pesquisa, com um total de 115 ocorrências. A ordem dos itens reflete a frequência que cada um teve na soma dos dois recortes da pesquisa.

Ainda, destacamos que a lista de itens presentes em cada recorte da pesquisa apresenta alteração conforme apontamos a seguir. No quadro 4, temos o sinal (X) como indicador da presença do item no recorte e (-) como ausência na amostra em questão.

Item	Século XX	Século XXI
mas	x	x
porém	x	x
no entanto	x	x
contudo	x	x
entretanto	x	x
e	-	x
todavia	x	-
em contrapartida	-	x
por sua vez	-	x

Quadro 4: Presença e ausência da lista de itens adversativos de acordo com cada recorte.

Na sequência, na mesma ordem em que aparecem no quadro 4, apresentaremos uma breve descrição acerca da origem e trajetória dos itens para, posteriormente, analisá-los, desta feita contextualizados em cada amostra cronológica.

3.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS ITENS

3.1.1 *Mas*

O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha (2012, p.413) trata o *mas* como conjunção, *mais*, do latim *magis*. Já o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2001, p. 1861) apresenta o *mas* como conjunção coordenativa adversativa com as seguintes aplicações:

1. liga orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas; contudo, entretanto, todavia, apesar disso, não obstante; 1.1. com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito; 1.1.1. após uma negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto [...].

Ainda, na classificação como advérbio, o *mas* é usado para corroborar o que o usuário da língua acabou de dizer: “a moça deixou-o impressionado, *mas* muito impressionado”. Também, para os autores, a origem etimológica do *mas* provém do português arcaico *mais* e, este, do latim *magis*; o valor adversativo originou-se do fato de, em muitos contextos em que

se usava esta partícula, a ideia opositiva estar implícita, do que resultou a fixação desse sentido na partícula.

3.1.2 *Porém*

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.2263) apresenta o *porém* como conjunção coordenada adversativa que introduz ou finaliza uma oração ou um período cujo conteúdo faz oposição ou restrição ao que foi dito na oração anterior; *mas, contudo, todavia, apesar disso, não obstante*. Ainda segundo os autores, o item é etimologicamente proveniente do latim *proinde*: “assim, portanto, pois, por conseguinte”, pelo arcaísmo *por ende* e as formas históricas são: século XIII *poren*, século XIII *porẽ*, século XIV *porem*, século XIV *por em*.

O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha (2012, p.512) cita o *porém* como conjunção ‘*contudo, todavia*’, com formas históricas de *porende* no século XIII e *poren* no século XIV. A origem etimológica é apresentada da junção *por* + *ende* (< lat. *Inde*), frequente no português medieval desde o século XIII.

3.1.3 *No entanto*

Sendo difícil encontrar o termo *no entanto* nos dicionários - etimológicos ou não - da língua portuguesa, partimos para a pesquisa do termo *entanto*. No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.1161), encontramos *entanto* primeiramente como advérbio, significando *nesse meio tempo, nesse ínterim* e também como conjunção adversativa designativa de adversão, oposição, restrição; *mas, porém, contudo, todavia*. No mesmo segmento, os autores apresentam o *no entanto* como equivalente a *no entretanto, nesse meio tempo* e *entretanto, contudo, todavia*, com observação de que seu uso como conjunção é registrado somente no Brasil. A origem etimológica aponta ao advérbio latino *intantum*, da composição da preposição latina *in* ‘em’ + advérbio latim *tantum* ‘tanto, de tal modo’.

Oliveira (2009, p. 86), seguindo a perspectiva de Barreto (1999), apresenta a origem do *no entanto*, formado a partir da preposição latina *in* que se justapôs ao indefinido *tantum*, dando origem ao advérbio *intantum* (por isso). Daí, chegamos à forma *entanto*.

O termo teria, então, segundo o trabalho de Oliveira (op. cit.), percorrido a seguinte trajetória de evolução: *advérbio* > *conjunção* e pode ter sido empregado a partir do século

XVI. A princípio, com a forma *entanto*; evoluiu posteriormente para *no entanto*, uso comum no português escrito contemporâneo.

3.1.4 *Contudo*

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.826), encontramos o *contudo* sendo definido como conjunção adversativa designativa de adversão, oposição, restrição; *mas, porém, entretanto, no entanto, todavia*. Gramaticalmente, o termo se apresenta como conjunção coordenativa adversativa que indica contraste ou restrição na ligação de dois termos ou de duas orações de igual função. Como origem etimológica, os autores apresentam o *contudo* como resultado da junção da preposição *com* + pronome *tudo*, tendo como fonte histórica do século XIV o *contodo* e, de 1500, *cô tudo*.

Silva (2010, p. 101) cita Barreto (1999) para afirmar que o item *contudo* se formou a partir da justaposição da preposição **com** ao pronome indefinido **tudo**, do latim *totu*, que significava “a totalidade de pessoas, animais ou coisas”. O sentido original desse item é: com todas essas/as coisas.

3.1.5 *Entretanto*

Cunha (2012, p. 249), no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, apresenta o *entretanto* como advérbio que significa ‘entrementes, no entanto’, sendo formado da junção de *entre* + *tanto*.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.1168) trata o *entretanto* como advérbio “entrementes, nesse íterim, nesse meio-tempo” e como conjunção adversativa designativo de adversão, oposição, restrição; *todavia, contudo, mas, porém, no entanto*. Ainda, como origem etimológica, os autores afirmam que o item *entretanto* surge da composição da preposição *entre* + *tanto* proveniente do advérbio latino *tantum* ‘tanto, de tal modo’.

Fabri (2001, p. 44), seguindo os estudos de Nascentes (1966) e Barreto (1999), realiza a seguinte análise diacrônica do item *entretanto*: derivado da preposição *entre*, do latim *inter*, mais *tanto*, do latim *tantu*, o item é uma conjunção coordenativa adversativa, sendo usada nos séculos XVI, XVII, XX. Ocorre em posição inicial no período, introduzindo uma oração com verbo no indicativo. Segundo essa autora, a referida conjunção é, hoje, mais empregada na língua escrita, enquanto o português falado emprega, comumente, a forma *entretanto que*.

3.1.6 E

O item *e*, de acordo com a GT é conjunção coordenada aditiva. Mas, alguns autores já percebem a possível função de coordenador adversativo que o item pode absolver. Cunha e Cintra (2013, p. 596-597) fazem a observação de que “certas conjunções coordenativas podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados”. E, dentro dessa particularidade, os autores (op. cit.) mencionam o *e* como exemplo de item que pode ter um valor adversativo.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.1094) trata o *e* como conjunção aditiva e também como conjunção adversativa. Como adversativa, os autores ressaltam que o item apresenta uma ideia contrária à que foi expressa, igualando seu significado semanticamente ao de *mas* e *porém*, ou com a junção com *no entanto* e *contudo*. Como origem etimológica, os autores apontam o *e* como originário da conjunção latina *et* ‘e, demais, além disso; ainda, até; pois que; mas, entretanto; por isso; já, quando, logo; ou; que, como’.

Já para Neves (2000, p.739), o item *e* não deixa de ser conjunção formadora de construção aditiva. Segundo a autora, o que pode acontecer é uma relação semântica marcada pelo contraste entre as informações que são sequenciadas pelo referido conector.

3.1.7 Todavia

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.2729) o *todavia* é um item datado do século XIII, formado no latim pela junção do pronome indefinido *tota* com o sintagma nominal *via*, com sentido de *em todo o caminho*.

O dicionário Michaelis (2000, p. 590) apresenta a seguinte definição para *todavia*: “adv. e conj. *Ainda assim, contudo, entretanto, porém*”. Como podemos perceber, no citado dicionário, ainda há a definição de advérbio e de conjunção para *todavia*.

3.1.8 Em contrapartida

Pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.822), *contrapartida* é tratado como substantivo feminino que significa *lançamento em conta* que, pelo sistema de partidas dobradas, contrapõe-se e corresponde a outro lançamento. Ainda, o

termo *contrapartida* é apresentado como equivalente a: *em compensação, por outro lado*. Etimologicamente proveniente de *contra* + *partida*.

Percebemos, pelo significado do termo no dicionário Houaiss (op. cit.), que, mesmo sem ser considerado uma conjunção na tradição gramatical, no sentido semântico da palavra, o valor de contraposição lhe é inerente, o que pode explicar seu uso como um conector adversativo conforme veremos mais adiante.

O item *em contrapartida* mantém sua formação com três vocábulos: *em* (preposição), *contra* (preposição com significado de oposição, de encontro a) e *partida* (substantivo que significa parte, lado). O termo, *contrapartida*, é formado por composição em justaposição, fenômeno no qual as palavras não perdem nenhum de seus elementos originais ao se unirem para formarem uma nova palavra. No significado do termo como um todo, a oposição já se faz clara.

3.1.9 *Por sua vez*

No Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, de Rocha e Rocha (2012), encontramos a expressão *por seu turno*, sendo tratado como *por sua vez*, alternativamente. O mesmo que ‘*por sua vez*’.

Já pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2001, p.2854), o termo é tratado como elemento de composição antepositivo, do latim *vicem*, acusativo de *vix* ‘vez, sucessão, alternativa’. Também, como substantivo feminino com designação da ocorrência de um evento ou de cada ocorrência de eventos sucessivos idênticos ou análogos.

Nas gramáticas tradicionais pesquisadas, bem como nas de base funcionalista, o termo ‘por sua vez’ não foi considerado como conjunção adversativa; aliás, nem mesmo se fez presente nas classificações ou nos exemplos dados.

A única fonte em que o item é considerado conjunção adversativa foi no dicionário informal eletrônico em que Soares afirma: “expressão que significa adversão, o mesmo que *contudo, entretanto, porém, no entanto, ainda assim*”.

Feita essa apresentação dos itens adversativos presentes no *corpus*, focalizaremos, individualmente, as amostras de cada século. Os itens serão analisados, considerando os contextos em que se inserem nos textos jornalísticos investigados.

3.2 AMOSTRA DO SÉCULO XX

A prática do futebol teve início na cidade do Recife somente no início do século XX, de acordo com Alves (1978). O autor afirma: “A história do futebol em Pernambuco, nos seus primórdios, em quase nada difere da de outros Estados do Brasil. [...] para aqui ele também foi trazido, em fins de 1903, por um brasileiro que se educou na Inglaterra [...]” (p. 15)

Como a prática do esporte não era bem disseminada na cidade, o número de notícias sobre o tema veiculadas nos noticiosos também não seria elevado. Assim, já esperávamos um volume pouco numeroso de itens adversativos nesse primeiro recorte da pesquisa. Além de haver um contingente pequeno de notícias sobre futebol no início do século XX, quando elas eram produzidas, continham somente notas de treinos marcados, escalação de equipes e informações sobre novos times que surgiam.

Entre os dados coletados no *corpus*, registramos ocorrências como:

- (1) O keeper é Luiz Cavalcanti; gostamos imenso do jogo deste goal-keeper, **mas**, achamos que Rubens Silva daria melhor conta do recado. (Jornal do Recife – 12 de setembro de 1915)
- (2) Realizou-se hontem, conforme fora annunciado, um match de Foot-Ball entre o Collegio Americano e o dos maristas, saindo o Americano vencedor pelo score de 2 a 1; tendo, **porem**, se portado o Sr. Referee parcialmente, ficou resolvido, conforme a sua própria vontade, que se tomasse como empate o referido match, sendo então o resultado de 1 a 1. (Jornal do Recife – 30 de julho de 1915)
- (3) Depois do descanso é recommçado com mais entusiasmo o combate Britto com enormes collicas não estava jogando como no primeiro meio tempo; **entretanto** pouco demonstrava e a confiança inspirada em Pitôta, fazia com que aquelle forward para se vêr livre da bolla passasse logo ao seu pequeno companheiro. (Jornal do Recife – 15 de setembro de 1915)
- (4) Consoante fôra annunciado, effectuou-se domingo p. p. na praça dos sports do “Centro Sportivo do Sancho” o match-retorno dos clubs acima. Apesar dos fortes aguaceiros da tarde, **comtudo**, conseguiu o campo do “Sancho” arastar grande multidão anciosa pelo desenrolar dos sensacionais prélios. (Diário da manhã – 22 de junho de 1927)

O fato de os itens aparecerem em menor quantidade e irem aumentando a frequência à medida que o número de notícias se torna mais abundante nos jornais confirma nossa hipótese de que o tema *futebol* seria fértil no uso de construções de caráter opositivo.

Nesse sentido, nossa tarefa de tentar confirmar a tendência de mudança que esses itens vêm apresentando, quando comparados com o recorte mais antigo, pode ganhar fôlego quanto

mais produtivo se mostrar um determinado uso. Desse modo, buscar um tema no qual pudéssemos flagrar a evolução do funcionamento dos itens, observando desde o surgimento das primeiras notícias, passando pelo crescimento em volume de notícias e em frequência de itens, até chegar ao ápice de resultados na atualidade, é o fio com o qual pretendemos tecer a análise dos dados.

Na sequência, apresentamos as especificidades dos usos, as quais caracterizam o acionamento de cada item nos textos investigados.

3.3 OS ITENS ANALISADOS NO RECORTE DO SÉCULO XX

Observando os dados de maneira panorâmica, podemos antecipar uma primeira constatação: itens adversativos aparecem em maior frequência, nesse primeiro recorte, quando a notícia relata um jogo já ocorrido, se comparada à frequência em textos que notificam a realização futura de um jogo.

No recorte analisado, verificamos a ocorrência de itens diversificados atuando em função adversativa, conforme evidenciado na tabela 2, a seguir, na qual há a quantificação das ocorrências no período que corresponde ao início do século XX:

Itens adversativos	Quantidade	%
mas	14	42,4%
porém	11	33,4%
entretanto	04	12,1%
contudo	02	6,1%
no entanto	01	3%
todavia	01	3%
Total	33	100%

Tabela 2: Itens adversativos no *corpus* do século XX.

Percebemos que os itens *mas* e *porém* são os mais frequentes nesses textos das primeiras décadas do século XX. Esses dados ratificam o que se faz público nas diversas gramáticas consideradas tradicionais referenciadas no capítulo anterior.

Essa alta frequência de um determinado item, como o *mas*, com 14 ocorrências, sinaliza para a possibilidade de sua inserção em contextos os mais variados, o que pode vir a

alimentar não só sua especialização no cumprimento de uma função específica, como também a ativação de novas nuances semânticas para seu uso em contextos inovadores.

Na sequência, apresentamos os itens, individualmente, na tentativa de traçarmos um perfil de seu funcionamento.

3.3.1 O item *mas*

O *mas*, além de ser a forma prototípica das conjunções adversativas, se interpretarmos sob uma ótica funcionalista, também pode apresentar outras funções, a depender do contexto de uso em que é acionado, como veremos a seguir. Nos usos do *corpus*, esse valor tradicional prototípico, já identificado pela GT, é ratificado, mas há também contextos em que o item aciona algumas especificidades discursivas.

Vejamos algumas ocorrências:

- (5) [...] Se bem que todos os palpites para este match sejam perigosos, quer-nos parecer que ao team do Telegrapho caberá a Victoria, não que elle seja melhor do que o seu adversario **mas** parece-nos que está em melhor traino e isto n'um jogo rapido como este deverá ser de grandes vantagens. (Jornal do Recife – 24 de agosto de 1905)
- (6) A linha de forward é menos forte do que o ataque, **mas**, faz temer. (Jornal do Recife – 12 de setembro de 1915)
- (7) O dia fresco de domingo presagiava uma vazante geral no British; e a chuva que promettia dezabar fazia acreditar que o jogo seria deselegante, falho de episodios e avaro de peripecias, que tanto calor dão aos matches disputados. **Mas** isto não aconteceu. (Jornal do Recife – 15 de setembro de 1915)

Nessas ocorrências, o *mas* atua como conjunção adversativa, sua função tradicional, conectando ideias contrárias, em orações independentes entre si. Em (5) e (6), podemos observar essa forma de oposição em orações semanticamente independentes uma da outra. Já em (7), ocorre também a contraposição entre as informações justapostas, mas essa oposição ultrapassa o limite oracional, já que o *mas* introduz o período seguinte. É relevante apontar o reforço que a oposição recebe do *não* nessa última ocorrência.

Conforme entendem Castilho e Elias (2012), as orações coordenadas desse tipo também podem ser chamadas de **contrajuntivas**, uma vez que o que se diz na segunda parte da sentença contraria as expectativas geradas pela primeira oração. Ainda, para esses autores, em situações como a da ocorrência (7), o *mas*, seguido do *não*, estaria cumprindo uma função adverbial de negação. Esse seria, provavelmente, o contexto motivador da mudança do *mas*,

de advérbio latino *magis*, passando por advérbio de negação - *mas não* - para chegar à conjunção, ocupando posição fixa.

Como já indicamos, o *mas* não apresenta somente essa função de conjunção adversativa no nível oracional. Vejamos, nas ocorrências seguintes, situações em que o item não relaciona orações:

- (8) Anagan põe por diversas vezes a bola fóra de campo, sendo precisa a intervenção de Lellys, o qual com bem marcado passe faz chegar a bola aos pés de Tasso, que coadjuvado por sua linha consegue shootar, **mas** sem resultado. (Jornal do Recife – 03 de agosto de 1915)
- (9) Lellys é o mesmo jogador antigo, jogou bem, **mas** com muita violência. (Jornal do Recife – 03 de agosto de 1915)

Nos dados (8) e (9), não há uma ligação entre orações, apesar de no exemplo (9) podermos considerar a elipse do verbo “jogou”, passando assim a haver outra oração. Em (8), há uma conexão entre itens nominais e o item *sem* reforça a ideia de oposição.

Em outras situações, não fica perceptível uma oposição clara. É como se o *mas* estivesse apenas ligando um pensamento a outro diferente, sem que houvesse uma relação explícita de oposição ou ideia contrária. Nesses casos, o item funcionaria como uma espécie de conectivo sequenciador. É isso que ocorre em (10), (11) e (12).

- (10) Pelo modo de ver dos socios do Santa Cruz conforme teem se externado, este club infligirá uma derrota ao seu antagonista, **mas**, cremos que isto é o calor partidario , ou melhor concepções avantajados, que não substituirão o desejado intento, em, vista do aprontamento que está a equipe defensora das cores alvo e rubra. (Jornal do Recife – 05 de setembro de 1915)
- (11) A linha brasileira sempre atacada quando Hennebery temendo o bello passe feito por Britto á Arruda cargueira este pelas costas, **mas**, isto passou porque o referee não vio. (Jornal do Recife – 15 de setembro de 1915)
- (12) Queixas e maguas, sempre trazem as delegações de um ou de outro Estado, nestas excursões, **mas** nunca foi publicado o quanto de despesa ou receita teve este ou aquele clube. (Diário da manhã – 31 de julho de 1927)

Em (10), embora o item não esteja completamente destituído de seu valor opositivo, não se verifica propriamente uma oposição de ideias, ou seja, o que se diz na oração com o conectivo *mas* não contradiz o que é dito na oração anterior. Ocorre uma sequência de informações. Há a apresentação do ponto de vista dos sócios do Santa Cruz e, em seguida, o pensamento de quem escreveu a notícia a partir de uma suposição de que o time alvo e rubro,

o Náutico, oponente do Santa Cruz na partida ditada na notícia, esteja pronto para enfrentar o jogo e perseguir a vitória. O mesmo acontece em (11), com uma sequência de fatos descritos no jogo e a continuação do texto informando que o fato aconteceu de tal maneira devido à falha cometida pelo juiz, ao não ter enxergado o lance do jogo. Essa articulação não conjuga ideias adversas, contrárias. No caso do (12), a oposição não se efetiva de forma direta, contrapondo-se posições expressas no texto. Ocorre a ativação de um conhecimento de mundo que os leitores teriam sobre a necessidade de prestação de contas que relacionam despesas e receitas dos clubes. Não há, portanto, uma oposição de fatos.

Apesar de frequentemente aparecer no início da oração em que impõe adversidade, o *mas* pode surgir em algumas situações que fogem a essa regra. Por isso, parece-nos relevante investigar a posição ocupada por ele no fluxo textual. Pelo observado, o referido item pode ocorrer em três posições distintas: i) ligando orações; ii) início de período no interior do parágrafo, e iii) início de parágrafo. Em relação a esse critério, os dados dessa amostra do *corpus* podem ser distribuídos como na tabela a seguir.

<i>Mas</i>	Quantidade	%
ligando orações	13	92,9%
no início de frase (no interior do parágrafo)	01	7,1%
iniciando um parágrafo	0	0%
Total	14	100%

Tabela 3: O item *mas* de acordo com sua colocação nas frases: século XX.

Os resultados apresentados na tabela 3 revelam que o *mas*, no início do século XX, é usado predominantemente em fronteira oracional: mais de 90% das ocorrências trazem o item ligando orações. Houve apenas 1 (uma) ocorrência no início de uma frase no interior do parágrafo e nenhuma ocorrência iniciando um parágrafo.

Essa constatação talvez possa ser creditada a um cuidado maior dos jornalistas em atender aos preceitos dos manuais de gramática que determinam a função padrão do *mas* como conector de orações adversativas. Com o passar do tempo, esse monitoramento foi afrouxado e o conector passou a ser produtivo também na conexão de outros pontos dos textos.

3.3.2 O item *porém*

De acordo com a tabela 2, *porém* aparece em segundo lugar, concorrendo com o *mas*, na relação de itens adversativos apresentados neste trabalho. Apesar de ser considerado também conjunção adversativa na GT, já vimos que o *porém* experimenta um comportamento diferente do que é típico dessa classe. Uma peculiaridade marcante do *porém* é que ele não se apresenta em uma posição fixa nas orações em que aparece, diferentemente do *mas*, que só é acionado no início das orações, sentenças ou frases adversativas. Justamente por essa condição de poder se posicionar mais livremente na sentença é que alguns autores, como Perini (2009) e Castilho e Elias (2012), acreditam que o *porém* apresenta, ainda, muitos traços de advérbio. Perini (2009), inclusive, defende que este item, assim como outros conectivos, pode fazer parte de um grupo mais aberto no trato sintático do termo.

Vejamos alguns casos do uso do *porém* nesse recorte da pesquisa:

- (13) Não podemos também comparar os dois teams, pois ao passo que o Sport apresenta no dia 15 um team ligeiro e unido o team do Sr. Bradford, afigura-se-nos forte **porém** menos ligeiro que o Sport. (Jornal do Recife – 13 de agosto de 1905)
- (14) O Center chuta o goal procurando vasar o triangulo inimigo, **porem** o Salomão com uma bella rebatida consegue salvar o goal do seu club. (Jornal do Recife – 22 de setembro de 1915)

No dado (13), o *porém* aciona uma oposição com algum teor de comparação, não de orações, mas de termos dentro da oração que menciona o time do Sr. Bradford. Há uma ligação entre as características dos referentes, explícita no trecho: “forte *porém* menos ligeiro que o Sport”. Ao mesmo tempo, se estabelece uma conexão entre as características atribuídas aos dois times.

No exemplo (14), o *porém* introduz a segunda oração, ocupando, portanto, a posição tradicional dos conectivos oracionais, a exemplo do que sempre ocorre com o *mas*, iniciando a oração adversativa. Nessa mesma situação, se estabelece uma oposição entre a expectativa gerada na primeira oração e o desenrolar dos fatos narrados na segunda: o que se esperava que ocorresse não ocorre, ou seja, o gol.

Em muitos dos usos do conector *porém*, vemos a presença de um item negativo em uma das orações, conforme podemos constatar nas ocorrências a seguir:

- (15) Oliver, Peterson e Pickwood são tres jogadores que conhecem perfeitamente os segredos do Rugby, sendo sempre bem ajudados pelos seus forwards conduzidos por Newton. Pelo Sport Club distinguiram-se R. H. Bradford, Callander e Hughman nada podendo fazer, **porem**, devido á falta de auxilio. (Jornal do Recife – 25 de julho de 1905)
- (16) Durante o primeiro houve boas investidas de ambas as partes, não conseguindo **porém** marcar score nenhum dos contendores. (Jornal do Recife – 06 de julho de 1915 - Texto B)

Em (15), verificamos a presença do termo **nada**. No exemplo (16), recorre-se ao item **não** para estabelecer a negação que leva a uma ideia de adversidade, de ideias opostas. Dados como esses podem representar indícios de que o *porém* demanda algum reforço para consolidar a ideia de contraposição, uma vez que se mostra muito produtivo em contextos de negação.

Conforme já afirmamos, o item *porém* pode ocupar diversas posições ao longo da oração em que indica ideias adversativas. O dicionário de Cegalla (2012) confirma essa mobilidade estrutural, quando apresenta a definição do termo.

Porém [Do latim *proinde*, portanto, por conseguinte.] Conj. Adversativa. 1. Mas, contudo, todavia, entretanto, não obstante, apesar disso [...]
 Porém distingue-se pela sua mobilidade dentro da frase ou do período, podendo aparecer no início deste (colocação pouco usada hoje, mas correta), no interior ou no fim (colocação rara, mas possível em certos casos...) [...]
 A conjunção em foco pode ser colocada depois do sujeito ou do verbo da oração adversativa [...] (p. 312)

Apresentamos, a seguir, as posições estruturais em que o *porém* foi flagrado, considerando os usos do início do século XX:

Usos do <i>Porém</i>	Quantidade	%
ligando orações	09	81,8%
ligando termos da oração	02	18,2%
Total	11	100%

Tabela 4: O *porém* ligando orações ou termos da oração.

Percebemos, pelos dados da tabela 4, que o *porém*, no início do século XX, tem uso mais frequente ligando orações do que ligando termos de uma oração. Isso significa que o

item é usado como conjunção adversativa como sugere a GT. Vejamos como essas situações podem ser ilustradas com os dados do *corpus*:

- (17) A bola ora num campo, ora noutro. Jorge recebe um passe de um seu companheiro, escapa, **porém** Smith com uma linda tirada, salva seu team de tão ingrata perspectiva. (Jornal do Recife – 03 de agosto de 1915)

No exemplo (17), o *porém* é usado como nexor oracional, sendo este o caso de quase 82% das aparições do item nesse recorte.

- (18) Precisamente às 16 horas entraram em campo os 1º teams, cada um com substituições, notando-se, **porém**, a desvantagem para America, [...]. (Jornal do Recife – 31 de agosto de 1915)

Já na ocorrência (18), o *porém* aparece ligando termos no interior da oração. Nesse caso, o item complementa ou modifica o verbo *notando*, imprimindo a ideia de oposição no interior da oração em que atua, não na ligação de uma oração com outra.

Além de funcionar na fronteira entre orações, o *porém* pode aparecer no início do período, no interior da oração ou no seu final. Lembrando que para ser considerado conector oracional, o *porém* precisa estar ativando um sentido opositivo na conexão de uma oração com outra e não ligando termos dentro da mesma oração como vimos no exemplo (18).

A tabela 5, a seguir, evidencia a distribuição de frequência do *porém*, levando em consideração a posição estrutural ocupada pelo item no recorte em tela:

O <i>porém</i> conector oracional	Quantidade	%
no interior da oração	05	55,6%
no início da oração	04	44,4%
no final da oração	0	0%
Total	09	100%

Tabela 5: Posição estrutural ocupada pelo *porém*.

Ao relacionar orações, o *porém* apresenta um equilíbrio na distribuição de frequência, se considerarmos as posições que ocupa: no interior ou no início das orações. Não houve ocorrências do *porém* no final da oração. Os dados expostos, a seguir, ilustram as posições estruturais evidenciadas na tabela 5.

- (19) A Directoria do Sport, desta vez não fez convites especiaes, reserva **porém** logares para as famílias que comparecerem. (Jornal do Recife – 13 de agosto de 1905)
- (20) [...] A vitória em si nada encerra de admirável, **porém** da forma pela qual ela foi obtida é um fato sem exemplo em nosso meio esportivo. (Jornal Pequeno – 16 de abril de 1917)

Na ocorrência (19), o item em foco flutua para uma posição não fronteira na oração, enquanto em (20), ele abre a oração que direciona argumentos contrapostos semanticamente à oração anterior no fluxo textual.

Essa condição de maior liberdade estrutural desfrutada pelo *porém* pode chamar a atenção para o fato de seu deslocamento poder aproximá-lo ou distanciá-lo tanto do sujeito quanto do verbo da oração em que aparece. Embora não possamos ser categóricos em relação a uma classificação definitiva, é possível depreender um funcionamento mais relacional do item à medida que ele se avizinha da fronteira oracional. O fato é que essa mobilidade atesta sua herança adverbial, embora não o destitua do papel adversativo que desempenha nos diversos contextos de atuação.

Assim, os usos indicam que o item ainda mantém traços de sua função de advérbio, diferentemente do *mas*, que se apresenta em uma posição mais fixa nas orações, como sua função de conjunção determina. Parece que o *mas* perdeu sua mobilidade adverbial herdada do *magis* em sua origem latina.

Um fato relevante é que, embora saibamos que, na atual sincronia, o item possa aparecer em diversos pontos da oração, nos dados coletados no recorte temporal do início do século XX, todas as ocorrências do *porém* no interior da oração se dão imediatamente sucedendo o verbo.

3.3.3 O item *entretanto*

Com 4 (quatro) ocorrências nesse recorte do século XX, o *entretanto* apareceu, em três delas, iniciando o período, duas das quais abrindo o parágrafo.

- (21) Ao entrarem em campo os primeiros teams, notamos que a valorosa equipe do João de Barros estava deveras modificada [...]
Entretanto com todas as substituições o ataque do João de Barros, auxiliado pela sua linha de half, esteve ambos os meios tempos no campo adversario. (Jornal do Recife – 06 de julho de 1915 - Texto A)

- (22) O jogo começou ás 16 e 5. A sahida coube aos inglezes, que iniciaram um ataque tenaz e cerrado.

Entretanto os brasileiros um pouco tímidos e deordenados, davam também as suas escapadas. (Jornal do Recife – 15 de setembro de 1915)

Como podemos perceber em (21) e (22), o *entretanto* inicia o parágrafo. Mesmo podendo flutuar no interior das orações, como ocorre com o *porém*, o *entretanto*, nessa análise da amostra do século XX, se manteve em 75% dos casos no início da oração, mantendo a posição clássica de conjunção.

A ocorrência, a seguir, ilustra a situação em que o item em foco ocupa uma posição não fronteira na oração:

- (23) A tarde desportiva de ante-hontem foi uma das mais bellas do actual campeonato official do Estado, pelos sansacionaes e emocionantes prélios disputados.

O que, **entretanto**, melhor assistencia pegou e que mais animação teve foi o encontro entre o campeonato de 1926, o “Torre”, e o tetra-campeão “America”. (Diário da manhã – 05 de julho de 1927)

No dado (23), o *entretanto* dá continuidade ao fluxo informacional, ativando uma interpretação opositiva para as informações, mas, dessa vez, não mais ocorre no início do período. Observamos que seria possível reorganizar a mesma informação posicionando o item no início da oração.

- (23a) [...]

Entretanto, o que melhor assistência pegou e que mais animação teve foi o encontro entre o campeonato de 1926, o “Torre”, e o tetra-campeão “América”.

Embora essa alteração da posição ocupada pelo item não modifique o sentido adversativo da informação, parece-nos que a pausa que ocorre quando da anteposição do conector se torna mais marcante para indicar a noção opositiva que o item impõe.

3.3.4 O item *contudo*

Em nosso recorte do século XX, *contudo* apareceu em duas ocorrências¹⁰:

¹⁰ A outra ocorrência do *contudo* foi apresentada anteriormente sob a indicação (4).

- (24) Não figuram no team do Sport para este match alguns dos seus melhores jogadores, **contudo** o team não está mal constituído, pois delle fazem parte: [...] (Jornal do Recife – 13 de agosto de 1905)

Em (24), o *contudo* surge no início da segunda oração. No caso, as duas orações apresentam sentido negativo, acionado pela presença do advérbio de negação *não*, o que confirma uma tendência à produtividade que os itens adversativos assumem nos contextos de oposição por negação.

3.3.5 O item *no entanto*

No recorte do século XX, o item *no entanto*, sempre apresentado pela GT como uma conjunção adversativa mais usada na forma escrita, ocorreu apenas uma vez, conforme veremos a seguir:

- (25) Rubem no goal apesar dos constantes ataques poucas bolas teve, fazendo **no entanto** duas belíssimas defesas [...].
(Jornal do Recife – 03 de agosto de 1915)

O exemplo (25) apresenta *no entanto* sucedendo o verbo da segunda oração, inserindo uma ideia de oposição, ao afirmar que o goleiro Rubem foi constantemente atacado, porém fez duas belas defesas. No caso, o item também ocupa uma posição não fronteira que atesta sua mobilidade, no que se assemelha ao *porém*.

3.3.6 O item *todavia*

Vejamos como se encontra o item *todavia* em nosso recorte do século XX, na ocorrência (26), única dessa amostra:

- (26) O Auxilbanco Sport Club, muito embora não constitua um quadro experimentado nas pugnas sportivas, inspira **todavia** confiança pelos seus elementos representativos.
(Diário da manhã – 16 de abril de 1927)

O dado (26) apresenta o *todavia* ligando orações, sequenciando o verbo do segmento que implica adversidade. Há, mais uma vez, como indicação dessa oposição, o item negativo

na oração anterior. Na primeira oração, a apresentação do time Auxilbanco não tem um histórico que revele sua experiência. Na segunda oração, tem-se algo que iria de encontro com essa primeira informação, pois o time passa confiança através de seus jogadores. É um claro exemplo de adversidade ligado pelo item *todavia*. Mas, o mais curioso desse dado é que ele apresenta, no mesmo contexto, estratégias opositivas distintas, embora semanticamente aproximadas: a adversidade e a concessão.

Concluído esse panorama dos itens adversativos encontrados no recorte do século XX, na próxima seção, lidamos com os dados referentes à segunda amostra: a do século XXI.

3.4 AMOSTRA DO SÉCULO XXI

Nessa fase de nossa pesquisa, os jornais já apresentavam uma parte dedicada somente ao tema de esportes. Nesse contexto, o futebol é, basicamente, o assunto mais focado nessas páginas, fato que ocorre até as edições mais recentes do ano de 2015. Desse modo, há facilidade de se encontrar notícia sobre o futebol e, no corpo dessas notícias, o uso recorrente de conectores adversativos, uma vez que o tema é movido à discussão e polêmica. O fato é que, assim como não falta assunto para escrever sobre futebol em jornais impressos de todo país, Pernambuco não fica de fora desse contexto.

3.5 OS ITENS ADVERSATIVOS NO RECORTE DO SÉCULO XXI

Além dos conectivos estudados, nesse recorte foram identificados outros itens. A tabela, a seguir, mostra a distribuição de frequência dos itens adversativos encontrados no recorte assinalado.

Itens adversativos	Quantidade	%
mas	52	63,4%
no entanto	11	13,4%
porém	09	11%
contudo	04	4,9%
e	03	3,7%
entretanto	01	1,2%
em contrapartida	01	1,2%
por sua vez	01	1,2%
Total	82	100%

Tabela 6: Itens adversativos na amostra do século XXI

Considerando a tabela 6, verificamos que há uma pequena mudança no que vem sendo colocado nos últimos trabalhos sobre o assunto e com relação ao que a tradição aponta como itens prototípicos de adversidade: *mas* e *porém*. De acordo com os dados, pelo critério da frequência, o *mas* continua em sua posição prototípica, aqui com mais de 50% de todos os itens relacionados. O que diverge das análises citadas é o fato de que o *porém* ocupa o terceiro lugar, perdendo para o *no entanto*, que aparece como segundo colocado. Chama-nos a atenção, também, a presença de um grupo mais numeroso de itens sendo usados para realizar a adversidade nos textos examinados, em comparação com o recorte do século anterior.

Na sequência, analisamos os itens adversativos usados no recorte em análise, como também tentaremos estabelecer comparativos com a amostra do século anterior visando a traçar o quadro em que se encaminha a evolução da adversidade, considerando a mudança dos itens na preferência dos usuários, como também, possíveis alterações do funcionamento de determinados itens que se aventuram em contextos não tradicionalmente reconhecidos como adversativos.

3.5.1 O item *mas*

Tal qual ocorre na análise do século XX, o *mas* continua em primeiro lugar na lista dos mais usados nas notícias sobre futebol, nos jornais de Pernambuco, no recorte do século XXI. Predominam os usos do item em sua função mais prototípica: como conjunção adversativa, em orações coordenadas, ratificando a norma estabelecida pela GT, especialmente, nos compêndios consultados nesta pesquisa. É o que ocorre em (27):

- (27) O meia dominou a bola, **mas** chutou forte e cruzado para fora. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)

Nesse caso, o *mas* funciona como conjunção coordenativa adversativa clássica, indicando algo que é contrário ao que se espera de acordo com o que é informado na primeira oração. O meia (jogador que atua predominantemente do meio de campo para o ataque) dominou a bola – espera-se que ele chute em direção à meta e faça um gol, ou passe a bola para que outro jogador possa desenvolver ou concluir a jogada – mas ao contrário do que se esperava, o atleta chutou forte e cruzado para fora do gol.

A tabela 7 apresenta a quantificação dos usos do *mas* na amostra do século XXI considerando a posição que ocupa no período:

Usos do <i>Mas</i>	Quantidade	%
ligando orações	35	67,3%
no início de frase (no interior do parágrafo)	15	28,8%
Iniciando um parágrafo	02	3,9%
Total	52	100%

Tabela 7: O item *mas* de acordo com sua colocação nas frases, século XXI.

Há, de acordo com a tabela 7, uma maior ocorrência do *mas* ligando orações, ou seja, na fronteira entre uma oração e outra no interior do período. Lembramos que essa é a posição prototípica de uma conjunção coordenada adversativa. Nesse recorte, essa posição detém 67,3% dos usos. No início de uma frase, abrindo uma nova oração, o *mas* se apresentou com 28,8% das aparições nessa amostra e, iniciando um novo parágrafo, apresenta 3,9% dos casos. Isso só confirma que o item se apresenta somente no início de orações, seja no interior do período, que é a forma mais esperada e confirmada aqui, seja no início de uma nova frase ou ainda no início de outro parágrafo.

Já se compararmos o uso do *mas* nas posições de interior do período, iniciando frase ou iniciando parágrafo, nos dois recortes temporais: século XX e século XXI, temos a tabela 8.

Usos do <i>Mas</i>	Quantidade	%	Quantidade	%
	no século XX	século XX	no século XXI	século XXI
ligando orações	13	92,9%	35	67,3%
no início de frase (no interior do parágrafo)	01	07,1%	15	28,8%
iniciando um parágrafo	0	0%	02	3,9%
Total	14	100%	52	100%

Tabela 8: O *mas*, de acordo com sua colocação nas frases, nos dois recortes.

Como vemos na tabela 8, o *mas* apresenta um comportamento distinto nos dois recortes. Diferentemente dos dados do século XX, que apresentaram mais de 90% do *mas* ligando orações, na sua função típica de conjunção coordenativa adversativa, a produtividade do item no início da frase é mais significativa no recorte do século XXI. Ou seja, o *mas* se apresenta mais produtivo ligando orações, no entanto, se mostra com frequência relevante no início de frase (no interior do parágrafo). Também merecem destaque os dois usos do item iniciando um parágrafo, se considerarmos que esse é um uso condenado pela tradição gramatical normativa.

A ocorrência (28), que veremos a seguir, mostra o *mas* ligando orações.

- (28) O time do Ipojuca, que estreou na competição ano passado, sonha em melhorar a boa campanha de 2000, quando iniciou muito bem o campeonato, acabando a primeira fase com a melhor pontuação, **mas** caiu no final e terminou desclassificado na segunda fase. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)

Assim, o exemplo (28) apresenta o item *mas*, na sua posição mais prototípica, tanto no recorte do século XX quanto no do século XXI, que é ligar orações no interior do período.

Vejamos uma ocorrência do item abrindo período no interior do parágrafo:

- (29) Valente, a equipe sertaneja soube jogar com o regulamento sob o braço, é verdade. **Mas** soube principalmente juntar todas as suas forças para fazer o improvável: derrubar um gigante da capital. (Diário de Pernambuco – 27 de abril de 2015)

Em (29), o *mas* se apresenta no início da oração (no interior do parágrafo). Nesse caso, além de estar em outra oração, diferente daquela que selaria a continuidade do período em coordenação adversativa, o item *mas* não faz exatamente uma oposição à informação anterior.

Seria um termo adicionando fatos, chegando a acenar para a evidência de algo improvável sem, entretanto, direcionar a uma interpretação oposta ao que informou na oração anterior.

Como explica Neves (2000, p.757), a contraposição em que o *mas* tem especificações em seu valor semântico, não necessariamente aponta numa direção oposta, podendo ter a mesma direção, ou, ainda, direção independente. No dado (29), compartilhando o pensamento de Neves (op. cit.), teríamos uma contraposição na mesma direção, na qual o termo ‘principalmente’ ativaria a superioridade do segundo argumento.

Na ocorrência (30), observamos que o *mas* está iniciando um parágrafo:

- (30) [...] O ‘garçom’ do dia ainda deu o passe, aos 20 minutos, para o zagueiro Batata marcar o segundo gol timbu e fez o cruzamento para o tento de Luciano, cinco minutos depois. **Mas** é bom deixar claro que a vitória do Náutico se deve principalmente ao futebol criativo, arrojado e voluntarioso dos pratos da casa. (Jornal do Comércio – 24 de janeiro de 2005)

Nessa ocorrência, o item se desvia de sua posição prototípica - conjunção coordenada adversativa - visto que, ao iniciar um parágrafo, ativa, potencialmente, um tema novo. Seria novamente uma contraposição na mesma direção. Mais uma vez o termo ‘*principalmente*’ confirma essa hipótese levantada por Neves (2000).

A respeito da atuação do *mas*, é oportuno darmos voz a Castilho (2014, p. 353), quando afirma que

O uso gramatical de *mas* como uma conjunção adversativa implica (i) na perda de suas propriedades semânticas de comparação e inclusão, preservadas enquanto marcador discursivo e enquanto conectivo textual; (ii) na perda ainda mais severa de massa fonética, reduzindo-se o dissílabo latino *magis* ao monossílabo português *mas*; (iii) no ganho da propriedade de contrajunção.

Castilho (op. cit., p.353) também destaca a importância de se indagar como foi que o valor de inclusão, de soma, preservado no sistema discursivo, atenuou-se no sistema gramatical, surgindo neste o valor de contrajunção adquirido pelo *mas*. Para isso, o autor refaz a caminhada de *magis* observando seus usos conversacionais: (i) *mas* inclusivo, em sentença afirmativa; (ii) *mas* contrajuntivo, em sentenças negativas; (iii) *mas* contrajuntivo, em sentenças formalmente afirmativas, mas com valor implícito de negação de expectativa.

Tomando esse caminho que Castilho traça usando uma base oral, montamos o Quadro 5, buscando em nosso *corpus*, características do *mas* que pudessem ser analisadas de acordo com a concepção do citado autor, dessa vez com uma base escrita.

Fases da mudança	Características
<i>Mas</i> inclusivo, aditivo	Preserva-se o sentido de base de inclusão. Somando sintagmas, constituintes de sintagmas ou sentenças.
<i>Mas</i> contrajuntivo, unindo segmentos negativos	O segmento negado pode preceder ou seguir o item <i>mas</i> . O valor contrajuntivo ainda se concentra nessas negações explícitas, que podem vir expressas por prefixos negativos, ou pelo advérbio <i>não</i> .
<i>Mas</i> contrajuntivo, unindo segmentos afirmativos	O valor de contrajunção acaba por concentrar-se em <i>mas</i> , consumando-se o movimento de traços do advérbio de negação <i>não</i> para a conjunção <i>mas</i> (= metonímia)

Quadro 5: Processo evolutivo da gramaticalização do *mas* (adaptado a partir de Castilho, 2014, pp. 353-354)

Levando em consideração as fases de mudança apresentadas no quadro 5, verificamos, ainda hoje, ocorrências em que o *mas* está unido a um segmento negativo, principalmente o advérbio *não*; e casos em que o *mas* já apresenta valor de contrajuntivo em segmentos afirmativos, o que comprova a mudança pelo fator metonímico, como sugere Castilho (2014).

Observamos, a seguir, algumas ocorrências do *corpus*, correspondente ao recorte do século XXI.

- (31) Especula-se que os primeiros jogadores com quem o Sport está contactando são o meia Fumagalli e o volante Chicão. Ambos jogaram em 2004 pelo Fortaleza, que ascendeu à Primeira Divisão nacional. “São bons jogadores, que interessariam a qualquer clube. **Mas não** temos nada de concreto”, despistou o dirigente. (Jornal do Comércio – 01 de janeiro de 2005)
- (32) O time não vinha armando com qualidade, **mas** começou a ter maior posse de bola e a criar jogadas interessantes, principalmente pelo lado direito. (Jornal do Comércio – 04 de julho de 2010)

- (33) Agora, a Seleção se vê em situação delicada na Copa América, já que vai para a última rodada precisando vencer a Venezuela, **mas não** poderá contar com Neymar. (Diário de Pernambuco – 18 de junho de 2015)

Os dados (31), (32) e (33), que abrangem o período de 2005 a 2015, em diferentes jornais, apresentam o *mas* como contrajuntivo, unindo segmentos negativos, conforme já mencionamos. Em todos os casos, há o uso do advérbio de negação *não*. Assim, no processo de mudança, o *mas* ainda apresenta os dois últimos casos do Quadro 5.

Nas ocorrências, a seguir, verificamos um funcionamento distinto daquele revelado nos três casos ilustrados, uma vez que não há informações negativas envolvendo os usos do *mas*:

- (34) Os dois times voltaram mais audaciosos para a segunda etapa. **Mas** o Sport continuou dominando e quase abriu o placar com Leonardo e Eduardo Marques, em chutes defendidos pelo goleiro Maisena. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)
- (35) “[...] Logo que cheguei aqui, passei por algumas contusões, **mas** estou recuperado para ajudar o time”, completou Kim, [...]. (Folha de Pernambuco – 29 de agosto de 1012)
- (36) A postura de forte marcação e pegada do Náutico já voltou em parte na última partida contra o Paysandu, **mas** Lisca quer mais. (Diário de Pernambuco – 18 de junho de 2015)

Nas ocorrências (34), (35) e (36), o *mas* se apresenta em contextos afirmativos, atuando com autonomia semântica que institui sua função de elo relacional ativador da oposição no fluxo informacional, independente do reforço opositivo do *não*.

3.5.2 O item *no entanto*

O item *no entanto*, segundo lugar na distribuição de frequência do recorte do século XXI, é considerado pela GT como conjunção coordenativa adversativa. Assim como o *porém*, o termo *no entanto* liga orações com ideia de oposição, mas ainda não apresenta rigidez de colocação estrutural, ou seja, pode flutuar em pontos diversos da estrutura oracional.

Uma surpresa dessa análise se deu ao verificarmos que o *porém*, normalmente o item que ocupa a segunda posição em se tratando de frequência de adversativos, foi suplantado pelo *no entanto*: 11 (onze) ocorrências deste contra 9 (nove) daquele.

A tabela 9, a seguir, apresenta o item *no entanto*, distribuindo as ocorrências do *corpus*, no recorte do século XXI, de acordo com sua localização na estrutura oracional.

Localização na oração	Quantidade
posposto ao sujeito	05
precedendo o sujeito	01
precedendo advérbios que antecedem o sujeito	03
precedendo uma condição, início de parágrafo	01
abrindo um novo tema, início de parágrafo	01
Total	11

Tabela 9 : O item *no entanto* e sua posição nas orações do século XXI.

A tabela revela o poder de flutuação na estrutura oracional que caracteriza o item em foco. Notamos, também, que o *no entanto* apresenta um número de ocorrências muito próximo, em se tratando a posição estrutural que ocupa nas orações, ao item *porém*. Da observação nos dados, confirmamos a percepção de que o conector *mas* é realmente o mais fixo, sem qualquer possibilidade de flutuação quando conecta orações.

Vejamos alguns exemplos do nosso *corpus* para ilustrar os dados da tabela 9:

- (37) O Serrano está atrás da Desportiva Vitória pelo saldo de gols. Tem dois, contra três do time de Vitória de Santo Antão. O Jumento do Sertão, **no entanto**, possui a melhor defesa do Campeonato. Só tomou um gol nas três rodadas. (Jornal do Comércio – 24 de janeiro de 2005)
- (38) Segundo ele, o time mostrou aplicação tática e força de vontade, mas não deixou de falar sobre os defeitos, especialmente no segundo tempo, quando cedeu espaço ao adversário e errou muitos passes. **No entanto**, o ponto fundamental da entrevista do treinador foi mais uma vez o alerta sobre a necessidade de reforçar o elenco. (Jornal do Comércio – 04 de julho de 2010)

O dado (37) apresenta o item *no entanto* sucedendo o sujeito da segunda oração, localização essa que poderia ser ocupada, com o mesmo teor opositivo, pelo item *porém*, não sendo possível sugerir uma equivalência com o *mas*. Em (38), o *no entanto* está no início de uma oração, no interior do parágrafo, antecedendo o sujeito. Também nesse caso podemos ter o item *porém* substituindo o *no entanto*. Essa equivalência evidencia que os itens são concorrentes no exercício dessa função opositiva, ficando a critério do usuário da língua a escolha por um ou outro no momento da enunciação.

- (39) A derrota parecia certa. **No entanto**, aos 36 minutos, o volante Zé Antônio, da intermediária, cobrou falta e mandou a bola no ângulo de Eduardo Marini para empatar o jogo. (Jornal do Comércio – 18 de julho de 2010)
- (40) Nas eliminatórias também fez menos jogos que a Holanda, com seis triunfos dentro e fora de casa sobre Colômbia, Venezuela e Paraguai, marcando 23 gols e sofrendo apenas dois.
No entanto, caso a Holanda empate com a Espanha no tempo normal e na prorrogação e perca o título nos pênaltis se igualará a França de 2006, a única vice-campeã invicta. (Jornal do Comércio – 08 de julho de 2010)
- (41) **No entanto**¹¹, os jogadores e o técnico Sérgio China estão procurando se blindar de todo esse clima de festa. (Diário de Pernambuco – 29 de abril de 2015)

No exemplo (39), temos o *no entanto*, no início da oração, no interior do mesmo parágrafo, antecedendo o sujeito e, também, um advérbio de tempo. Observando o posicionamento estrutural do item, percebemos que a permuta, que é plausível em se tratando do *porém* com relação ao *mas*, só é possível quando o item ocupa a posição de início de oração.

As ocorrências (40) e (41) apresentam o item *no entanto* iniciando um novo parágrafo. Em (40), há uma oração condicional, introduzida pelo item *caso*, contaminando o *no entanto* que parece reforçar essa ideia de condição, atenuando a noção de oposição ou de contradição em confronto com a informação anterior. Já no dado (41), o item inicia um novo tema, mais precisamente, um subtema dentro do texto maior, estabelecendo uma ligação com traço de oposição ao que foi relatado durante todo o texto anterior, redefinindo a orientação interpretativa que seria esperada pelo leitor.

3.5.3 O item *porém*

Em comparação com o recorte do século XX, no século XXI, o item *porém* apresentou uma queda de frequência de 33,4% para apenas 10,7% nas ocorrências, lembrando que a quantidade de textos de um século para o outro é a mesma, mas a quantidade de itens adversativos nesse segundo recorte de tempo foi bem superior: 84 (oitenta e quatro) ocorrências contra 33 (trinta e três) do recorte anterior. Portanto, embora tenhamos verificado

¹¹ O item *no entanto* inicia um parágrafo, o primeiro parágrafo de um tópico dentro da notícia principal. O tópico tem como título “*blindados*”; assim, seria necessário retomar todo o texto anterior para se fazer entender *no entanto* como adversativo.

um aumento de mais de 100% na quantidade de itens, em geral, houve uma redução do número de ocorrências do item *porém*.

Esses dados apresentam divergência com alguns estudos realizados sobre a adversidade, os quais atribuem ao *porém* o segundo lugar em termos de frequência, concorrendo com o *mas* como conector preferido em se tratando de orações adversativas.

Na análise do século XX, o *porém*, quando apareceu ligando oração, não apresentou nenhuma ocorrência em que estivesse posposto ao sujeito. Já no século XXI, o item evidencia maior mobilidade estrutural, o que pode ser visualizado na tabela 10.

Usos do <i>Porém</i>	Quantidade	%
antes do sujeito da oração	05	55,6%
depois do sujeito na oração	04	44,4%
Total	09	100%

Tabela 10: O *porém* antes ou depois do sujeito de acordo com o recorte do século XXI.

Ilustrando os dados da tabela 10, temos alguns exemplos do *porém*, de acordo com nosso recorte do século XXI, em que o item aparece tanto precedendo como sucedendo o sujeito na oração:

- (42) O elenco vem embalado pelo empate contra o Grêmio, no último sábado, e sabe da responsabilidade de jogar diante da torcida. O grupo, **porém**, entra em campo cauteloso porque acredita que a disputa será complicada, tendo em vista a boa campanha do adversário fora de casa. (Folha de Pernambuco – 31 de maio de 2005)
- (43) Depois de demitir Hélio dos Anjos, o clube acertou, ontem à noite, a contratação de Márcio Goiano, que comandou a equipe no acesso à série A em 2010. Nos Aflitos, **porém**, o time será escalado pelo interino Abel Ribeiro. (Folha de Pernambuco – 29 de agosto de 2012)

Como podemos observar nos dados (42) e (43), o *porém* apresenta ainda maior mobilidade em relação à colocação estrutural, encontrando-se tanto antes quanto depois do sujeito, iniciando orações, no interior da oração, sucedendo termos locativos, etc. Em (42), *porém* sucede o sujeito, isolado por vírgulas. No exemplo (43), temos o *porém* precedendo o sujeito, sucedendo um termo locativo, também isolado por vírgulas. Essa também parece ser mais uma das suas características herdadas da função adverbial, exigir uma pausa que na escrita se faz representar pela vírgula.

3.5.4 O item *contudo*

O item *contudo* apresenta quatro ocorrências nesse recorte do século XXI. Observemos como esse item se apresentou nessa fase da pesquisa, nos exemplos (44), (45) e (46) que se seguem:

- (44) [...] O elenco vem embalado pelo empate contra o Grêmio, no último sábado, e sabe da responsabilidade de jogar diante da torcida. O grupo, *porém*, entra em campo cauteloso porque acredita que a disputa será complicada, tendo em vista a boa campanha do adversário fora de casa.
O treinador Roberto Cavalo, **contudo**, não poderá contar com força máxima hoje. (...) Os volantes Luciano, expulso contra o Grêmio, e Wilson Surubim, que recebeu o terceiro cartão amarelo no mesmo confronto, estão fora. [...]
“Muda a característica. Cleisson não tem a mesma pegada que Luciano e Surubim. **Contudo**, a gente ganha em qualidade na frente com ele”, comentou Cavalo. (Folha de Pernambuco – 31 de maio de 2005)
- (45) As camisas, *no entanto*, já estão prontas. As mudanças não serão tão radicais, *mas* a promessa é de algo inovador no *design*. **Contudo**, a Umbro, fornecedora do material esportivo do clube, promete novidades para os torcedores em relação à diversidade de produtos. [...] (Diário de Pernambuco – 27 de abril de 2015)
- (46) [...] A expulsão de Éverton, do Central, até movimentou um pouco as arquibancadas corais. Os tricolores, **contudo**, voltaram mesmo a se manifestar com euforia depois de saber sobre o gol do Salgueiro sobre o rival rubro-negro. (Diário de Pernambuco – 27 de abril de 2015)

Na ocorrência (44), verificamos dois usos, no mesmo texto, do item *contudo*. Na primeira ocorrência, o item segue na lógica de muitos coordenadores adversativos que se apresentam em orações com um termo de negação em uma das duas orações que o termo liga. Há uma clara relação de adversidade de uma oração para outra. Na segunda ocorrência do *contudo*, no mesmo dado (44), aparece, mais uma vez, o advérbio de negação ‘**não**’ para definir a ideia opositiva de uma oração em relação à outra. Portanto, nessas duas primeiras ocorrências, o item *contudo* se apresentou como conjunção adversativa, mas ainda demandou a presença de um elemento negativo para firmar a ideia de adversidade.

Observando o dado (45), o *contudo* inicia o quarto período do texto, após a ocorrência de dois outros itens adversativos: *no entanto* e *mas*. Assim, o uso do *contudo* poderia ter partido de uma escolha do autor do texto para evitar a repetição de itens adversativos ao levantar a ideia da oposição repetida em um único parágrafo. Porém, o *contudo*, em (45), não apresenta uma ideia de oposição. O item parece introduzir uma nova informação para reforçar a informação precedente, esclarecendo que a inovação não é apenas quanto ao design das

camisas, mas à diversidade de produtos. Na verdade, há uma repetição da promessa feita na oração anterior, dessa vez usando a empresa responsável pela confecção do produto em questão.

No dado (46), o *contudo* também não parece estar apresentando uma ideia de oposição, de adversidade. Mais uma vez, ele se apresenta mais como sequenciador textual que acrescenta informações do que como item adversativo.

3.5.5 O item *e*

Dentro de nossa amostra do século XXI, encontramos três ocorrências do item *e*, com ideia de adversidade. Vejamos as ocorrências (47) e (48), a seguir:

- (47) “Não está faltando vontade ao time e sim qualidade”. (Jornal do Comércio – 24 de janeiro de 2005)
- (48) Apesar dos defeitos e de um futebol sem criatividade, o Sport até que teve uma boa oportunidade aos 31 minutos. Em boa jogada, Ciro serviu a Eduardo Ramos, que bateu no canto e o goleiro Eduardo Martini salvou o escanteio. [...]

Só aos 18 minutos, Ciro teve uma chance e mandou para fora. (Jornal do Comércio – 18 de julho de 2010)

Percebemos, no dado (47), uma clara oposição de ideias. Ainda, os termos: não (negando) e sim (afirmando) reforçam mais uma característica de oposição nesse dado.

Em (48), temos o item *e* em duas ocorrências. Na primeira situação, informa-se que toda a jogada parece levar a um único caminho, o gol, porém, a informação encabeçada pelo *e* desfaz essa expectativa criada ao longo do parágrafo. O resultado foi diferente do esperado. Há uma adversidade clara entre as informações sequenciais ligadas pelo item *e*. A estratégia é a mesma na segunda ocorrência do *e*: primeiro relata-se que Ciro teve sua chance de marcar o gol, e depois que ele chutou a bola para fora do alvo, o que é uma contra-expectativa. Em todos os casos, é possível permutar o *e* por quaisquer outros conectores adversativos, tais como, *mas*, *porém*, *no entanto*, *todavia*. Vejamos, então, a mesma oração em (48) sendo parafraseada com outros itens adversativos.

- (48a) Só aos 18 minutos, Ciro teve uma chance, *mas* mandou para fora.
- (48b) Só aos 18 minutos, Ciro teve uma chance, *porém*, mandou para fora.
- (48c) Só aos 18 minutos, Ciro teve uma chance, *no entanto*, mandou para fora.

Seja em (48), seja nas versões parafraseadas (48a), (48b) e (48c), o sentido se mantém em contexto opositivo. Fica atestada, então, a função adversativa exercida pelo *e*.

3.5.6 O item *entretanto*

Nesse recorte, há uma ocorrência do item *entretanto*. Vejamos:

- (49) Apesar de os visitantes terem tido duas chances de marcar, era o Ypiranga que dominava o meio-de-campo, e as investidas do atacante Bibi causavam terror à defesa rubro-negra. Ao seu lado, os meias Neto Bala e Gaibu criavam uma oportunidade atrás da outra. O time da casa, **entretanto**, pagou caro por seu grande pecado: a falta de pontaria. (Jornal do Comércio – 24 de janeiro de 2005)

Em (49), o *entretanto* se encontra sucedendo o sujeito, entre vírgulas, apresentando noção de adversidade. No contexto informacional, tudo levava a crer que o time da casa, o Ypiranga, marcaria o gol, de acordo com o que vinha sendo afirmado, pois ocorriam oportunidades sucessivas, em várias investidas do atacante. Mas, o *entretanto* aciona o sentido oposto ao esperado: o time pagou caro pela falta de pontaria, ou seja, não marcou gols e foi derrotado pelo time rubro-negro.

Observamos ainda que tal item apresentou uma queda significativa comparando-se o recorte do século XX (com quatro aparições, 12,1% de frequência, terceiro lugar na tabela de usos, perdendo apenas para o *mas* e o *porém*) com a amostra do século XXI (apenas uma ocorrência, caindo para 1,2% e sexto lugar na frequência de todos os itens adversativos de tal recorte). Tal fato pode ser atribuído à mudança por que o jornalismo vem passando nas últimas décadas, passando de menos informativo para mais analítico, o que talvez influencie nas escolhas dos itens adversativos usados para a formulação de notícias.

Ou, talvez, os itens *no entanto* e *entretanto* estejam passando por um processo de mudança, o que só pode ser evidenciado mediante estudo mais elaborado somente levando em consideração tais termos, dentro do mesmo gênero textual: a notícia em jornais sobre futebol.

3.5.7 O item *em contrapartida*

Vemos, em (50), a única ocorrência do termo *em contrapartida* nesse recorte do século XXI.

- (50) Os volantes Luciano, expulso contra o Grêmio, e Wilson Surubim, que recebeu o terceiro cartão amarelo no mesmo confronto, estão fora. **Em contrapartida**, o técnico conta com o retorno do cabeça-de-área Cleisson, que estava cumprindo suspensão automática. (Folha de Pernambuco – 31 de maio de 2005)

Como podemos perceber, o termo *em contrapartida* aciona, de forma clara, a oposição entre a oração que informa que alguns jogadores estão fora do próximo jogo, mas que, por outro lado, o técnico conta com o retorno do cabeça-de-área¹² que estava em suspensão. É como se as orações mostrassem um lado negativo para, em seguida, reformular o argumento, ressaltando um aspecto positivo.

3.5.8 O item *por sua vez*

Nesse recorte do século XXI tivemos somente uma ocorrência com esse termo:

- (51) [...] Ligeiramente superior, o Sport teve as melhores chances, com Leonardo, aos sete minutos, num contra-ataque, e Eduardo Marques, aos 25. Os cearenses, **por sua vez**, limitaram-se à defesa. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)

Considerando o contexto amplo em que o item se situa, ele poderia não ser interpretado como um ativador da adversidade, pois não formula uma oposição expressa e objetiva à oração anterior. Os fatos relacionados nas duas orações podem ser entendidos como diferentes, não opostos, inclusive, os verbos têm sujeitos distintos. Segundo o texto, o Sport apresentava melhor desempenho, com melhores lances e dois resultados positivos, dois gols. O outro time se limitou à defesa. Pelo contexto, não é necessário haver uma oposição. Se um time é muito atacado, nada mais lógico do que se defender.

Percebemos que o termo *por sua vez* pode ser substituído por *porém*, *no entanto*, *entretanto*, e outros conectivos adversativos relacionados pela GT, sinalizando a ideia de oposição, pois, considera-se que em um jogo de futebol, como em qualquer outro esporte, o objetivo principal é atacar, querer marcar pontos, gols, se manter na luta para vencer. O esperado é que qualquer equipe se esforce no ataque. O time do Ceará não fez isso. Nesse caso, pode-se depreender um papel opositivo para o termo *por sua vez*. Por esse ângulo de análise, então, houve uma oposição de ideias.

¹² Atleta que, na equipe de futebol, atua, predominantemente, entre a grande área e o meio de campo, protegendo a defesa (os zagueiros) e armando as jogadas para os companheiros que atuam no meio de campo articularem os ataques.

Por outro lado, a despeito de seu papel adversativo, o item, de fato, não dá conta de introduzir orações; seu funcionamento depende de um termo que o anteceda, o que parece ativar um papel mais de ajunto que de conjunção.

Concluída essa apresentação do comportamento dos itens adversativos presentes no *corpus*, no próximo Capítulo, daremos atenção ao processo de gramaticalização que os envolve, tentando, especialmente, aplicar os princípios funcionalistas ativados na mudança linguística, tais como os de iconicidade, marcação e prototipicidade.

4. ANÁLISE FUNCIONALISTA DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS

O *corpus* desta pesquisa, conforme já reiteradamente informado, apresenta uma base histórica, uma vez que se compõe de notícias sobre o futebol, as quais dão conta desde o surgimento do esporte em Pernambuco até o panorama atual das práticas deste esporte. A constituição do banco de dados ora em análise possibilita comparação de recortes sincrônicos do século XX e do século XXI, através dos quais podemos considerar fatores sociais, cognitivos e históricos intervenientes nos dados.

Como afirma Martelotta (2011, p. 15), as línguas são passíveis de alterações ou, nas palavras do autor, mostram-se

[...] sensíveis a diferenças comportamentais dos indivíduos que as falam, apresentando, de um lado, formas variáveis de natureza individual, social, regional, entre outras, que convivem em um mesmo momento do tempo, e, de outro lado, mudanças que se manifestam com sua evolução histórica.

É nessa perspectiva, ou seja, vislumbrando flagrar as mudanças, que pautamos nossa pesquisa, baseados em um estudo linguístico que observa as alterações de forma e função dentro dos dois recortes temporais, indo buscar no aparato teórico funcionalista a base para analisar a estrutura e seu movimento dentro da interação jornalista/leitor. Desse modo, neste capítulo, nos apoiamos em aportes da Linguística Funcionalista, especialmente, nos princípios da iconicidade, da marcação e prototipicidade, para explicitar aspectos funcionais do comportamento dos itens adversativos presentes em cada um dos séculos retratados na pesquisa.

Voltamos a lembrar que a abordagem de cunho funcionalista, conforme afirma Cezário (2012, p. 19),

[...] estuda a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo. Procura nesses elementos a motivação para os fenômenos investigados. Dessa forma, os funcionalistas não concebem a língua como uma entidade autônoma, uma vez que fatores sociais, cognitivos e históricos, dentre outros, podem influenciar a forma de se codificar a informação. A gramática é vista como uma estrutura aparentemente fixa, congelada, mas que é criada e recriada por motivações comunicativas e cognitivas.

Com efeito, a análise que buscamos realizar dos dados coletados no *corpus* tentará considerar esses aspectos, pautando-se numa concepção de língua que considera seu

incessante dinamismo e a interferência que os contextos exercem sobre os falantes e seus usos linguísticos.

4.1 A ICONICIDADE

Tomada como um dos princípios da gramática funcional, segundo Givón (1995), a iconicidade se evidencia na relação forma/função, na qual a estrutura é determinada pelo conteúdo, fato que vai além da carga semântica, posto que extrapola o significado e engloba, também, a intenção do autor.

Nesse ponto, buscaremos indícios de que há motivações nas escolhas que os usuários fazem dos itens adversativos com os quais constroem seus enunciados opositivos. Esse tipo de abordagem em muito se distancia daquilo que vemos nas GTs, uma vez que essas se preocupam, basicamente, com a estrutura linguística, não contemplando qualquer preocupação com o fato de que, ao selecionarem determinadas formas, os falantes são motivados pelos conteúdos ou por pressões contextuais envolvidas na produção dos discursos.

Conforme já aludimos no Capítulo I, Givón (1990) divide o princípio da iconicidade em três subprincípios: a) subprincípio da quantidade – a quantidade de forma é proporcional à quantidade de conteúdo; b) subprincípio da proximidade – a sintaxe reflete a proximidade temática dos conteúdos; aquilo que está conceptualmente próximo no mundo extralinguístico, também o estará na linearidade textual; e c) subprincípio da ordenação linear – o falante privilegia, na sequência textual, as informações que lhe parecem mais relevantes; assim, o conteúdo determina a forma, de maneira intencional, icônica.

Desse modo, sendo a língua, de acordo com a gramática funcionalista, um fenômeno icônico, a estrutura serve à função. Nessa perspectiva, analisaremos os dados, buscando evidências da ativação desses subprincípios nas situações de uso em que foram produzidos os textos do *corpus*.

Vale destacar que pode haver distinção no modo como a iconicidade se manifesta quando se pensa em dados de linguagem oral e de linguagem escrita. Silva (2005, p. 144-145), recorrendo a Görski (1997), aponta essa diferença. Na oralidade, o princípio mais saliente é o da ordem sequencial, enquanto na escrita, o que mais se destaca é o princípio da proximidade, havendo, assim, uma maior integração na codificação de informações cognitivamente mais próximas.

A primeira manifestação do princípio da iconicidade em relação ao tema abordado pode ser indicado no fato de no início do século, quando o futebol ainda estava sendo

introduzido em Pernambuco, havia escassez de notícias sobre esse tema. À medida, porém, que o esporte foi se popularizando e que os eventos foram se sucedendo, passaram a ocupar mais espaço nos jornais. Assim, ao constataremos a ocorrência de 33 itens adversativos nas primeiras décadas do século XX e 82 itens nas primeiras décadas do século XXI, podemos inferir que um número maior de eventos do mundo se reflete num número maior de notícias. Consequentemente, aumenta a frequência de construções adversativas, considerando que o tema esporte e, mais precisamente, futebol, é bastante produtivo para refletir um tipo de raciocínio que se baseia na disputa e na contenda.

Desse modo, quanto mais o esporte se populariza, mais ocupa os noticiários, demandando uma produtividade maior de textos. Pelo teor de polêmica que caracteriza tais textos, faz-se cada vez maior a presença de construções adversativas. Isso é prova da iconicidade que move a linguagem.

De acordo com o subprincípio da quantidade, nos termos de Givón (1990), menos conteúdo produz menos estrutura, tanto que dos 30 (trinta) textos analisados do século XX, 09 (nove) não apresentaram itens adversativos. No século XXI, como era esperado, houve presença de itens adversativos nos 30 textos analisados. Pelo subprincípio da quantidade, maior volume de conteúdo resulta em maior volume de estrutura. O futebol, uma vez consolidado no nosso meio social, é alvo de muitas disputas, em que pontos de vista se contrapõem e opiniões divergem. Não é à toa que, frequentemente, tem seu tema metaforicamente relacionado à *guerra*. A motivação para o uso de adversativas é, por isso, bastante produtiva.

Nesse contexto, observando os recortes temporais relativos aos séculos que compõem o *corpus*, buscaremos indícios da manifestação desse subprincípio icônico nos dados em análise.

Quando as informações que se contrapõem revelam conteúdo mais restrito, elas se estruturam com uma linearidade sintática também mais restrita do que quando as informações contrapostas são mais volumosas em termos de conteúdo informacional. É o que podemos constatar nos dados (52) e (53) em comparação com (54) e (55):

- (52) Peterson, Callander, Clarck, da Great Western não são jogadores comuns, **mas** por sua vez o Telegrapho oppõe-lhes Newton, que deverá ser um bom goal-keeper, Parrott, Bradford, Rawley e outros, todos bons jogadores. [...] (Jornal do Recife – 24 de agosto de 1905)

- (53) Celeres, os forwards avançam sobre o goal defendido por Valença **porem**, sem resultado, pois os backs vigilantes enviam a bola novamente ao meio do campo.
(Jornal do Recife – 22 de setembro de 1915)
- (54) Pelo lado do Vitória é grande a expectativa. Depois de um insosso empate de 1 x 1 contra o Central em casa, o tricolor das tabocas espera melhorar. **Mas** a bruxa parece pretender complicar ainda mais a vida do time. Exatamente cinco jogadores estão entregues ao Departamento médico.
(Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)
- (55) Salgueiro – A capacidade do Arruda, palco do jogo de volta da final do Campeonato Pernambucano é de 60.044 pessoas. Lotado, ele é o maior trunfo do Santa Cruz contra qualquer adversário. E assim deve estar no próximo domingo. Antes, **porém**, os tricolores vão enfrentar, além de um time bem armado, a força de outros 60 mil torcedores. Desses, nem todos estarão hoje no estádio Cornélio de Barros, com capacidade para 12 mil.
(Diário de Pernambuco – 29 de abril de 2015)

Notamos que (52) e (53) apresentam uma extensão bem inferior à estrutura visualizada em (54) e (55), o que nos leva a confirmar o subprincípio da quantidade operando nesses casos. Não há dúvidas sobre o teor maior de conteúdo revelado nos excertos (54) e (55). De fato, percebemos, nos dados representativos do século XXI, uma preocupação mais visível com a elaboração do texto. Isso é, provavelmente, consequência da maior importância que o esporte passou a assumir na vida da comunidade. Assim, o que antes, no recorte do século XX, era apenas noticiado em textos mais objetivos e curtos, meramente informativos, passa a ocupar maior espaço nas páginas dos jornais, revelando a influência do mundo extralinguístico sobre o linguístico: mais conteúdo, mais estrutura.

Vale destacar que, nesse recorte do século XX, as notícias apresentaram mais de 75% das construções adversativas com os itens *mas* e *porém*, itens estes predominantes nas listas da GT. Esse dado ratifica a que finalidade se destinam os noticiosos impressos. Nesse sentido, Amaral (1969, p. 53) afirma que as notícias jornalísticas devem ser simples e claras, na construção das frases, e as escolhas das palavras a serem usadas precisam ser as mais usuais possíveis. Assim, observamos mais uma manifestação da iconicidade da língua, quando percebemos que a estrutura está a serviço de uma intenção do usuário¹³.

A título de ilustração, na ocorrência (56), apresentamos uma notícia do século XX em que não há ocorrência de itens adversativos, enquanto em (57), uma notícia do século XXI, na qual emerge uma grande quantidade de tais itens:

¹³ Salientamos que tal fato representa também a mudança no próprio jornalismo que passa de mais informativo para mais analítico.

(56) Foot-Ball

Amanhã, às 4 e ½ horas da tarde, realizar-se-á no campo do Derby um match de foot-ball entre os teams The Great Western of Brazil Railway Company e The Western Telegraph Company.

Tomarão parte no jogo os seguintes forwards:

Great Western Fellows, Dawson, Oliver, Davis, Pickwood, Nosworth, Patterson, Brander, Clark, Callender e Stuhlmann.

Western Telegraph C^a. Glossop, Rowiey, Parrott, Keyworth, Phillpott, Cardona, Newton, Cook, Bradford, Davey e Stehelin.

Para assistirmos esse match recebemos um convite que agradecemos.

Os promotores da projectada festa sportiva pedem-nos para tornar extensivo esse convite aos cavalheiros e às famílias que desejarem assistil-a. (Jornal do Recife – 14 de outubro de 1905)

(57) Sport sofre, **mas** escapa de vexame.

O jogo entre Sport e Ypiranga pode não ter sido uma final de campeonato, **mas** o resultado de 2x1 para o time da capital deve ser comemorado pelos seus jogadores, como se fosse a conquista de um título. A vitória trouxe os rubro-negros de volta à luta para conquistar o primeiro turno do Campeonato Pernambucano, **mas** não escondeu o fraco futebol apresentado, com direito a levar pressão, mesmo atuando com dois homens a mais.

Desde o início era possível notar que o Sport iria sofrer para voltar para o Recife com a vitória. Apesar de os visitantes terem tido duas chances de marcar, era o Ypiranga que dominava o meio-de-campo, e as investidas do atacante Bibi causavam terror à defesa rubro-negra. Ao seu lado, os meias Neto Bala e Gaibu criavam uma oportunidade atrás da outra. O time da casa, **entretanto**, pagou caro por seu grande pecado: a falta de pontaria.

Sem criatividade, apesar dos esforçados Possato e Diego – sumiu, após a metade do primeiro tempo -, o Sport ganhou um presente inesperado, aos 46 minutos do primeiro tempo, quando Brasília fez 1x0, de falta, após a bola desviar-se na barreira. Logo com um minuto do segundo, outra graça leonina: Vinícius aproveita a falha do goleiro e faz 2x0.

O Ypiranga diminuiu com Neto Bala, **mas** logo teve dois jogadores expulsos: Ricardo e Marivaldo. Ou seja, o Sport tinha tudo para até ampliar a vantagem. O que se viu, **porém**, foi um time ainda mais perdido, desesperado, lutando para manter o resultado com onze homens no campo de defesa. Parecia que os rubro-negros é que jogavam com dois a menos.

O continuou a abusar da incompetência, quando o assunto era chute a gol. O Sport venceu, **mas** continua martirizando sua torcida com momentos de sofrimento, às vezes desnecessários, a cada jogo.

(Jornal do Comércio – 24 de janeiro de 2005)

O exemplo (56), do recorte do século XX, mais exatamente de 1905, veicula uma notícia curta, com conteúdo escasso, apenas noticiando o jogo que haverá no dia seguinte, o local, a hora, a escalação dos dois times e o convite extensivo à sociedade. Pouco conteúdo resulta em pouca estrutura e; nesse caso, não houve a presença de itens adversativos.

Já no caso (57), temos uma notícia do século XXI, de 2005; nela, ocorre o oposto do que percebemos em (56): há maior volume de conteúdo, conseqüentemente, maior densidade estrutural. Neste caso, ocorre um total de sete itens adversativos, o que ratifica o subprincípio

da quantidade. O autor recorreu ao uso de várias orações adversativas; já no título/manchete da notícia, o *mas* é usado como recurso estratégico que parece preparar o leitor à recepção de informações que expressam fatos contrapostos na sequência textual. Em cada novo uso dos itens adversativos neste exemplo, conduz-se o leitor a perceber que o time do Sport venceu o jogo sem merecimento.

Em relação ao subprincípio da ordenação linear, percebemos que, diferentemente do que foi visto nos exemplos (52) e (53), da mostra do século XX, em que a estrutura adversativa usada era a mais prototípica, portanto, mais facilmente decodificável pelos leitores, com afirmação + negação e/ou negação + afirmação, os dados (54), (55) e (57), todos do século XXI, apresentam uma ordenação linear mais elaborada, que parece exigir maior atenção do leitor. O texto passa a utilizar subfunções aparentemente inovadoras, mais gramaticalizadas do *mas* e do *porém*, em que os itens aparecem sem necessariamente demarcarem a fronteira oracional entre afirmação + negação e/ou negação + afirmação.

No nosso entendimento, as passagens explicitadas evidenciam a manifestação do princípio da iconicidade como determinante da estrutura que a língua assume no contexto da notícia sobre futebol e isso se realiza de maneira bastante produtiva em se tratando de construções adversativas.

4.2 A MARCAÇÃO

Conforme já afirmamos em capítulo anterior, o princípio da marcação, também baseado em Givón (1995), tem uma relação direta com a iconicidade. Esse princípio é usado para diferenciar categorias marcadas de categorias não marcadas. Para isso, são usados os seguintes critérios: i) *complexidade estrutural*, que diz respeito à dimensão da estrutura linguística; geralmente, itens ou construções estruturalmente mais densas são marcadas em relação a estruturas menores; ii) *distribuição de frequência*, que diz respeito ao número de vezes em que o item é usado; quanto mais frequente um item, provavelmente menos marcado ele é; e iii) *complexidade cognitiva*, que diz respeito à exigência de um esforço maior para decodificação e interpretação das informações quando do uso de itens ou construções mais marcadas.

Resumindo, a categoria marcada tende a ser a menos usada no texto. Na sequência, veremos como esse princípio se aplica aos dados.

4.2.1 A marcação no *corpus* do século XX

Em relação ao critério da distribuição de frequência, no início do século XX, retomando os dados já analisados no capítulo 3, temos o seguinte comportamento dos itens: *mas* 42,4%, *porém* 33,4%, *entretanto* 12,1%, *contudo* 6,1%, *no entanto* 3% e *todavia* 3%, conforme já exposto na tabela 2.

Como seguimos nossa análise somente com os quatro itens mais recorrentes na lista de cada século, o quadro 6 ilustra o *continuum* da marcação quando levamos em consideração o critério da distribuição de frequência:

mas	porém	entretanto	contudo
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 6: Marcação pela distribuição de frequência das conjunções no recorte do século XX

De acordo com o Quadro 6, o item mais marcado no contexto das notícias jornalísticas investigadas, no que diz respeito ao critério da distribuição de frequência é o *contudo*. O menos marcado é o *mas* e os outros dois itens, *porém* e *entretanto*, ocupariam uma posição intermediária nesse *continuum*.

Levando em conta o nível de complexidade estrutural, o *mas* seria o menos marcado, de menor tamanho, sendo, assim, o menos complexo. O *contudo*, apesar de ser o mais marcado quanto ao critério da distribuição, não é o que apresenta maior nível de complexidade estrutural. Seguindo o critério de termo mais complexo estruturalmente, temos o *entretanto* como item de maior tamanho.

Vejamos, então, o quadro 7, seguindo a ordem de complexidade estrutural com base no que se apresenta no recorte do século XX.

mas	porém	contudo	entretanto
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 7: Complexidade estrutural/marcação das conjunções no *corpus* do século XX

A análise dos dados mostra que o *corpus* não apresenta uma uniformidade quando diz respeito aos itens mais marcados, se considerarmos os critérios de distribuição de frequência e

complexidade estrutural. O *mas* tem se evidenciado como o mais escolhido nesse recorte de análise. A sua menor marcação no nível de complexidade estrutural se explica pelo fato de apresentar menor volume de massa morfofonológica entre os apresentados neste recorte da pesquisa. Consequentemente, se apresenta como o mais fácil de ser memorizado como item adversativo, além de ser o item mais referenciado pelas GTs. O *porém* surge na sequência, ocupando uma posição intermediária no *continuum* da complexidade estrutural dos termos.

No que diz respeito aos itens que se mostram mais marcados nesse recorte, há uma divergência do *continuum* apresentado no quadro 6 para o do quadro 7. O item *contudo* tem menor grau de complexidade estrutural em relação ao *entretanto*, pela quantidade de massa que o compõe, sendo inversa a posição no quadro 6, em que o *entretanto* aparece com maior frequência do que o *contudo*, com diferença de 100% de um para o outro.

A explicação para a supremacia do *entretanto* em relação ao *contudo*, mesmo o *entretanto* tendo uma maior complexidade estrutural, pode estar na análise que segue no quadro 8, da complexidade cognitiva dos termos em uso no recorte do século XX.

mas	porém	entretanto	contudo
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 8: Complexidade cognitiva/marcação das conjunções no *corpus* do século XX

O item não-marcado para complexidade cognitiva é o *mas*. Como ratificaremos adiante, o termo é o prototípico da adversidade, uma vez que parece ser o item que primeiro vem à mente do usuário da língua, sendo acionado quando este formula uma estrutura de caráter adversativo.

Nessa ordem de preferência, o *mas* é seguido pelo *porém*, outro item também frequentemente mencionado na GT. O *porém* parece já estar cristalizado como segunda opção de uso dentre os itens adversativos de nossa língua. Assim, os menos marcados de acordo com a complexidade cognitiva parecem ser o *mas* e o *porém* por se apresentarem com maior grau de eficiência para o entendimento do leitor ao ativar a oposição, uma vez que não parecem funcionar em construções completamente destituídas de caráter opositivo, fugindo, assim, à ambiguidade que outros itens podem fomentar, dependendo dos contextos em que são acionados.

Acreditamos que o item *entretanto* aparece em terceiro lugar da lista, apesar de ter um volume estrutural mais amplo do que o *contudo*, por ser processado pelo usuário como um

termo menos formal que este. Não é raro observarmos em textos de alunos o uso equivocado do *contudo* em contextos conclusivos, como se ele tivesse um poder resumitivo. Talvez essa característica diferencie os dois itens tornando o *entretanto* menos complexo cognitivamente se o compararmos com o *contudo*.

Uma vez que as notícias, como vimos anteriormente, necessitam de uma linguagem mais clara, a ativação do *entretanto* talvez seja mais simples do que a do *contudo*, o que podemos defender já a partir da origem etimológica de cada item, como já analisado no capítulo 3: O *entretanto* tem significado original de ‘entre tantas coisas’ e posteriormente ‘enquanto isso sucede’, sendo mais fácil de ativar cognitivamente sua proximidade com o tema de oposição. Já o *contudo* tem como sentido original o ‘com todas essas/ as coisas’, o que o afasta potencialmente de sua função na adversidade.

4.2.2 A marcação no corpus do século XXI

No início do século XXI, as conjunções se apresentaram com a seguinte frequência: *mas*: 63,4%, *no entanto*: 13,4%, *porém*: 11%, *contudo*: 4,9%, *e*: 3,7%, *entretanto*: 1,2%, *em contra partida*: 1,2% e *por sua vez*: 1,2%.

Tentaremos, adiante, apontar as motivações para essa diferença de frequência dos itens de um século pra outro. Antes, observemos os itens *mas*, *no entanto*, *porém* e *contudo* de acordo com os critérios do princípio da marcação:

mas	no entanto	porém	contudo
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 9: Marcação pela distribuição de frequência das conjunções no *corpus* do século XXI

Pelo critério da frequência, percebemos o *mas* como mais recorrente e menos marcado e o item *contudo* como menos frequente e, conseqüentemente, mais marcado, como vemos no quadro 9. Conforme já aludimos, o item *mas* é o preferido como formador de orações adversativas, sendo o item com maior grau de gramaticalização como conjunção adversativa, dentre todos os aqui estudados. Os dados reforçam que esse fenômeno já ocorria no início do século XX e continua a ocorrer no século XXI.

O mais marcado, de acordo com a frequência, continua sendo o *contudo*, tal qual ocorreu no século XX. O que chama a atenção é a inversão, na frequência, dos itens *porém*

(em terceiro lugar neste recorte do século XXI) e *no entanto*, que nem apareceu entre os quatro mais frequentes no século anterior.

Assim, comparando o uso dos quatro itens, quanto à frequência, nos dois recortes, temos o seguinte *continuum* por ordem de frequência:

mas > no entanto > porém > contudo

Houve uma mudança nas posições intermediárias da ordem de frequência em relação ao século XX, que apresentou o *continuum*:

mas > porém > entretanto > contudo

Talvez seja possível, analisando os itens através da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva, encontrar respostas para essa inversão na frequência. Vejamos, na sequência, o quadro 10 com o *continuum* de menos a mais marcado de acordo com a complexidade estrutural dos itens em estudo.

mas	porém	contudo	no entanto
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 10: Complexidade estrutural/marcação das conjunções no *corpus* do século XXI

Levando em conta a complexidade estrutural das conjunções apresentadas nesse recorte, temos o *mas* como menos complexo e menos marcado. O item é o menos extenso estruturalmente, sendo, talvez, por isso, mais fácil de ser acionado pelo usuário. O item *porém*, em se tratando de complexidade estrutural, aparece em segundo lugar, seguindo a observação de sua massa morfológica. Vale ressaltar a coincidência desses usos com as listas presentes em diversas GTs, nas quais o *porém* segue o *mas* na ordem de listagem.

Em sequência, aparece o *contudo*, que possui um maior volume estrutural que os itens já citados e é originário de uma junção de dois outros termos: *com* + *tudo*, o que implica numa estrutura mais complexa que as menos marcadas *mas* e *porém*. Na sequência, surge o *no entanto*, com a estrutura mais complexa dos quatro itens apresentados neste recorte, formada por duas palavras que resistem à fusão, caracterizando-se como o item de maior estrutura.

Quanto à ao critério da complexidade cognitiva, o *continuum* de marcação entre os 4 (quatro) itens mais frequentes pode ser traçado como no quadro a seguir:

Mas	porém	no entanto	contudo
			
- marcado	+/- marcado		+ marcado

Quadro 11: Complexidade cognitiva/marcação das conjunções no *corpus* do século XXI

Seguindo a lógica já apresentada nesta análise, no século XX, o *mas* seria menos complexo que o *porém* e este menos complexo que os demais: *no entanto* e *contudo*. Os aspectos já anteriormente apontados, os quais ratificam tanto o menor quanto o maior grau de marcação dos itens em estudo, poderiam tomar os critérios de complexidade estrutural e cognitiva como determinantes da distribuição de frequência, ou seja, o fato de um elemento linguístico ser menos complexo deve influenciar sua escolha por parte do usuário em determinados contextos de uso.

O termo *mas* é o mais frequente no recorte, o que condiz com sua condição tanto de menor complexidade estrutural quanto de menor complexidade cognitiva. Sua escolha em maior escala para formar a adversidade também comprova o grau avançado de gramaticalização do item como conjunção adversativa.

O *contudo*, como mais marcado, teve seu uso de menos produtivo tanto no recorte do século XX quanto no do século XXI.

Algo que chamou atenção neste estudo foi a alteração no *continuum* de marcação, se considerarmos os itens *no entanto* e *porém*. Pela lógica dos critérios da marcação, o *porém* deveria ser menos marcado que o *no entanto*, tanto pela complexidade estrutural como pela complexidade cognitiva, conforme já explicitamos.

De fato, não podemos explicar essa preferência pelo *no entanto* em detrimento do *porém* recorrendo ao fator flutuação, isto é, a capacidade de poder se colocar em várias partes da sentença, já que os itens compartilham as mesmas características em se tratando de mobilidade na estrutura do enunciado.

A hipótese mais plausível para explicar essa motivação para a preferência atual pelo *no entanto* é a de que os termos *no entanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, de acordo com a GT, são mais usados em textos escritos, caso que se apresenta aqui. Estaríamos, então, diante de uma situação na qual o contexto mais formal exigiria o uso de um conector também mais formal. Mas continuaríamos sem explicações para a supremacia do *porém* no século passado.

Talvez a resposta esteja em outro questionamento: o item *porém*, hoje, pode estar sendo ativado como mais formal do que o *no entanto/entretanto* pelos usuários da língua? Uma resposta à questão poderá, talvez, ser encontrada em pesquisas que manipulem dados de língua oral captados em conversações mais espontâneas, o que foge à nossa ambição no presente trabalho.

4.2.3 A marcação e o contexto de acordo com a posição dos termos na estrutura textual

É relevante entender o processo de escolha e uso dos itens adversativos relacionando-o a suas posições nas orações, uma vez que tal característica é uma das que compõe importância para a definição da prototipicidade de tais itens. Sendo assim, analisaremos as posições nas quais esses itens costumam aparecer: i) ligando orações (no interior de uma mesma frase); ii) iniciando uma nova frase (no interior de um mesmo parágrafo) e iii) iniciando um parágrafo.

4.2.3.1 Marcação quanto ao contexto estrutural: comparativo dos recortes do século XX e do século XXI

Os dados apontam para o uso dos conectivos adversativos em três posições distintas, já previamente apresentadas, mas que aqui serão analisadas na perspectiva contextual de cada recorte temporal. Pretendemos, assim, destacar o item mais frequente de cada amostra, evidenciando as posições estruturais que ocupa, tentando identificar que fatores influenciam a escolha dos usuários por essas posições, como também, se isso imprime características especiais aos usos, ou seja, vislumbramos a possibilidade de emergência de novas subfunções em contextos específicos.

Vejamos as tabelas 11 e 12, com a frequência em que cada item aparece de acordo com as posições tomadas em cada século. Na sequência, selecionando o item mais produtivo em cada recorte, analisaremos manifestações do princípio da marcação quanto ao contexto em que se insere.

Posições Itens	Ligando orações (no interior de uma mesma frase)	Iniciando uma nova frase (no interior de um mesmo parágrafo)	Iniciando um parágrafo
Mas	13	01	0
porém	11	0	0
entretanto	01	0	03
contudo	02	0	0
no entanto	01	0	0
todavia	01	0	0
Total	29	01	03

Tabela 11: Os itens adversativos de acordo com suas posições estruturais no recorte do século XX

Posições Itens	Ligando orações (dentro de uma mesma frase)	Iniciando uma nova frase (dentro de um mesmo parágrafo)	Iniciando um parágrafo
Mas	35	15	02
no entanto	01	05	05
Porém	02	06	01
Contudo	0	03	01
E	03	0	0
Entretanto	0	01	0
em contrapartida	0	01	0
por sua vez	0	01	0
Total	41	32	09

Tabela 12: Os itens adversativos de acordo com suas posições estruturais no recorte do século XXI

Observando os 33 itens presentes na amostra do século XX, temos a tabela 11, que apresenta a distribuição de itens em cada posição em análise. Houve uma maior frequência de itens ligando orações, com 29 (vinte e nove) ocorrências (88%), em seguida, emerge a posição de iniciar parágrafo, com 3 (três) casos (9%), e em último lugar, com 1 (uma) única aparição (3%), iniciando frase (dentro de um mesmo parágrafo). Essa frequência ratifica uma das características formadoras da definição de conjunções adversativas, a da posição fixa na oração, que neste caso seria ligando orações (na fronteira entre uma oração e outra de uma mesma frase).

A tabela 12 apresenta uma mudança bem significativa quanto à frequência dos itens adversativos no interior de uma mesma frase, iniciando uma nova frase e até abrindo um novo

parágrafo, se comparado com a tabela 11. As mudanças se caracterizam da seguinte forma: 50% no recorte do século XXI contra 88% na amostra do século XX, para a posição de início de oração (dentro da mesma frase); 39% no recorte do século XXI contra 3% do recorte do século anterior para a posição de início de uma frase nova; e 11% do recorte atual contra 9% da amostra do século XX iniciando um novo parágrafo.

Partindo dessas constatações, identificamos o item *mas* como mais produtivo nos dois recortes e tomaremos o mesmo para refinar nossa análise dos contextos estruturais mais e menos marcados, conforme quadro 12, a seguir:

Ligando orações	Iniciando uma nova frase	Iniciando um parágrafo
		
- marcado	+/- marcado	+ marcado

Quadro 12: Marcação do contexto estrutural do item mais produtivo dos dois recortes, o *mas*.

De acordo com o quadro 12, consta como posição menos marcada aquela na qual o item aparece ligando orações, no interior de uma mesma frase. Tal posição é a que as gramáticas apontam como a natural para a conjunção, uma vez que, assim, estaria estabelecendo o elo entre as orações. Essa posição é, portanto, a menos marcada visto que o escopo da oposição se restringe às orações que se ligam via conector, como percebemos nos exemplos (58) e (59):

- (58) [...], pois Monteath para se livrar de tão crítica situação, passa para seu Center half¹⁴, que se achava na retaguarda, **mas** que não consegue alcançá-la, [...]. (Jornal do Recife – 03 de agosto de 1915)
- (59) Sport empata com Fortaleza.
Jogando fora de casa contra o líder do Campeonato do Nordeste, O Sport criou as melhores chances, abriu o placar **mas** acabou cedendo para o Fortaleza a igualdade em 1 x 1. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)

Visualizando os dados acima, confirmamos que o *mas* se encontra na fronteira entre duas orações. Essa estrutura leva a uma ativação imediata da condição adversativa das informações. A frequência de uso dessa posição se deu de maneira muito mais produtiva que as demais, seja no recorte do século XX, seja no do século XXI. Isso confirma a relação que há entre maior frequência de uso e dado/contexto menos marcado.

¹⁴ Jogador na posição do meio de campo.

A posição intermediária nesse *continuum* de marcação do *mas* em relação ao contexto estrutural, voltando a observar o quadro 12, é a de abertura de uma nova frase, dentro de um mesmo parágrafo. Normalmente essa posição requer maior esforço na ativação de interpretação por parte do leitor do que a da posição menos marcada, posto que exige atenção em relação ao que foi dito e ao que virá no fluxo textual, considerando um escopo mais ampliado. Vejamos o que ocorre no dado a seguir:

- (60) Sobre a especulação em torno do meia Jackson, que brilhou na Ilha em 1998, Brito foi categórico. “Sempre tivemos interesse no regresso dele. **Mas** garanto, ele não está, pelo menos no momento, na lista do Sport”. (Jornal do Comércio – 01 de janeiro de 2005)

Como podemos perceber, ao iniciar uma nova oração, dentro de um mesmo parágrafo, a carga informacional adquire maior complexidade, se comparada à posição fronteira do conector entre orações. No caso, torna-se necessário ler todo o parágrafo para captar a abrangência do valor adversativo acionado pelo *mas*. Se focalizarmos apenas as duas orações que o *mas* está ligando não daremos conta da carga contextual de que o item depende para que a informação seja processada e interpretada em sua completude.

Assim, quanto à complexidade contextual, o uso de adversativas na fronteira entre orações provavelmente demanda uma quantidade menor de itens linguísticos e de carga informacional em se comparando a outras construções nas quais se amplia o escopo da oposição, seja retroagindo, seja avançando no texto. Assim, maior ainda é a complexidade estrutural quando um item inicia um parágrafo. Tudo que é dito no parágrafo anterior faz parte da análise da adversidade ativada pelo item que inicia o novo parágrafo. Portanto, o volume de estrutura é superior, tanto comparado ao primeiro caso, que liga orações dentro de uma mesma frase, quanto no caso de orações em frases diferentes. É provável que haja um maior número de itens linguísticos, pontuação e uma pausa maior, demandando maior esforço para processamento e interpretação. Tudo isso define a gradação da posição estrutural e a consequente dificuldade contextual: de menos marcada a mais marcada.

A posição mais marcada para o item *mas*, nos dois recortes da pesquisa, pertence, portanto, à abertura de parágrafo. Para que o leitor interprete a intenção de oposição gerada por essa formação de adversidade, é necessário que permaneça atento a todo o volume de informação contido no parágrafo anterior. A carga informacional presente em cada frase do parágrafo anterior será importante para que o leitor alcance a compreensão do que está sendo veiculado, já que se trata de uma contraposição entre o que foi dito e o que virá na sequência do texto.

Vejamos a notícia (61) abaixo, do século XXI, uma vez que, no século XX não houve casos do *mas* abrindo um novo parágrafo.

(61) Zé Carlos dá liderança isolada ao Náutico.

Lateral errou cobrança de falta, **mas** no rebote acertou belo chute, decretando a vitória sobre o ASA.

Um golaço de Zé Carlos deu ao Náutico a liderança isolada da Série B do Campeonato Brasileiro, ontem, nos Aflitos. O lateral-esquerdo acertou um chute de fora da área, aos 46 minutos do segundo tempo, fechando placar de 2x1 sobre o ASA. Beneficiado pelos outros resultados da rodada, o Timbu foi para 1º, com 17 pontos, um a mais que o segundo colocado, o Figueirense. O próximo adversário é o América-MG, sábado, fora de casa.

A partida foi complicada. Aos 4 minutos, Cleiton mostrou que o ASA ia ser um adversário forte em cobrança de falta, defendida por Glédson. Aos 11, o mesmo jogador passou fácil pela defesa alvirrubra e finalizou para nova intervenção do arqueiro Timbu. O Náutico tentava mais nas jogadas de velocidade com seus meias e atacantes. Após uma linda tabela iniciada por João Henrique, Geílson apareceu na frente de Paulo Musse, aos 27. O jogador chutou forte e o goleiro espalmou a bola, que chegou a bater no travessão.

Um jogador que vinha destoando dos demais era o lateral-direito César Prates. O jogador acabou sentindo um estiramento na coxa direita e foi substituído por Márcio Tinga, aos 32.

Pelo lado do ASA, Cleiton continuava como o jogador que podia resolver. Aos 37, ele passou por Wescley e chutou de fora da área, novamente com veneno. A bola quicou quando chegava ao gol e Glédson fez boa defesa.

Aos 42, o Timbu acertou um contra-ataque. Giovanni dançou, passou por três marcadores e entrou na área para cruzar e Cristiano completar de cabeça, marcando 1x0. No segundo tempo, o ASA voltou com mais atitude, tentando recuperar o espaço perdido. Demorou pouco mais de dez minutos para aparecer a primeira chance, e ela foi da equipe alagoana. Júnior Viçosa desceu pela direita e driblou fácil Ramirez antes de finalizar e Glédson salvar mais uma vez.

O goleiro alvirrubro, **no entanto**, saiu de herói para vilão em um instante. Aos 17, Magal errou cruzamento do lado esquerdo e a bola foi na direção de Glédson, que se atrapalhou e a espalmou nos pés de Viçosa. O atacante só teve o trabalho de completar e sair para comemorar o empate.

O treinador Alexandre Gallo colocou o meia Thiago Marín e o atacante Thiaguinho, tirando Giovanni e Cristiano. O time não vinha armando com qualidade, **mas** começou a ter maior posse de bola e a criar jogadas interessantes, principalmente pelo lado direito.

Foi aí que começou uma sequência de gols perdidos. Aos 25, Wescley cabeceou para fora após cruzamento de Marín. Aos 26, Zé Carlos recebeu de João Henrique de frente para o gol e deu um bico por cima. E, aos 29, foi a vez de Marín chutar para fora após boa jogada de Thiaguinho.

Mas a sorte voltaria a sorrir. Aos 46, Zé Carlos bateu falta na barreira. A bola voltou no seu pé e ele acertou um belo chute no rebote, no cantinho esquerdo de Paulo Musse. (Jornal do Comércio – 04 de julho de 2010)

Nesse texto são várias as ocorrências de itens adversativos, entretanto, chamamos a atenção para o uso do ***mas***, em uma estrutura mais ampla, iniciando o último parágrafo da notícia em questão. Percebemos que a compreensão ampla do valor adversativo do item

demanda que se considere o texto na sua íntegra, especialmente, por sua posição de abertura do parágrafo conclusivo do texto. Na verdade, o autor usou o item *mas* para dar uma ideia de sequência textual e finalização de sua proposta discursiva. No caso, o *mas* não está necessariamente promovendo um contraste pontual de ideias, e sim, sequenciando as informações dispostas no texto. O contraste emerge após a leitura integral da notícia. A oração “**Mas** a sorte voltaria a sorrir” traz elementos importantes para a construção do contexto argumentativo. Há todo um relato do que foi acontecendo no desenrolar do jogo. A complexidade estrutural e contextual que a presença desse termo leva ao usuário da língua é muito maior do que a percebida nos exemplos (58) e (59) em que a ativação do valor adversativo restringe-se a um ponto específico do texto.

Percebemos convergências entre o que prega a GT e a escolha dos jornais tanto pela utilização de itens adversativos mais prototípicos como o *mas* e o *porém*, como pela posição mais prototípica das conjunções, que é a de ligar orações no interior de uma mesma frase.

Concluída essa análise do princípio da marcação em relação aos usos dos itens catalogados, abordaremos, na seção que segue, a teoria dos protótipos, buscando averiguar se há diferença entre os itens prototípicos de um recorte para outro e se as relações evidenciadas aqui ratificarão as listas de itens adversativos apresentadas pelas gramáticas citadas anteriormente.

4.3 A TEORIA DOS PROTÓTIPOS

Vimos, no capítulo 1, que a teoria dos protótipos se baseia em características delimitadas, determinantes da classificação de um item como o mais prototípico de determinado grupo ao apresentar maior concentração de características que o compõem. Há, assim, dentro da classificação de um grupo, um conjunto de características determinantes de tal categoria. Quanto mais um item apresenta características inerentes àquele grupo, mais está propício a aproximar-se do protótipo - o item prototípico é aquele que detém maior quantidade de características do grupo em que se encaixa - e quanto menos características apresenta, mais se distancia do seu núcleo. Mesmo assim, o fato de se afastar do centro do grupo não o exclui, sendo seu pertencimento mantido pelo mínimo de características que possa compartilhar.

Esse pensamento já está presente em Silva (2005, p.167) que, ao fazer referência a Givón (1984), afirma:

A prototipicidade é atingida pelos itens que acumulam a maior quantidade de traços ou atributos. Os outros membros que apresentam traços semelhantes devem ser considerados, levando em conta o grau de distância ou proximidade desse número máximo de traços, não deixando de fazer parte da categoria.

Assentados nessa perspectiva de prototipicidade, passamos a analisar os dados do *corpus*, nos recortes do século XX e do século XXI. Faremos tal análise mediante características que elencaremos para avaliarmos o grau de distância e de proximidade que cada item adversativo aqui apresentado exerce dentro do que consideraremos o grupo das conjunções adversativas gramaticalizadas.

Baseados em Silva (2005), elegemos, como parâmetro para aferição da prototipicidade dos itens como conjunções adversativas, as seguintes propriedades:

- **Ocupar posição fixa no início das orações, em uma mesma frase:** O item que se encontra em posição fixa, ligando orações, na fronteira de entre uma oração e outra, tende a se especializar como conjunção.
- **Conectar termos:** Ao conectar termos que acionem contraste, o item passa a acionar também o valor semântico de oposição.
- **Ratificar e ressaltar o valor contrastivo das informações:** A presença do conector já é suficiente para ativar o valor opositivo da informação, sem espaço para ambiguidade interpretativa.
- **Apresentar alto índice de frequência:** Quando um item apresenta grande frequência em uma determinada função, tende a ser candidato a prototípico da categoria que representa.

De acordo com esses critérios, analisamos o comportamento dos itens adversativos listados em cada recorte da pesquisa, observando presença *versus* ausência desses traços, assinalando com os símbolos de (+) para presente e (-) para ausente. No final, serão aferidos os valores que apontam para maior grau de pertença à categoria e, conseqüentemente, maior proximidade ou afastamento do protótipo.

Parâmetros Itens	Posição fixa	Alta frequência	Conectar termos	Ratificar valor opositivo	Total
Mas	+	+	+	+	04
Porém	+	+	+	+	04
Entretanto	-	+	-	+	02
Contudo	+	-	-	+	02
No entanto	-	-	-	+	01
Todavia	-	-	-	+	01

Quadro 13: Prototipicidade dos itens de oposição no recorte do século XX.

Analisando o quadro 13, percebemos que o *mas* e o *porém* têm marcação positiva em quatro dos quatro parâmetros listados em nossa análise, firmando-se como prototípicos dos itens do recorte do século XX. Em sequência, temos o *entretanto* e o *contudo*, com duas marcações positivas nos parâmetros. Para finalizar, aparecem o *no entanto* e o *todavia* como os que apresentam apenas a oposição dentre os parâmetros definidos para análise da prototipicidade nesse recorte de tempo. Seguindo os parâmetros listados, incluindo a frequência, a gradação da prototipicidade fica como ilustrado na figura 2, considerando a maior produtividade dos itens como critério de desempate:

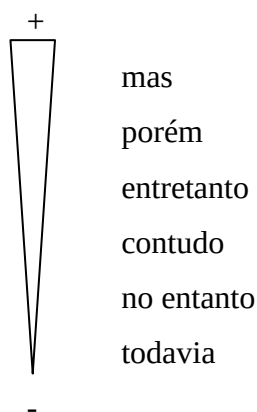


Figura 2: Prototipicidade dos conectores adversativos no recorte do século XX.

Sendo assim, vejamos o exemplo a seguir com a forma mais prototípica dos conectores presenciados na pesquisa:

- (62) Lellys estava regular **mas** pouco marcava [...] (Jornal do Recife – 15 de setembro de 1915)

No excerto (62), o item ratifica a presença de todas as propriedades elencadas em relação ao exame da prototipicidade, além de se encontrar em sua posição mais prototípica,

ligando orações, dentro de uma mesma frase, como já foi abordado previamente neste mesmo capítulo.

Já em relação aos itens listados no recorte do século XXI, temos o quadro 14:

Parâmetros Itens	Posição fixa	Alta Frequência	Conectar termos	Ratificar valor contrastivo	Total
Mas	+	+	+	+	04
No entanto	-	+	-	+	02
Porém	-	+	+	+	03
Contudo	-	-	-	+	01
E	+	-	+	-	02
Entretanto	-	-	-	+	01
Em contrapartida	-	-	-	+	01

Quadro 14: Prototipicidade dos itens de oposição no recorte do século XXI.

No que diz respeito à prototipicidade dos itens adversativos relacionados no recorte do século XXI, já seguindo a posição de frequência que apresentaram na análise, temos a seguinte gradação:

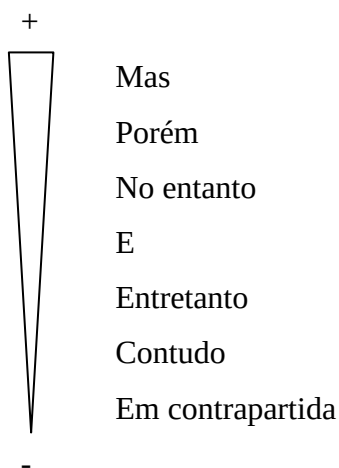


Figura 3: Prototipicidade dos conectores adversativos no recorte do século XXI.

Vejamos o exemplo, a seguir, com o item prototípico no recorte do século XXI, o conectivo *mas*.

- (63) (...) Três minutos depois, o atacante Nilson deixou Valdomiro na cara do gol, **mas** o meia¹⁵ chutou por cima. (Diário de Pernambuco - 04 de março de 2001)

¹⁵ Jogador que tem sua posição na partida de futebol localizada no meio campo.

O item *mas*, nessa ocorrência, exemplifica o prototípico tanto em frequência geral, em comparação a todos os itens relacionados na pesquisa, como em posição na fronteira entre orações, no interior de uma mesma frase.

Não só a frequência, como também a maior incidência dentro dos parâmetros aqui relacionados levam o conector *mas* a se ratificar como prototípico dentre aqueles que concorrem a fazerem parte das conjunções adversativas. O comportamento do item, nesse aspecto, repete-se nos dois recortes temporais da pesquisa.

Entretanto, apesar da manutenção do item *mas* como o prototípico da categoria, notamos uma ampliação dos componentes do grupo, pois novos conectivos foram usados nessa função. Nesse sentido, identificamos o item *em contrapartida*, no século XXI, já se inserindo na lista dos parâmetros aqui selecionados, como termo que aciona o valor adversativo ao conectar orações.

Confirmamos o item *porém* como segundo representante da adversidade no primeiro recorte da pesquisa, posição que perde para o *no entanto* no segundo recorte. Isso pode ser indício de uma inovação nos usos, o que pode vir a se concretizar como mudança no parâmetro da adversidade, nos dias atuais. Essa alteração, por sua vez, só será confirmada – ou rechaçada - com a ampliação de pesquisas que contemplem um volume maior de dados e um número diversificado de gêneros textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos conectores adversativos nas gramáticas de base tradicional, bem como nas de bases funcionalistas, nos permitiu responder algumas das questões da nossa pesquisa.

Nesse sentido, ratificamos nossa hipótese de que as notícias sobre futebol representariam um *locus* produtivo de conectores adversativos, mesmo sendo as informações escassas, quando o futebol estava sendo introduzido no país, no início do século XX.

Também, partindo da análise dos dados, constatamos que o item prototípico da adversidade se mantém em todas as amostras desta pesquisa. Assim, o *mas* permanece em sua posição de prototipicidade como conjunção adversativa, sendo a mais frequente nos dois recortes e a que aparece sempre em contextos opositivos.

No segundo recorte, houve uma mudança na frequência do *porém* que historicamente é apontado em segundo lugar dentre os de maior ocorrência; nos dados da pesquisa, no que se refere ao século XXI, esse item apareceu em terceiro lugar, perdendo para o item *no entanto*. Tal resultado nos impulsionou a um estudo mais detalhado tanto do *porém* quanto do *no entanto*. Pautados pelos indícios encontrados na exposição dos dados, destacamos que os dois conectores se encontram em processo de mudança muito semelhante, possibilitando ao autor dos textos escolher entre um e outro, promovendo – ou não – pequenas alterações na estrutura, e no sentido de seu enunciado. Assim, há indícios de que o *porém* pode estar perdendo sua produtividade enquanto conector adversativo, pelo menos no gênero investigado.

Ainda, percebemos que a GT não atualizou a lista das conjunções adversativas, ou não adota perspectivas novas de observação quanto à mudança que tais itens têm mostrado até chegarem a ser considerados conectores de adversidade. Expor o caminho que cada termo segue ao modificar sua função de advérbio para conjunção, por exemplo, pode colaborar com o estudo de futuros termos que venham a se gramaticalizar como conjunções ou que ainda estejam nesse processo de mudança. Lembramos que, se pautados por uma análise de cunho funcionalista, os estudos sobre os conectores podem se tornar esclarecedores em relação a situações de usos reais da língua.

No que se refere a alguns itens já analisados em outras pesquisas, o *mas*, pelo que se apresentou em nosso *corpus*, evidencia-se com uma posição fixa nas orações em que aparece. Ratifica-se, assim, sua situação bem avançada no processo de gramaticalização, em que o item mudou tanto semântica quanto estruturalmente, passando de advérbio a conjunção, ocupando uma posição mais fixa na oração em relação a sua antiga função de advérbio. O

porém se apresenta como termo mais flexível em relação à posição que ocupa, podendo aparecer no início e no meio da oração, dentro de uma mesma frase, em frases diferentes e também em parágrafo diferente. São indícios de que o item ainda não se encontra em um nível de gramaticalização paralelo ao do *mas*. A mobilidade do item *porém*, assim como de outros itens como *no entanto*, *entretanto*, *contudo*, atesta a herança adverbial, somando-se ao valor adversativo que esses itens ativam nos contextos em análise nesta pesquisa.

Constatamos, ainda, que há uma variedade de itens sendo usados como adversativos, principalmente no período mais recente, no recorte do século XXI. São nove itens distintos que aparecem nos dois recortes. Os conectores *mas*, *porém*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, estão presentes em ambas amostras. O item *todavia* se faz presente só no primeiro recorte. Os itens *e*, *em contrapartida* e *por sua vez* surgem no segundo recorte.

Aplicando alguns princípios funcionalistas aos dados do *corpus*, chegamos a algumas constatações, entre elas o fato de que há manifestação da iconicidade nos contextos que envolvem a notícia sobre futebol, como também que esse fenômeno é produtivo no que se refere à presença de construções adversativas em textos que descrevem disputas futebolísticas.

Além disso, a análise reforça que o fato de o *mas* ser o item menos marcado, estrutural e cognitivamente, pode explicar a preferência do usuário por este conector. Já o tratamento realizado através da teoria dos protótipos confirmou o *mas* como item mais prototípico da categoria de conjunção adversativa, ao mesmo tempo em que ratifica a necessidade de se compreender as categorias linguísticas como abertas à entrada de novos itens, como é o caso, no *corpus*, do conector *em contrapartida*, flagrado funcionando em contextos de adversidade.

No tocante às perguntas norteadoras da pesquisa quanto ao comportamento funcional das conjunções, de acordo com os dois recortes temporais; quanto à frequência dos itens adversativos nas notícias das duas amostras; quanto às listas de conjunções adversativas presentes na GT, comparando com os itens encontrados nessa pesquisa; e quanto à análise das regras que regem tais conectores de acordo com o uso, entendemos que os resultados encontrados são satisfatórios uma vez que respondem claramente a todas elas.

No entanto, embora tenhamos contribuído para a descrição do fenômeno da adversidade no contexto selecionado, acreditamos que outras questões foram suscitadas ao longo da pesquisa e podem ser objeto de novas investigações em oportunidades futuras, dentre elas, a disputa entre o *porém* e o *no entanto*, competição que se insinua como indício de mudança linguística em curso na preferência dos jornalistas pernambucanos. Outro aspecto instigante para novas pesquisas seria a ampliação do *corpus*, de modo a abranger um volume

maior de textos e de gêneros diversificados nos quais a adversidade, temática ora abordada, possivelmente, encontra terreno fértil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa: curso único e completo*. São Paulo: Edição Saraiva, 1962.

ALVES, Givanildo. *História do futebol em Pernambuco (1903/1950)*. Recife: CEPE, 1978.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periodico*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário – tempo brasileiro – TB, 1969.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BARRETO, Therezinha de Mello. Observações sobre as conjunções no século XVI (Ainda perseguindo as conjunções). In *SériedeEncontros, Descrição do Português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: Universidade Estadual de São Paulo, 1999, pp. 141-160.

_____. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador (Bahia) UFBA, Salvador (Bahia).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, Maria Helena de Moura; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb (org.) *Gramáticas contemporâneas do Português: com a palavra, os autores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, pp. 19-30.

BENASSI, Maria Virgínia Brevilheri. *O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BOTARO, Tatiana Cian. *Uma abordagem do funcionamento discursivo das Construções adversativas sob a ótica da Gramaticalização*. (Dissertação de Mestrado). São José do Rio Preto: Instituto Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, 2010.

BRITO, Regina Helena Pires de. *Teoria dos Protótipos: um princípio funcionalista*. Mackenzie: Todas as Letras n. 1, p. 71-79, 1999.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Ed.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASSEB-GALVÃO, Vânia. *Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro*. São Paulo: Filol. Linguíst.. port, n.13(2), p.305-335, 2011.

CASSEB-GALVÃO, Vânia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O equilíbrio na mudança linguística: a gradualidade em processo. In SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.153-169.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Maria Vanda. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. 1. Ed, Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 31ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.

_____. *Dicionário de dificuldades de língua portuguesa* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: CEZARIO, Maria Moura; et al (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2013.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 113-126.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. Ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lyndley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FABRI, Kátia Maria Capucci. *Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos escritos*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística, 2001.

_____. *Um estudo das conjunções adversativas: possibilidades de sentidos*. Uberaba – MG: IX Jornada Científica da FAZU, 2010, p. 18-26.

FERRARI, Lilian Vieira. *A gramaticalização de formas não-finitas como evidência da motivação conceptual do léxico*. Juiz de Fora: Veredas: revista de Estudos Linguísticos, vol 4, nº 2, p. 103-115, 2009.

FISCHER, Olga C. M; NÄNNY, Max. Introduction: Iconicity as a Creative Force in Language Use. In: FISCHER, Olga C. M; NÄNNY, Max. *Miming Meaning: Iconicity in Language and Literature*. Amsterdam: Benjamins, p. 15-36, 1999.

FRAGOSO, Luane da Costa Pinto Lins. *A gramática funcional e o processo de gramaticalização*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. V. II, N. VI, Julho-setembro, 2003.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Emergência e inovação na língua: explorando o paradigma funcional da gramaticalização*. Vitória da Conquista: Fólio – Revista de Letras, v.2, n.1, 2010, p.143-161.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CEZARIO, Maria Maura e FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. V.I. New York: Academic Press, 1984.

_____. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CRAIG, C. (Ed.) *Nouns classes and categorization*. New York: Academic Press, 1986. p. 1-2.

_____. *Syntax. A functional-typological introduction*. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995

_____. *A compreensão da gramática*. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, Edair. *Reflexos da iconicidade no discurso narrativo*. In: *Veredas – revista de estudos lingüísticos*. Vol. 1. n. 1. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to Functional Grammar* (1ª ed.). London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd.; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOPPER, Paul J. *Emergent Grammar*. Berkeley Linguistic Society, n.13, 1987, p.139-57.

_____. The Emergence of Perfective Aspect in Indo-Aryan Languages. In TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (orgs) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.59-90.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, Christian. *Thought on Gramaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thought on Gramaticalization: a Pragmatic Sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1), 1995 [1982].

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué e CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996a.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996b. P. 24-40.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto*. Lisboa: Estudos Linguísticos, 2, Edições Colibri/CLUNL, 2008, PP. 41-60.

_____. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In SOUZA, Edson Rosa de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 87-106.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, E. M. de C.; SANTANA, A. A. *O conector mas: uma análise baseada em textos de alunos em diferentes fases de escolarização*. Periódico Horizonte Científico. Vol 2, Nº1. Uberlândia: UFU, out. 2008, pp. 01-25.

MICHAELIS: *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas. In CRISTIANO, M. E. A; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Demerval da (Org.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004. P. 13-28.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Maria José de. *Conectores adversativos na fala do Natalense: uma análise funcionalista com Implicações para o ensino*. (Dissertação de Mestrado). Natal: UFRN, 2009.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2009.

ROCHA, Ana Paula Antunes. *Gramaticalização das conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PUC, 2006.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo e ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. *Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

ROSA, Leonardo Eberhardt. *Breves notas sobre as conjunções coordenativas: uma análise a partir de três gramáticas normativas e três livros didáticos do ensino fundamental*. Revista EnsiQlopédia – FACOS/CNEC Osório. Vol. 10 – Nº 1 – Out/2013.

ROSCH, Eleanor. *Natural Categories*. Cognitive Psychology, v. 4, 1973, p. 328-350.

_____. *Cognitive Reference Points*. *Cognitive Psychology*, v. 7, 1975, p. 532-547.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. (Tese de Doutorado). João Pessoa: CCHLA/UFPB, 2005.

SILVA, Tatiana Mazza da. *Gramaticalização de conjuntivos adversativos na história do português*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernard. *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. P. 15-23.

WIEDMER, Marcos Luiz. *Developments of grammaticalization theory: interview with professor Christian Lehmann*. Rio de Janeiro: Revista Linguística, v. 9 Nº 2, 2013.